TESS GERRITSEN

A Revelação do suspense médico, género consagrado por ROBIN COOK



Colheita Macabra

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

COLHEITA MACABRA
TEss GERRITSEN

Com vinte e oito anos, a médica interna Abby DiMatteo tem um início de carreira promissor. Assim, sofre um rude golpe quando, ao seguir os ditames da sua consciência em vez de obedecer às ordens, vê o seu brilhante futuro a esfumar-se. E, ao tentar retroceder, descobre um segredo surpreendente que faz perigar muito mais coisas para além da sua carreira. Um romance policial impressionante.

(falta a primeira pagina, que a Ana me vai ditar)
TESS GERRITSEN

co de lã fina e trazia uma pequena mala de viagem de material duro. Não era russa - isso era bem evidente para os quatro rapazes que viviam no apartamento. Era americana ou inglesa e falava um russo fluente, mas com sotaque.

Enquanto os dois homens negociavam bebendo vodca, o olhar da mulher percorria o apartamento minúsculo, observando os velhos beliches do Exército, as pilhas de lençóis sujos e os quatro rapazes aninhados a um canto num silêncio ansioso. Ela tinha olhos cinzento-claros, olhos bonitos, e estudava cada um dos rapazes à vez. Começou por fitar Pyotr, o mais velho, de quinze anos. Em seguida, fitou Stepan, de treze, e Aleksei, de dez. Finalmente, olhou para Yàkov e disse a Misha:

- Você está a agir de forma acertada, Mikhail Isayevich. Estas crianças não têm futuro aqui. Estamos a dar-lhes uma óptima oportunidade! - Sorriu aos rapazes. Stepan, o cretino, retribuiu-lhe o sorriso.

- Eles vão precisar de tempo para aprender a língua - comentou o Tio Misha.

- A nossa agência está bastante familiarizada com as necessidades de transição. Frequentarão durante algum tempo uma escola especial para lhes dar tempo a adaptarem-se.

- E se não conseguirem? Nadiya hesitou.

- De vez em quando, há excepções. Os que têm dificuldades emocionais. - O seu olhar percorreu os quatro rapazes. - Há algum

que o preocupe em particular?

Yàkov sabia que ele era o que tinha as dificuldades de que eles estavam a falar, aquele que raramente ria e nunca chorava, aquele a quem o Tio Misha chamava o seu “rapazinho de pedra”. Yàkov não sabia por que razão nunca chorava. Os outros rapazes, quando se magoavam, vertiam lágrimas grossas e sentidas, Yakov limitava-se a pôr a mente em branco, tal como o ecrã da televisão ficava em branco à noite, depois de as estações terminarem a programação.

O Tio Misha comentou:

- São todos bons rapazes, excelentes rapazes. Yakov olhou para os três companheiros. Pyotr tinha um sobrolho saliente e ombros curvados para a frente, como os de um gorila. Stepan tinha orelhas pequenas e enrugadas, entre as quais flutuava uma noz no lugar do cérebro. Aleksei chuchava no polegar. “E eu”, pensou Yakov, olhando para o seu coto, “tenho só uma mão. Porque diz ele que nós somos excelentes?”

- Aquele ali parece mal-nutrido. - Gregor apontou para Yàkov. -

E que lhe aconteceu à mão?

- Nasceu sem ela.

- Isso não constitui qualquer problema - afirmou Nadiya, levantando-se da cadeira. - Temos de ir. Está na hora.

- Tão depressa? Nem sequer temos tempo para nos despedirmos? Uma onda de irritação perpassou pelo olhar da mulher.

- Só um instante. Não queremos perder as nossas ligações.

O Tio Misha abraçou cada rapaz por sua vez. Quando chegou a Yakov, o abraço foi um pouco mais demorado, um pouco mais apertado.

- Lembra-te do teu tio - sussurrou Misha. - Quando fores rico, na América, lembra-te de como eu olhei por ti.

- Não quero ir para a América - lamentou-se Yakov.

- É melhor para ti. Tens de ir, Yàkov olhou para os outros rapazes, que sorriam uns para os outros. “Estão felizes com isto”, pensou. “Porque serei eu o único a ter dúvidas?”

A mulher pegou na mão de Yakov.

- Eu levo-os para o carro. Gregor pode terminar de tratar dos papéis aqui.

- Tio… - chamou Yakov. Mas Misha já tinha voltado costas e olhava fixamente através da janela.

Nadiya conduziu os quatro rapazes pelo corredor e pelas escadas abaixo. Já se encontravam no rés-do-chão quando Aleksei estacou de repente.

- Esperem! Esquecime do Shu-Shu! - gritou ele, e precipitou-se escada acima.

- Volta aqui - chamou Nadiya. - Não podes subir outra vez!

- Não posso abandoná-lo! - gritou Aleksei, subindo a escada com estrépito.

- Volta já aqui! - A mulher estava prestes a seguir no encalço de Aleksei quando Pyotr disse:

- Ele não vai sem o Shu-Shu.

- Quem diabo é o Shu-Shu? - perguntou ela com brusquidão.

- E um cão empalhado. Tem-no desde sempre. A mulher olhou de relance para o quarto andar, e nesse instante Yàkov viu nos olhos dela uma coisa que não entendeu - apreensão.

Ela estacara como que dividida entre a perseguição e a desistência. Quando o rapaz voltou a descer as escadas a correr, agarrado ao esfarrapado Shu-Shu, a mulher pareceu desfazer-se de alívio de encontro ao corrimão.

- Já cá o tenho - guinchou Aleksei, abraçando o animal empalhado.

- Agora, vamos - ordenou a mulher, apressando-os para o exterior.

Os quatro rapazes enfiaram-se no banco de trás do automóvel, que ficou apinhado, e Yàkov ficou semi-sentado ao colo de Pyotr. Pyotr empurrou-o. Yakov retribuiu-lhe o empurrão.

- Parem com isso - ordenou a mulher do banco da frente. -

Portem-se bem! - Olhou para o edifício na direcção do apartamento de Mislia.

- De que estamos à espera? - perguntou Aleksei.

- De Gregor. Está a assinar os papéis.

- Quanto tempo vai demorar? A mulher recostou-se no banco, olhando fixamente em frente.

- Não muito.

“Foi POR POUCO”, pensou Gregor enquanto o rapazinho Aleksei deixava o apartamento pela segunda vez. Se o miúdo tivesse aparecido um minuto mais tarde, tinha sido o cabo dos trabalhos.

Gregor voltou-se para o proxeneta. Mislia estava de pé à janela a

olhar para a rua, fitando o carro onde os seus quatro rapazes se tinham instalado. Quando se virou de frente para Gregor, os seus olhos estavam realmente cheios de lágrimas, mas as suas primeiras palavras foram para o dinheiro.

- Está na mala?

- Está, sim - respondeu Gregor. - Vinte mil dólares americanos. Cinco mil por criança. Você aceitou o preço.

- É verdade. - Mislia suspirou, passando a mão pelo rosto sulcado. - Vão ser adoptados por famílias decentes?

- Nadiya terá esse cuidado. Ela adora crianças, sabe? Foi por isso que escolheu este trabalho. - Gregor tinha de o afastar da janela. Apontou para a mala, que estava pousada na mesa do fundo. - Vá lá! Conte-o, se quiser.

Mislia dirigiu-se à mala e abriu o fecho. Continha pilhas de notas americanas. Olhou fixamente para o dinheiro, não com um olhar de triunfo, mas com um olhar enojado. Fechou a mala e ficou de pé com a cabeça baixa e as mãos pousadas sobre o plástico preto e duro.

Gregor avançou por detrás da cabeça quase calva de Misha, apontou uma pistola automática com silenciador e disparou duas balas na direcção do cérebro de Mislia. Mislia caiu de rosto para baixo, virando a mesa com a queda. A mala caiu com um baque no tapete a seu lado.

Gregor agarrou precipitadamente na mala antes que o charco de sangue aumentasse e a alcançasse. Olhou à volta da sala para se assegurar de que a sua missão estava cumprida. Em seguida, saiu do apartamento e desceu as escadas.

Nadiya e as suas “encomendas” esperavam no carro. A mulher fitou-o enquanto ele se enfiava atrás do volante, com a pergunta estampada nos olhos.

- Tens todos os papéis assinados? - perguntou ela.

- Sim, estão todos assinados.

Nadiya recostou-se com um suspiro de alívio. Ouvia-se remexer no banco de trás. Gregor olhou pelo retrovisor e

viu que os rapazes se acotovelavam uns aos outros. Todos excepto o mais pequeno, Yakov, que olhava fixamente em frente. Os olhares de ambos encontraram-se no espelho, e Gregor teve a estranha sensação de que um olhar de adulto O fitava através daquele rosto de criança.

Em seguida, o rapaz virou-se e deu um murro no ombro do vizinho. Aquilo fez Gregor sorrir. “Não há razões para me preocupar”, pensou. Afinal, todos eles eram simples crianças.

ERA MEIA-NOITE, e Karem Terrio lutava para manter os olhos abertos. Lutava para conseguir manter-se na estrada.

Guiava há quase dois dias inteiros. Partira imediatamente a seguir ao funeral da tia Georgina e só parara para uma curta sesta ou para engolir um hamburger e um café. Muito café. Ela sabia que devia tentar dormir outra sesta rápida antes de continuar, mas já estava tão perto, só faltavam oitenta quílómetros para Boston.

Uma tabuleta do Burger King acenava-lhe lá adiante do meio da escuridão. Karen saiu da auto-estrada. Lá dentro, pediu um café e uma arrufada e sentou-se. Àquela hora, havia apenas alguns fregueses na sala de jantar, todos eles com traços de exaustão estampados no rosto.

Na mesa ao lado, estava sentada uma mulher com aspecto deprimido acompanhada por duas crianças pequenas que mastigavam bolachas em silêncio. Aquelas crianças tão bem comportadas, tão louras, levaram Karen a pensar nas suas próprias filhas, a dormirem nas suas camas. “Quando vocês acordarem”, pensou ela, “já estou em casa.”

Voltou a encher a chávena de café, cobriu-a com uma tampa de plástico e dirigiu-se para () automóvel. Agora, sentia a cabeça desanuviada. Podia continuar.

Ligou o motor e arrancou para fora do parque de estacionamento em direcção à Estrada 90.

A DRA. ABBY DiMatteo estava cansada, mais cansada do que já alguma vez estivera em toda a sua vida. Encontrava-se acordada há trinta horas a fio e sabia que a sua exaustão se notava. Enquanto lavava as mãos no lavatório da unidade de cuidados intensivos pós-operatórios, vira-se ao espelho e ficara consternada com as olheiras de cansaço por baixo dos olhos escuros e COM o desalinho do cabelo, que caía formando uma juba negra e emaranhada. Já eram 10 da manhã, e ela teria sorte se conseguisse sair do hospital por volta das 5 da tarde. O simples acto de se enterrar numa cadeira nesse momento seria um autêntico luxo.

Mas ninguém podia suportar-se às segundas-feiras de manhã, quando se tinha de fazer a visita aos doentes. E de maneira nenhuma quando o

médico responsável era o Dr. Colin Wettig, director do programa de internos de cirurgia. General do Exército na reserva, o Dr. Wettig tinha fama de fazer perguntas bruscas e implacáveis. Abby tinha pavor dele, e o mesmo sucedia com todos os médicos internos.

Onze internos de cirurgia estavam agora de pé junto à cama 11 da UCI, um semicírculo de batas brancas e verdes à volta do director. O grupo já tinha debatido os planos de tratamento e prognósticos de quatro doentes em pós-operatório. Era a vez de Abby apresentar esse caso.

Embora tivesse uma papeleta nos braços, não olhava para as suas notas. Apresentou o caso de cor, de olhos postos no general.

- O doente é uma mulher de trinta e quatro anos, internada hoje à uma da manhã, depois de uma colisão frontal na Estrada 90. Foi entubada e estabilizada no local e depois trazida para cá de helicóptero. Ao chegar às urgências, apresentava sinais de traumatismos múltiplos. Não reagia a quaisquer estímulos, à excepção de alguns movimentos duvidosos dos músculos extensores …

- Duvidosos? - perguntou o Dr. Wettig. - Que significa isso? Afinal, ela movia ou não os músculos extensores?

Abby sentia o coração bater com força. Engoliu em seco e explicou:

- Por vezes, os membros da doente esticavam com estímulos dolorosos, outras vezes não.

- Como interpreta isso, utilizando a escala de Glasgow para reacções motoras em estado de coma?

- Como uma reacção nula tem a pontuação um e o movimento do músculo extensor tem a pontuação dois, suponho que a doente poderia receber a pontuação de … um e meio.

Uma onda de risadas nervosas agitou o grupo de internos.

- Não existe tal pontuação - comentou o Dr. Wettig,

- Eu sei - respondeu Abby. - Mas a doente não está claramente na situação …

- Continue a sua análise - interrompeu o director. Abby respirou fundo e prosseguiu:

- Os sinais vitais eram tensão arterial de nove seis e cem pulsações. Não se verificava respiração espontânea. A respiração era totalmente assegurada por ventilação mecânica. O exame à cabeça revelou múltiplas fracturas cranianas. Grandes edemas e lacerações tornavam difícil avaliar as fracturas faciais. As pupilas estavam em posição média e sem reacção.

Abby foi descrevendo os aspectos físicos. Ruídos respiratórios normais, coração sem alterações e bom estado do abdómen. O Dr. Wettig não a interrompia. Quando acabou de descrever os aspectos neurológicos, a jovem sentia-se muito mais confiante.

- Qual era então a sua impressão antes de ver os resultados radiográficos? - perguntou o Dr. Wettig.

- Com base na a rreactividade pupilar sem desvio significativo -

respondeu Abby -, pensava na existência provável de compressão da região média do cérebro, mais provavelmente devido a hematoma agudo subdural ou epidural. - Calou-se por um instante e acrescentou com um tom tranquilo de confiança: - A TAC confirmou~o. Através de neurocirurgia, procedeu-se à remoção urgente do coágulo.

- Vamos lá ver como estão as coisas esta manhã - disse o Dr. Wettig, aproximando-se da cama. Fez incidir uma pequena lanterna nos olhos da doente. - Pupilas sem reacção.

Com o punho fechado, premiu com força o esterno. A doente manteve-se imóvel.

- Não há reacção à dor. Todos os outros internos tinham avançado, mas Abby mantinha-se aos pés da cama. Enquanto Wettig prosseguia o seu exame, ela sentia a sua atenção desvanecer-se, arrastada por uma onda de fadiga. Olhava fixamente a cabeça da mulher, rapada havia pouco. O cabelo era espesso, de cor castanha, e estava empapado com sangue e vidros, recordou ela. As roupas também estavam cheias de estilhaços. Nas urgências, Abby ajudara a cortar-lhe a blusa. Era de seda azul e branca, com uma etiqueta da marca Donna Karan. Abby pensou como certo dia, em certo lugar, aquela mulher devia ter estado numa loja a remexer por entre as camisas enquanto ouvia os cabides rangerem ao deslizar pelo varão.

O Dr. Wettig endireitou-se e virou-se para Abby.

- Você diagnosticou um hematoma subdural que foi removido. Então, por que motivo continuam as pupilas em posição média e sem reacção?

Abby hesitou.

- As … alterações das pupilas, o movimento do músculo extensor dos membros … eram sinais da região médio-superior do cérebro. Ontem à noite, supus que se tratava de hematoma subdural a comprimir o cérebro médio. Porém, como a doente não melhorou, creio que indicam hemorragia do cérebro médio. Pode dever-se a forças penetrantes ou a lesão residual provocada pelo hematoma subdural.

O Dr. Wettig voltou-se para os outros internos.

- Hemorragia do cérebro médio é uma suposição razoável. Isto equivale, na escala de Glasgow referente ao estado de coma, a uma pontuação de três… - olhou para Abby de relance - e meio - emendou - e o prognóstico é nulo. O doente não apresenta respiração espontânea nem movimentos espontâneos e parece ter perdido todos os reflexos provenientes do cérebro. Neste momento, não tenho sugestões a fazer além da manutenção vital. E que se tenha em conta a possibilidade de recolha de órgãos.

Dirigiu a Abby um seco aceno de cabeça. Depois, passou para o doente seguinte.

Um dos outros internos apertou o braço de Abby.

- Olá, Abby DiMatteo - sussurrou. - Grande sucesso.

- Obrigada - assentiu Abby com ar cansado.

A CIRURGIÃ-CHEFE do internato, a Dra. Vivian Chão, era uma lenda em Bayside. Segundo se contava, dois dias depois da primeira parte do seu internato, o seu colega também interno sofrera um colapso psicótico e tivera de ser evacuado. Vivian fora forçada a tomar as rédeas. Mudara os seus haveres para o quarto da urgência interna e durante vinte e nove dias não saíra do hospital. Ao trigésimo dia, o seu turno chegara ao fim, e ela saiu em direcção ao automóvel, vindo a descobrir que fora rebocado. O guarda do estacionamento supusera que fora abandonado.

Ao fim do quarto dia do turno seguinte, o interno colega de Vivian fora atropelado por um autocarro e hospitalizado com fractura na região pélvica. Mais uma vez, alguém tinha de tomar as rédeas. Vivian mudou-se para o quarto do hospital.

Quando Abby ouviu pela primeira vez as histórias de Vivian Chão, foi-lhe difícil conciliar a lenda com o que via: uma mulher chinesa lacónica tão pequena que tinha de se pôr em cima de um banquinho para operar. Embora Vivian raramente falasse durante as visitas a doentes, era sempre fácil encontrá-la de pé, destemida, mesmo à frente do grupo, ostentando urna expressão de fria imparcialidade.

Naquela tarde, Vivian aproximou-se de Abby na UCI. Nesse momento, Abby movia-se por entre um mar de exaustão. Nem sequer reparou que Vivian estava de pé a seu lado, até esta comentar:

- Ouvi dizer que admitiu um AB positivo com traumatismo craniano.

Abby ergueu os olhos do carrinho onde estivera a anotar a evolução dos doentes.

É verdade. Ontem à noite. Cama onze. Porquê? Tenho estado a seguir um doente de medicina no serviço de ensino. Falha congestiva em fase terminal. Tipo de sangue: AB positivo. Há um ano que espera um coração novo. - Vivian avançou para o varão do carrinho, puxou a divisória do processo de Karen Terrio para fora e abriu a tampa metálica. O seu rosto não revelava qualquer emoção enquanto perscrutava as páginas.

- Tem apenas dez horas de pós-operatório - comentou Abby, olhando de relance para o cubículo da cama 11. - Parece um pouco cedo para falar em colheita.

- Talvez sim, talvez não. - Vivian voltou a arrumar o processo. -

Até agora, é o mais compatível com o meu doente …

- Acho que é prematuro. Ainda nem sequer se falou com o marido.

- Alguém vai ter de o fazer.

- Ela tem filhos. Eles vão precisar de tempo para aceitar a situação.

- Os órgãos não têm tempo - retorquiu Vivian, afastando-se em seguida.

Apareceu uma enfermeira da UCI.

- O marido de Karen Terrio voltou com as filhas. Posso mandá-los entrar?

Abby dirigiu-se ao cubículo de Karen Terrio e fitou-a.

- Espere - pediu ela. - Ainda não. Esticou rapidamente os cobertores@. Molhou uma toalha de papel e limpou os salpicos de muco seco do queixo da mulher. Em seguida, retrocedendo um passo, fitou-a por uma, última vez. Percebeu então que não podia fazer nada para minorar o desgosto por que aquelas crianças iam passar.

Suspirou e acenou com a cabeça para a enfermeira.

- Agora, podem entrar.

POR voLTA das 4.30, Abby tinha terminado as visitas da tarde. Eram finalmente horas de regressar a casa. Contudo, ao fechar o último processo sentiu-se de novo arrastada até à cama 11. Entrou no cubículo e ficou ali de pé, entorpecida, de olhar fixo em Karen Terrio.

Não ouviu os passos que se aproximavam por trás. Só quando uma voz exclamou “Olá, beleza! ” é que Abby se voltou e deparou com o Dr. Mark Hodell, de cabelo castanho e olhos azuis, que lhe sorria. Era um sorriso especialmente destinado a ela. Na maior parte dos dias, Abby e Mark conseguiam partilhar um rápido almoço juntos ou, pelo menos, acenar um ao outro de passagem. Hoje, porém, nem sequer se tinham visto, e ao vê-lo Abby foi tomada de

urna tranquila vaga de alegria. Ele baixou-se para a beijar. Em seguida, retrocedendo um passo, observou o cabelo dela em desalinho e a farda amarrotada.

- Deve ter sido uma noite difícil - murmurou ele, compreensivo. Quanto tempo dormiste?

- Não sei. Meia hora …

- Ouvi dizer que marcaste mil pontos com o General esta manhã. Ela encolheu os ombros.

- Digamos apenas que ele não me tratou como lixo.

- Isso equivale a um triunfo. Abby sorriu. Em seguida, o seu olhar voltou-se de novo para a cama e o seu sorriso desvaneceu-se.

- Internei aquela doente ontem à noite - contou Abby. - Trinta e quatro anos. Marido e duas filhas. Estiveram aqui há bocado. Ficaram de pé a olhar. Limitaram-se a olhar para ela, mas não se atreveram a tocar-lhe. Eu não parava de pensar: “Têm de lhe tocar, têm de lhe tocar agora, pois pode ser a vossa última oportunidade.” - Passou rapidamente a mão pelos olhos. - Ouvi dizer que o outro tipo vinha a guiar fora de mão, bêbado. Sabes o que me revolta realmente, Mark? Ele vai

77

sobreviver. Neste momento, está sentado lá em cima, no serviço de ortopedia, a gemer por causa de uns ossos partidos.

Abby respirou fundo e, com o suspiro que se seguiu, toda a sua cólera pareceu dissipar-se.

- Supostamente, devo salvar vidas, e aqui estou eu a desejar que aquele tipo tivesse ficado esborrachado na auto-estrada. - Voltou-se na direcção da cama: - Devem ser horas de ir para casa,

Mark percorreu-lhe as costas com a mão, gesto que tanto pretendia ser de consolo como de posse.

- Anda. Levo-te até lá fora - disse ele. Saíram da UCI e entraram no elevador. Quando as portas se fecharam, Abby sentiu-se oscilar e encostou-se a Mark. Ele envolveu-a imediatamente no seu abraço quente e familiar, onde ela se sentia segura.

Há um ano, Mark Hodell estava longe de parecer uma presença tranquilizadora. Na altura, Abby era interna. Mark era médico assistente de cirurgia torácica, cirurgião-chave da equipa de transplantes cardíacos de Bayside. Tinham-se encontrado no bloco operatório por causa de um traumatismo. Mark já se desinfectara e vestira a bata quando Abby entrou no bloco. Ela sentira-se nervosa e intimidada ao pensar que ia ser ajudante do distinto Dr. Hodell. Avançara para a mesa e olhara com timidez para o homem que estava de pé do outro lado da mesa.

O que vira acima da máscara dele fora uma testa larga e inteligente e um par de lindíssimos olhos azuis. Muito directos, muito curiosos.

Operaram juntos. O doente sobreviveu. Passado um mês, Mark convidou Abby para sair. Ela recusou. Não porque não quisesse sair com ele, mas achava que não devia.

Passou mais um mês, e Mark voltou a convidá-la para sair. Desta vez, a tentação venceu. Abby aceitou. Quatro meses depois, Abby tinha-se mudado para casa de Mark, em Cambridge. De início, não fora fácil aprender a viver com um solteirão de quarenta e um

anos. Mas agora, ao sentir Mark a abraçá-la, a apoiá-la, ela não conseguia imaginar-se a viver com outra pessoa ou a amar alguém além dele.

- Pobre querida - murmurou ele, com o seu hálito quente a acariciar-lhe o cabelo.

- Não fui feita para isto.

- Abby, agora estás a passar pela pior parte. Tens só mais dois dias nos traumatizados. Só tens de sobreviver mais dois dias.

- Grande coisa! Depois, entro na cardiotorácica …

- Uma brincadeira em comparação com isto. Os traumatizados são sempre os que nos matam.

Ela aninhou-se mais entre os braços dele.

- Se eu mudasse para psiquiatria, perdias todo o respeito que tens por mim?

- Todo o respeito. Não tenhas dúvidas.

- Saíste-me um bruto! Ele riu e beijou-lhe o alto da cabeça.

- Muitas pessoas pensam o mesmo, mas tu és a única que está autorizada a dizê-lo.

O elevador largou-os no primeiro piso e eles saíram do hospital. Já estavam no Outono, mas Boston sufocava no sexto dia de uma vaga tardia de calor em Setembro. Enquanto atravessavam o parque de estacionamento, Abby sentia as suas últimas reservas de energia a esvaírem-se. Quando chegaram ao automóvel, mal conseguia arrastar os pés.

- Estou em casa dentro de uma hora. Queres que leve uma piza?

- perguntou Mark.

- Para mim, nada. Esta noite só quero uma cama - suspirou ela.

DOIS

URANTE A NOITE, chegou aos seus ouvidos um sussurro suavíssimo: Estou a morrer Essa percepção não assustou Nina Vôss. Durante várias semanas, ao longo das mudanças de turnos de três enfermeiras responsáveis por ela, ao longo das visitas diárias do Dr. Morissey, Nina mantivera a serenidade. E porque não havia de estar serena? A sua vida fora rica em bênçãos. Ela conhecera o amor, a alegria e o deslumbramento. Conhecera também a paz de espírito que acompanha apenas a aceitação do

próprio lugar no universo de Deus. Só lamentava duas coisas: uma era o facto de nunca ter tido uni filho; outra era a solidão a que Victor ficaria votado.

O marido mantivera-se de vigília à sua cabeceira, toda a noite, segurando-lhe a mão nas longas horas de respiração penosa e tosse. Algum tempo antes da aurora, através da neblina dos seus sonhos, Nina ouviu dizer:

- Ela é tão nova. Só tem quarenta e seis anos. Não se pode fazer nada, não se pode fazer mais nada?

Nada! Mais nada! Victor era mesmo assim. Não acreditava no inevitável. Mas Nina acreditava.

Abriu os olhos e viu que a noite tinha finalmente chegado ao fim e que a luz do Sol brilhava através da janela do quarto, da qual se tinha uma vista panorâmica da sua amada Rhodc Island Sotind.

Tantas madrugadas que conheci … Por todas elas Te agradeço, Senhor

- Bom dia, querida - sussurrou Victor. Nina fitou o rosto do marido sorrindo-lhe. Algumas pessoas, ao olharem para Victor Vôss, viam o rosto da autoridade. Outras viam génio ou desumanidade. Mas esta manhã, quando Nina fitou o marido, viu apenas amor. E cansaço.

Estendeu-lhe a mão.

- Devias dormir um pouco, Victor.

- Não estou cansado. - Beijou-lhe a mão com os seus lábios tépidos contra a pele enregelada.

Fitaram-se por um momento. O oxigénio silvava baixinho pelos tubos introduzidos nas suas narinas, e Nina viu uma lágrima a correr pelo rosto do marido abaixo. Oh, mas Victor não chorava! Ela nunca o vira chorar, nem uma única vez, durante os vinte e cinco anos que viveram juntos. Ela considerara-o sempre o forte da casa, o corajoso. Agora, ao olhar para o rosto dele, percebeu como estava enganada.

- Victor, não deves ter medo - animou-o ela, apertando-lhe a mão. Rapidamente, quase com zanga, ele passou a mão pela cara.

- Não vou deixar que isto aconteça. Não vou perder-te.

- Nunca me perderás.

- Não, isso não basta! Quero-te aqui na Terra. Comigo.

- Victor, se há alguma coisa … alguma coisa que eu sei - respirou fundo, ofegante, tentando captar o ar -, é que este tempo … que passamos aqui … é uma parte muito pequena … da nossa existência.

Nina sentiu Victor endurecer de impaciência e afastar-se. Levantou-se da cadeira e avançou até à janela, junto à qual ficou de pé olhando lá para fora.

- Eu vou tratar de tudo, Nina - disse ele.

- Mas, Victor … Victor voltou-se e fitou-a. Os seus ombros, emoldurados pela janela, pareciam obscurecer a luz da madrugada.

- Tudo se há-de arranjar, querida - consolou-a ele. - Não te aflijas seja com o que for.

ERA UM DESSES FINS DE TARDE amenos e perfeitos, com o Sol a acabar de pôr-se e cubos de gelo a tilintarem em copos. Abby, que se encontrava de pé no jardim murado do Dr. Bill Archer, tinha a impressão de que o próprio ar estava cheio de magia, enquanto clematites e rosas cobriam em arco uma pérgula gradeada. O jardim era o orgulho e a alegria de Marilee Archer, cuja alta voz de contralto se ouvia a estrepitar nomes botânicos ao conduzir as mulheres dos outros médicos de canteiro em canteiro pelo relvado fora.

Bill Archer desatou a rir.

- Marilee sabe mais latim do que eu. Estavam reunidos junto ao barbecue de tijolos: Bill Archer, Mark, o General e dois internos de cirurgia. Abby era a única mulher nesse círculo. Era uma coisa a que nunca conseguira acostumar-se - a ser a única mulher no meio de um grupo.

Era Mark que a prendia àquele círculo de homens. Ele e Bill Archer, também cirurgião cardiotorácico, eram colegas muito próximos. Archer, chefe da equipa de transplantes cardíacos, fora um dos médicos que tinham recrutado Mark para Bayside havia sete anos. Não era de surpreender que os dois homens se dessem tão bem, Eram ambos enérgicos, atléticos e ferozmente competitivos. A sua rivalidade amigável estendia-se das pistas de esqui de Vermont às águas da baía de Massachusetts. Ambos tinham os seus barcos

à vela J-35 na marina de Marblehead, e até à data, durante a presente época, a pontuação era de

6-5 a favor de Archer.

Enquanto a conversa mudava de rumo, incidindo agora sobre a manutenção de cascos e desenho de quilhas, a atenção de Abby desviava-se. Foi então que reparou na chegada tardia de dois convidados: o Dr. Aaron Levi e sua mulher, Elaine. Aaron, o cardiologista da equipa de transplantes, era um homem dolorosamente tímido. Já se retirara com a sua bebida para uma extremidade do relvado. Elaine olhava em volta, procurando alguém com quem conversar. Foi a oportunidade de Abby fugir à conversa sobre barcos. Foi ter com o casal Levi.

- Mrs. Levi? Que bom voltar a vê-la! Elaine voltou-se com um sorriso de reconhecimento.

- É … Abby, não é verdade?

- Sim, Abby DiMatteo. Creio que já nos encontrámos no piquenique dos internos.

- Oh, sim, foi isso mesmo. Em que parte do internato se encontra agora?

- Começo amanhã cirurgia cardiotorácica.

- Então, vai trabalhar com Aaron.

- Se tiver a sorte de passar por alguns transplantes.

- Tem de ter. A equipa tem estado tão ocupada ultimamente. Até têm recebido doentes do Massachusetts General Hospital, o que deixa Aaron irritadíssimo. - Elaine inclinou-se na direcção de Abby. -

Há anos recusaram-lhe uma candidatura, e agora estão a enviar-lhe doentes.

- A única coisa que o Massachusetts General tem acima de nós é a sua mística de Harvard - retorquiu Abby. - Conhece Vivian Chao, a nossa chefe de internato?

- Claro,

- Licenciou-se com a nota máxima em Medicina de Harvard. Mas quando chegou a vez de se candidatar ao internato, a sua primeira opÇão foi para Bayside.

Elaine voltou-se para o marido.

- Ouviste isto, Aaron? Na verdade, aqui já estás no topo. Porque havias de querer sair?

- Sair?

Abby olhou para Aaron, mas o cardiologista tinha os olhos fixos na mulher. O silêncio súbito de ambos deixou Abby intrigada.

Em seguida, Aaron pigarreou.

- Foi só uma brincadeira - explicou. - Sabe, era para fugir da cidade, mudar para uma terra pequena. - Deu um gole na bebida. -

Foi tudo uma fantasia.

No estranho silêncio que se seguiu, Abby ouviu alguém chamar o seu nome. Voltou-se e viu Mark a acenar-lhe.

- Desculpem - disse, atravessando o relvado para ir ter com ele.

- Archer anda a mostrar o seu santuário - comentou Mark. Anda. - Pegou-lhe na mão e conduziu-a para dentro de casa.

Archer já estava à espera numa sala situada na extremidade do átrio do segundo piso. Num conjunto de cadeiras de couro, estavam sentados os Drs. Frank Zwick e Rajiv Mohandas.

Abby reparou que estava de pé num museu de instrumentos médicos antigos. Em várias vitrinas estavam expostos diversos apetrechos, simultaneamente fascinantes e assustadores; bisturis e bacias para sangrias, ventosas e fórceps obstétricos com maxilas capazes de esmagar o crânio de um bebé.

- Aaron não vem? - perguntou Archer.

- Já vem a caminho - retorquiu Mark.

- Bom. A porta abriu-se nesse momento, e Aaron entrou. Não disse nada, limitando-se a acenar com a cabeça enquanto se sentava numa cadeira.

- Posso oferecer-lhe um pouco de brandy, Abby? - ofereceu Archer.

Abby sorriu.

- Está bem. Obrigada. Archer serviu a bebida a Abby e entregou-lha. A sala tinha caído num estranho silêncio, como se toda a gente estivesse à espera de que este acto formal terminasse. Nesse momento, houve um facto que lhe chamou a atenção: ela era a única interna na sala. Havia mais seis internos de cirurgia em circulação lá em baixo, no jardim, mas aqui, no santuário privado de

Archer, estavam apenas os seis homens da equipa de transplantes … e Abby.

Sentou-se no sofá ao lado de Mark enquanto ia beberricando a sua bebida. Archer sentou-se à sua frente.

- O General tem-me dado boas informações a seu respeito, Abby.

- O Dr. Wettig? - Abby não conseguiu evitar uma gargalhada de surpresa.

- Ele acha que você é um dos melhores residentes de nível dois do programa. Eu já trabalhei consigo, por isso sei que é verdade.

Abby agitou-se pouco à vontade no sofá. Mark apertou-lhe a mão. Este gesto não passou despercebido a Archer, que sorriu.

- Como é óbvio, Mark considera-a muito especial. E, em parte, foi por isso que julgámos necessário ter esta conversa.

Estendeu a mão para a garrafa de brandy e serviu-se de novo, mas urna pequena dose.

- A nossa equipa de transplantes só está interessada no que há de melhor. Estamos sempre a esquadrinhar os internos em busca de possíveis membros. - Fez uma pausa. - Temos andado a pensar se você poderia estar interessada em cirurgia de transplantes.

Abby lançou a Mark um olhar muito surpreendido. Ele assentiu com a cabeça.

- Não é nada que você tenha de decidir dentro em breve - descansou-a Archer. - Temos os próximos anos para nos irmos conhecendo. Você pode chegar à conclusão de que afinal não está minimamente interessada em cirurgia de transplantes.

- Mas estou. - Abby inclinou-se para a frente com o rosto ruborizado de entusiasmo. - Creio que estou apenas surpreendida. E lisonjeada. Há tantos internos bons no programa. Vivian Chao, por exemplo.

Mohandas interveio:

- Não há dúvida de que a técnica cirúrgica da Dra. Vivian é notável. Recordo vários internos com uma técnica excelente, mas já ouviu o ditado “É possível ensinar um macaco a operar. O difícil é ensiná-lo quando operar”?

- Creio que o que Raj está a tentar dizer é que estamos à procura de bom raciocínio clínico - explicou Archer. - E de espírito de trabalho de equipa. Quando estamos a dar tudo por tudo no bloco operatório, todo o tipo de coisas pode correr mal. Temos de ser capazes de nos mantermos unidos, aconteça o que acontecer. E somos.

- Também nos ajudamos cá fora - acrescentou Frank Zwick. -

Tanto dentro do bloco como fora dele.

- Com certeza. - Archer fitou Aaron de relance. - Não és da mesma opinião?

Aaron aclarou a voz.

- Sim, ajudamo-nos cá fora. É uma das vantagens de entrar para esta equipa.

- Uma das muitas vantagens - acrescentou Mohandas. - Por exemplo, quando terminei o meu internato de cirurgia, tinha vários empréstimos de estudante a pagar. Isso fez parte do meu contrato. Bayside ajudou-me a pagar os meus empréstimos.

Abby acenou com a cabeça.

- Eu estou só a começar a sentir o peso desses empréstimos.

- De qualquer forma, é uma coisa para você pensar - terminou Archer, pondo-se de pé. - Há um cuidado a ter, porém: você foi o único interno a quem nos dirigimos. Seria aconselhável não mencionar isto ao resto do pessoal. Não queremos provocar ciúmes a ninguém.

23

- Claro que não - retorquiu Abby.

- Bom. - Archer olhou à sua volta. - Creio estarmos todos de acordo neste ponto. Certo, cavalheiros?

Houve um assentir geral de todas as cabeças.

- Chegámos a consenso - concluiu Archer, sorrindo. - Isto é o que eu chamo uma verdadeira equipa.

- ENTÃO, que pensas de tudo isto? - perguntou Mark enquanto seguiam de automóvel para casa,

Abby atirou a cabeça para trás e gritou, delirante:

- Estou nas nuvens! Uau, que noite!

- Estás contente, não?

- Estás a brincar? O que eu estou é aterrada.

- Aterrada? Com quê?

- Com medo de estragar tudo, de deitar tudo a perder. Mark desatou a rir.

- Ei, nós já trabalhámos com todos os internos. Acredita, tu és a nossa escolha número um. Fomos todos unânimes nesse ponto.

Abby ficou calada por um instante.

- Até Aaron Levi? - inquiriu ela.

- Aaron? Porque não havia de estar?

- Não sei. Esta noite, estive a falar com a mulher dele. Fiquei com a sensação de que Aaron não estava muito contente. Sabias que ele estava a pensar deixar o hospital?

- O quê? - Mark olhou-a de relance, surpreendido.

- Parece que lhe apetecia mudar-se para uma terra pequena. Durante alguns instantes, Mark conduziu sem dizer uma palavra.

- Deves ter percebido mal - acabou por retorquir. Ela encolheu os ombros.

- Talvez tenha sido isso.

- Luz, por favor - pediu Abby. Uma enfermeira estendeu o braço e ajustou a lâmpada de cima, fazendo incidir o feixe sobre o peito da mulher. Era um peito pequeno, uma mulher pequena. Mary Allen, de

oitenta e quatro anos e viúva, fora admitida em Bayside havia uma semana, queixando-se de perda de peso e fortes dores de cabeça. Uma radiografia torácica de rotina dera origem a uma descoberta alarmante: nódulos múltiplos nos dois pulmões. Durante seis dias, fora submetida a exames por meio de sondas, ecos e radiografias, e o diagnóstico continuava confuso.

Hoje, tinham tido a resposta.

O Dr. Wettig pegara no bisturi e estava de pé, mantendo a lâmina sobre o local da incisão. Em vez de cortar, porém, olhou para Abby.

- A quantas biópsias de pulmões abertos já assistiu, Dra. Abby?

- Cinco, creio eu. Wettig estendeu-lhe o bisturi.

- Esta é sua, doutora. Abby olhou-o, surpresa. O General raramente renunciava à lâmina, nem mesmo a favor dos seus internos de nível mais elevado. Ela pegou no bisturi e sentiu o peso do aço inoxidável a ajustar-se confortavelmente à sua mão. Com mãos firmes, fez a incisão ao longo do bordo superior da quinta vértebra. Outra incisão, mais profunda, separou os músculos intercostais.

- OK, retrair - disse Abby. As vértebras foram afastadas. O ventilador bombeava outra lufada de ar, e um pequeno segmento de tecido pulmonar encheu-se como um balão, aparecendo através da incisão. Abby prendeu-o, ainda cheio de ar, e focou a sua atenção sobre o segmento de tecido pulmonar exposto. Bastou-lhe um olhar de relance para localizar um dos nódulos. Fez deslizar os dedos através dele.

- Parece bastante sólido - comentou. - Não é bom sinal. Começou a resseccionar a parte do pulmão que continha o nódulo. Wettig assentiu com a cabeça.

- Este é agressivo. Há oito meses, a radiografia que fez estava normal. Agora, é como uma quinta de criação de cancro.

Abby terminou a ressecção e suturou o bordo cortado do pulmão. Wettig não fez comentários. Limitou-se a observar com o seu olhar tão frio como sempre. O silêncio era um elogio suficiente. Finalmente, com o peito fechado e o dreno colocado, Abby descalçou as suas luvas ensanguentadas.

- Agora, vem a parte difícil - disse ela enquanto as enfermeiras empurravam a maca da doente para fora do bloco operatório. - Dar-lhe a má notícia.

- Ela sabe - retorquiu. - Sabem sempre. Seguiram o chiar das rodas da maca até ao recobro. Na divisória protegida com cortinas, Mary Allen começava a mexer-se. Moveu o pé e gemeu. Com o estetoscópio, Abby auscultou os pulmões da doente e depois ordenou:

- Dêem-lhe cinco miligramas de morfina por via íntravenosa. A enfermeira injectou uma ampola grande de sulfato de morfina -

o suficiente para atenuar a dor, permitindo contudo uma ligeira recuperação da consciência. Os gemidos de Mary cessaram.

- Ordens pós-operatórias, Dr. Wettig? - perguntou a enfermeira. Abby olhou para Wettig, que respondeu:

- A Dra. Abby DiMatteo é a responsável por este caso - e saiu da sala.

Outro voto de confiança para Abby. Ela levou o processo para a secretária e começou a escrever:

“Diagnóstico: pós-operatório de biópsia de nódulos pulmonares múltiplos. Estado: estável.”

Escreveu com firmeza as prescrições de dieta, medicamentos e actividade.

- Dra. Abby? - Era uma voz através do intercomunicador.

- Sim? - respondeu Abby.

- Teve uma chamada da neurocirurgia há cerca de dez minutos. Querem que passe por lá. É qualquer coisa relacionada com uma doente chamada Terrio.

- Disseram o que se passava?

- Querem que fale com o marido.

- OK, obrigada. Com um suspiro, Abby fechou o processo e dirigiu-se à cama de Mary Allen para uma última verificação do monitor cardíaco e dos sinais vitais. A doente recomeçara a mexer-se e a gemer. Continuava com dores.

Abby fitou a enfermeira.

- Mais dois miligramas de morfina. Depois, dirigiu-se para o local onde se encontraria com Joe Terrio.

ERAm 3 da tarde, e passavam sessenta e uma horas desde que um condutor embriagado chocara com o automóvel de Karen Terrio. Ela tinha trinta e quatro anos, não era seropositiva e estava livre de cancro e de infecções. Também registava morte cerebral. Numa palavra, era um supermercado vivo de órgãos saudáveis para doação. Com uma colheita terrível, meia dúzia de vidas poderiam ser salvas.

Abby puxou um banco e sentou-se em frente de Joe. Ela era a única médica que passara realmente muito tempo a falar com ele, por isso as enfermeiras tinham-na chamado agora para esta conversa. Tratava-se de convencê-lo a assinar os papéis pelos quais autorizaria a morte da mulher.

- Joe - começou Abby -, o coração dela é forte. Pode continuar a funcionar durante algum tempo, mas não para sempre. O organismo sabe que o cérebro está morto.

Joe olhou-a de frente com os olhos vermelhos das lágrimas.

- Eu sei. - Esfregou o rosto com as mãos. - Eu sei. Em seguida, voltou a olhar para o monitor, o único ponto da sala para o qual lhe parecia ser possível olhar em segurança.

- Parece tudo demasiado rápido.

- Não é. Temos apenas um certo período de tempo até que os órgãos deixem de funcionar normalmente e não possam ser usados. E ninguém será ajudado por isso, Joe.

Ele fitou-a.

- Trouxe os papéis?

- Tenho-os aqui. Joe mal olhou para os impressos. Limitou-se a assinar o seu nome e a devolvê-los. Uma enfermeira e Abby testemunharam a assinatura.

ABBY DEPAROU com Vivian Chao a vestir-se no vestiário do bloco. Vivian tinha acabado de sair de uma cirurgia de emergência de quatro horas; contudo, nem uma única mancha de suor maculava as roupas esterilizadas que despira.

Abby contou-lhe:

- Temos autorização para a colheita. Joe Terrio acabou de assinar os papéis.

- óptimo. Vou mandar fazer o teste de compatibilidade linfocitária. - Vivian fechou o cadeado do seu cacifo. - Tens um minuto? Quero apresentar-te a Josh, o meu doente no serviço de ensino. Ele está na UCI de medicina.

Saíram do vestiário e dirigiram-se ao átrio para apanhar o elevador.

- Não se pode avaliar o êxito de um transplante cardíaco antes de se ter visto o antes e o depois - comentou Vivian. - Por isso, vou mostrar-lhe o antes. Talvez isso lhe facilite as coisas.

- Que quer dizer?

- A sua mulher tem coração, mas não tem cérebro. O meu rapaz tem cérebro, mas não tem coração. Depois de se ultrapassar a tragédia, tudo faz sentido.

JOSHUA O'Day estava a dormir na cama 4.

- Tem dormido muito estes dias - sussurrou a enfermeira, uma rapariga loura de rosto meigo cuja placa de identificação ostentava o nome HANNAH LOVE, R.N.

- Alteração na medicação? - perguntou Vivian.

- Julgo que se trata de depressão - suspirou Hannah. - É um miúdo espantoso, sabe? Muito simpático, um pouco ingénuo. Mas ultimamente a única coisa que faz é dormir ou olhar fixamente para os seus troféus.

Indicou com a cabeça a prateleira ao lado da cama, onde vários prémios desportivos e de escutismo haviam sido amorosamente dispostos.

O rapaz parecia muito mais novo do que Abby esperara. Dezassete anos, segundo o processo. Poderia passar por catorze. Um emaranhado de tubos de plástico com os mais variados objectivos possíveis cercavam-lhe a cama.

- Há quanto tempo está doente? - perguntou Abby.

- Há um ano que não vai à escola - retorquiu Vivian. - O vírus de Coxsackie B atingiu-o há dois anos. Passados seis meses, registava insuficiência cardíaca congestiva. Está na UCI há um mês, so a espera de um coração.

Calou-se por um momento e sorriu.

- Não é verdade, Josh? Os olhos do rapaz estavam abertos. Pestanejou por várias vezes e depois sorriu a Vivian.

- Olá, Dra. Vivian.

- Josli, trouxe comigo uma pessoa para te conhecer. Esta é a Dra. Abby DiMatteo, uma das nossas estagiárias de cirurgia.

- Olá, Josh - saudou Abby.

O rapaz pareceu hesitar um momento antes de voltar a assumir completamente o seu olhar ausente. Não fez comentários.

- Aceitas que a Dra. Abby te examine? - indagou Vivian.

- Porquê?

- Quando receberes o teu novo coração, ficarás como aquele louco Corredor das Estradas da televisão. Não conseguiremos manter-te atado o tempo suficiente para um exame.

Josh sorriu.

- Está tão convencida disso tudo. - Puxou a bata para cima. Abby pousou o estetoscópio sobre o coração do rapaz e escutou o seu adejar, semelhante às asas de um pássaro, contra a “gaiola” de vértebras, sem deixar de fitar o olhar fixo dele, circunspecto e desconfiado. Quando finalmente se endireitou e meteu o estetoscópio de novo no bolso, notou o olhar de alívio no rosto de Joshua.

É tudo? - inquiriu ele. E tudo. - Abby alisou-lhe a bata de hospital. - Então, qual é a tua equipa preferida, Josh?

- Red Sox. O meu pai gravou todos os jogos deles para mim. Quando eu voltar para casa, vou vê-los todos.

Respirou fundo, inspirando uma grande lufada de ar da máscara de oxigénio, e olhou para o tecto, Depois, disse baixinho:

- Eu quero ir para casa, Dra. Vivian.

- Eu sei - respondeu Vivian.

- Quero rever o meu quarto. Tenho saudades do meu quarto. Engoliu em seco, mas não conseguiu reprimir um soluço. - Só quero ver o meu quarto

Hannah colocou-se logo ao lado dele. Envolveu o rapaz num abraço apertado. Ele esforçava-se por não chorar, com os punhos cerrados.

- Está tudo bem - murmurou Harmali. - Querido, não tenhas vergonha e chora. Eu estou aqui contigo.

O olhar dela cruzou-se com o de Abby por cima do ombro do rapaz. As lágrimas no rosto da enfermeira não eram de Josh, eram dela.

Abby e Vivian saíram da sala em silêncio. Na sala das enfermeiras da UCIM, Abby observou Vivian enquanto esta assinava em duplicado a credencial para o teste de compatibilidade linfocitária entre o sangue de Josh O'Day e Karen Terrio.

28

COLHEITA MACABRA

- Quando é que ele pode ser operado? - perguntou Abby.

- Amanhã de manhã. Quanto mais depressa, melhor. O rapaz teve nada menos que três episódios de taquicardia ventricular só no último dia. Não lhe resta muito tempo.

- Dra. Vivian? - interrompeu a secretária do serviço.

- Sim?

- Acabei de telefonar para a UCIC por causa do teste de compatibilidade linfocitária. Disseram que já estão a fazer um com o sangue da Karen Terrio, mas não é com Josh O'Day.

Vivian voltou costas a Abby e fitou a secretária.

- O quê?

- Estão a fazer o teste com uma doente particular chamada Nina Voss.

- Mas Josh está em estado crítico! Está no topo da lista.

- Só me disseram que o coração vai para essa outra doente. Com três grandes passadas, Vivian estava ao telefone, marcando um número com fúria. Passado um momento, Abby ouviu-a dizer:

- Daqui Dra. Vivian Chao. Eu quero saber quem mandou fazer esse teste de compatibilidade linfocitária com Karen Terrio.

Ficou à escuta. Depois, franzindo o sobrolho, desligou.

- Quem foi? - interessou-se Abby.

- Mark Hodeil.

TRÊS

BBY e Mark tinham reservado mesa num restaurante perto de casa. '@Embora pretendesse ser uma celebração para marcar os seis meses de vida em comum, o estado de espírito à mesa era tudo menos alegre.

- Eu só queria saber quem diabo é essa Nina Voss - disse Abby.

- Não sei, já te disse - respondeu Mark. - Agora, podemos pôr o assunto de parte?

- O rapaz está em estado crítico. Há um ano que está na lista. Aparece um coração AB positivo finalmente e vocês boicotam o

sistema? Ceder o coração a um doente particular que ainda está em casa?

- Nós não vamos cedê-lo, está bem? Foi uma decisão clínica.

- De quem foi a decisão?

- De Aaron Levi. Ele pediu-me que mandasse fazer análises laboratoriais ao dador. Agora, podemos mudar de assunto?

Ela observava-o a beber lentamente o seu vinho. Ele nem sequer olhava para ela, não procurava o seu olhar.

- Quem é esta doente? - perguntou Abby. - As enfermeiras disseram-me que ela vinha a caminho, de avião, de Rhode Island.

- Ela e o marido vivem em Newport durante o Verão.

- Quem é o marido dela?

- Um tipo chamado Victor Voss. É tudo o que eu sei sobre ele. Abby fez uma pausa.

- Como é que Voss arranjou dinheiro?

- Será que eu falei de dinheiro?

- Uma casa de Verão em Newport? Poupa-me, Mark! Ele continuava a não olhar para ela. Tantas vezes até à data ela tinha-o olhado de frente, à mesa, e visto tudo o que a atraíra da primeira vez: o olhar directo, os quarenta e um anos de rugas de expressão, o sorriso fácil. Mas esta noite ele nem sequer a fitava.

Abby comentou:

- Não sabia que era tão fácil comprar um coração.

- Estás a inventar conclusões.

- Dois doentes precisam de um coração. Um deles é um miúdo pobre, sem seguro. A outra tem uma casa de Verão em Newport. Assim, qual deles recebe o prémio? É mais que óbvio.

Mark estendeu o braço para a garrafa de vinho e encheu novamente o seu copo.

- Olha - disse ele -, eu passo todo o dia no hospital. A última coisa que me apetece fazer é falar sobre isso. Por isso, vamos esquecer o assunto.

Ambos se calaram. O assunto do coração de Karen. Terrio apagava as centelhas de qualquer outra conversa. Abby pensou: “Só estamos juntos há seis meses, e os silêncios já começaram.”

Depois, prosseguiu:

- Aquele rapaz faz-me lembrar o meu irmão, Pete. Pete era fã dos Red Sox.

Mark não disse nada, mas arqueou os ombros, sentindo-se pouco à vontade. Nunca se sentira à vontade quando se falava de Pete. Era natural, pois a morte não era um assunto agradável para os médicos. “Todos os dias jogamos ao gato e ao rato com essa palavra”, pensou Abby. “Dizemos ‘expirou’ ou ‘não pôde ressuscitar’ ou ‘ocorrência terminal’, mas raramente dizemos ‘morreu’.”

O jantar comemorativo foi um fiasco. Acabaram de comer mal trocando mais palavras entre si.

De regresso a casa, Mark refugiou-se atrás da sua pilha de revistas cirúrgicas. Era assim que ele sempre reagia aos desentendimentos -

retirada. Que diabo, com uma saudável discussão podia ela bem, agora o silêncio era-lhe insuportável.

Mais tarde, ficaram deitados lado a lado na cama sem se tocarem. Mas, de súbito, Abby já não conseguiu aguentar mais o silêncio.

- Detesto quando fazes isto! - exclamou. - Eu só quero que continues a falar comigo.

- Está bem. Que queres que eu te diga?

- Qualquer coisa! O rapaz na UCI tem apenas dezassete anos.

- A decisão não foi só minha. Toda a equipa de transplantes está envolvida. Até Jeremiah Parr.

- Porquê o director do hospital?

- Parr quer que as nossas estatísticas pareçam boas. E toda a investigação revela que os doentes externos têm maiores probabilidades de sobreviver a um transplante.

- Sem um transplante, Josh O’Day não vai sobreviver de maneira nenhuma.

- Eu sei que é uma tragédia. Mas é a vida. Ela deixou-se ficar deitada, muito quieta, assombrada com o tom neutro dele.

- Podias fazê-los mudar de ideias - replicou ela.

- Tarde demais. A equipa já decidiu.

- Que é essa equipa, afinal? É Deus? Sem levantar a voz, Mark avisou:

- Tem cuidado com o que dizes, Abby.

- Referes-te à sagrada equipa?

- Na outra noite, em casa de Archer, estávamos todos convencidos daquilo que dissemos. De facto, Archer disseme que tu eras o melhor material para pertencer à equipa que ele vê de há três anos para cá. Mas nós precisamos de pessoas que trabalhem connosco, não contra nós.

- Mesmo que eu não concorde com vocês?

- Faz parte de pertencer a uma equipa, Abby. Todos nós temos os nossos pontos de vista, mas tomamos as decisões em conjunto e mantemo-nos fiéis a elas.

Estendeu-se para tocar na mão dela e disse com carinho:

- Vá lá. Há internos lá fora que eram capazes de matar para pertencerem à equipa de trans lantes de Bayside. A ti isso foi-te oferecido praticamente de bandeja. É isso que tu queres, não é?

- Claro que é o que eu quero. Assusta-me ver quanto o quero.

- Então, não estragues tudo, Abby. Por favor, para bem de nós dois.

- Falas como se tu fosses aquele que tem tudo a perder.

- Fui eu que sugeri o teu nome. Disselhes que eras a melhor escolha que podiam fazer. - Mark fitou-a. - E continuo a pensar assim.

Por um momento, continuaram deitados sem falar. Depois, Mark estendeu a mão e acariciou-lhe a anca. Não foi um verdadeiro abraço, Mas uma tentativa de abraço.

Foi o suficiente. Abby deixou que ele a tomasse nos braços.

O APITO SIMULTÂNEO de meia dúzia de pagers foi seguido por um curto aviso através do sistema de altifalantes do hospital: “Código azul, UCIM. Código azul, UCIM.”

Abby juntou-se a outros internos que se precipitavam para as escadas. Quando chegou à UCIM, uma multidão de pessoal médico já ali se aglomerava. Abriu caminho até ao grupinho de batas brancas e cirúrgicas. No centro, jazia Joshua O‘13ay. Hannah Love fazia-lhe massagem cardíaca. Abby olhou para o ecrã do monitor: fibrilhação ventricular. O padrão de um coração moribundo.

- Tubo ET de sete e meio! - gritou uma voz. Abby reparou em Vivian Chao, inclinada atrás da cabeça de Joshua, com o

laringoscópio preparado. A enfermeira instrumentista passou um tubo endotraqueal a Vivian enquanto o técnico de respiração, segurando uma máscara de anestesia contra o rosto de Josh, bombeava oxigénio manualmente para os pulmões do rapaz.

- OK - disse Vivian -, vamos entubá-lo.

O técnico retirou a máscara. Passados segundos, Vivian tinha colocado o tubo ET e ligado o oxigénio.

O médico interno observou o monitor.

- Ainda em fibrilhação ventricular. Vamos usar as pás. Duzentos joules. - Bateu com as pás desfibrilhadoras sobre o peito do rapaz. -

Todos para trás.

A onda de electricidade percorreu o corpo de Joshua O'Day. Ele estrebuchou de forma grotesca e depois ficou imóvel.

- Ainda em fibrilhação ventricular. - comentou alguém. -

Bretílio, dois e cinquenta.

Hannah recomeçou automaticamente a fazer compressão torácica. Estava corada e transpirada, com uma expressão atordoada de medo.

- Posso substituí-la - ofereceu-se Abby. Assentindo com a cabeça, Hannah afastou-se para o lado. Abby colocou as mãos sobre o peito magro e frágil de Joshua e começou a bombear. Concentrou-se: força, aliviar, força, aliviar.

- Todos para trás outra vez - gritou alguém. Abby afastou-se. Outra sacudidela das pás, outro espasmo. Uma nova voz juntou-se à confusão à volta da cama.

- Vamos experimentar uma ampola de cloreto de cálcio. Cem miligramas - aconselhou Aaron Levi.

Estava de pé junto aos pés da cama, com o olhar fixo no monitor. A ampola foi injectada no tubo de administração intravenosa.

- OK, voltem a experimentar as pás - ordenou Aaron. -

Quatrocentos joules.

Outra sacudidela. O traço do monitor subiu rapidamente. Quando estabilizou, ouviu-se um apito. Depois outro e ainda outro.

- Estou a sentir o pulso! Já sinto o pulso! - exclamou uma enfermeira.

- Tensão arterial sete quatro … A subir para nove cinco. Um suspiro colectivo pareceu percorrer toda a sala. Aos pés da

cama, Hannah Love chorava sem vergonha. “Bem-vindo de regresso à Terra, Josh”, pensou Abby com o olhar nublado pelas lágrimas.

Pouco a pouco, os outros internos foram saindo, mas Abby sentia-se demasiado esgotada para os seguir. Em silêncio, ajudou as enfermeiras a recolherem todas as seringas e frascos de vidro usados, consequência de todo o código azul.

O silêncio foi quebrado por Vivian.

- Ele podia estar agora a receber o tal coração. - Estava de pé junto à prateleira ao lado da cama que ostentava os troféus de Joshua, pegou numa fita de lobito. - Podia ter entrado no bloco operatório esta manhã. O transplante teria sido por volta das dez, mas você não me deu autorização. Só adiou, adiou … Se o perdermos, a culpa é sua, Aaron.

Vivian olhou para Aaron Levi, cuja caneta estacara a meio da assinatura da folha de código.

- Dra. Vivian - pediu Aaron com voz calma -, importa-se que falemos neste assunto em particular?

- Não me importo quem possa estar a ouvir! A compatibilidade é perfeita - respirou fundo. - Não sei que diabo você pensa que está a fazer.

- Enquanto não se acalmar, não vou debater o assunto consigo -

retorquiu Aaron.

Em seguida, voltou costas e saiu da sala. Vivian ficou de pé, muito pálida, a observar o peito de Josh subir e descer a cada pffff do ventilador.

- Vou transferi-lo - anunciou ela.

- O quê? - Abby fitava-a sem querer acreditar. - Para onde? - Massachusetts General, serviço de transplantes. Prepare Josh para a ambulância. Vou fazer os telefonemas.

Hannah Love protestou.

- Ele não está em condições de ser deslocado.

- Se ficar aqui, perdemo-lo - replicou Vivian. - Quer deixar que isso aconteça?

Hannah baixou os olhos.

- Não - respondeu ela. - Não, eu quero que ele viva.

- Ivan Tarasoff foi meu professor de Medicina em Harvard -

prosseguiu Vivian. - Ele é o chefe da equipa de transplantes. Se a nossa equipa não quer fazê-lo, Tarasoff fá-lo-á.

- Mesmo que Josh sobreviva à transferência - comentou Abby continua a precisar de um coração de dador.

- Então, temos de lhe arranjar um. - Vivian olhou de frente para Abby. - O de Karen Terrio.

Foi então que Abby compreendeu precisamente o que tinha de fazer. Assentiu com a cabeça.

- Vou falar já com Joe Terrio.

- Tem de ser por escrito. Certifique-se de que ele assina.

- E quanto à colheita? Não podemos recorrer à equipa de Bayside.

- Tarasoff gosta de enviar o seu próprio homem para a colheita. Nós prestar-lhe-emos assistência. Temos de agir rapidamente antes que alguém possa impedir-nos.

Vivian olhou para Abby.

- OK, Abby. Vai arranjar-nos um coração.

NOVENTA minutos depois, Abby estava a desinfectar-se. Terminou o enxaguamento final e, de cotovelos dobrados, entrou de costas pela porta do bloco operatório 3.

Karen Terrio, a dadora, jazia sobre a mesa. Vivian, de bata e luvas, estava de pé ao lado da mesma.

- Assinado e selado? - inquiriu.

- Em triplicado. Está no processo. A própria Abby tinha dactilografado a autorização de doação orientada, uma declaração que especificava que o coração de Karen Terrio devia ser doado a Josh O'Day, de dezassete anos.

Fora a idade do rapaz que movera Joe Terrio. Enquanto estava sentado à cabeceira da mulher, segurando-lhe a mão, escutara em silêncio enquanto Abby lhe falava de um rapaz de dezassete anos que adorava basebol. Sem dizer uma palavra, Joe assinara o papel; Em seguida, despedira-se da mulher com um beijo.

Abby foi ajudada a vestir uma bata e luvas esterilizadas. - Quem vai fazer a colheita? - perguntou.

- O Dr. Frobisher, da equipa de Tarasoff - retorquiu Vivian. - Neste momento, vem a caminho.

- Alguma mensagem sobre Josh do Massachusetts General?

- Tarasoff telefonou há dez minutos. Já registaram e confirmaram o tipo do sangue e tem um bloco desocupado. Estão à espera.

Cinco minutos depois, a porta do bloco abriu-se de par em par, deixando passar o Dr. Frobisher.

- Luvas tamanho nove - pediu com brusquidão. A atmosfera na sala tornou-se imediatamente tensa. Ninguém, a não ser Vivian, trabalhara com Frobisher até à data, e a sua expressão feroz não estimulava conversas. Com uma eficiência silenciosa, as enfermeiras ajudaram-no a vestir a bata e a calçar as luvas. Ele dirigiu-se para a mesa. - História desta doente?

- Lesão na cabeça. Morte cerebral. Impressos de doação todos assinados. Tem trinta e quatro anos, anteriormente saudável, e as análises sanguíneas foram todas feitas.

Frobisher pegou num bisturi e tocou com a lâmina o peito de Karen Terrio. Com um único golpe rápido, cortou directamente no centro, deixando exposto o esterno.

34

COLHEITA MACABRA

- Serra do esterno. Em poucos segundos, tinha chegado à cavidade torácica, e o bisturi estava colocado sobre o pericárdio, cuja membrana abriu delicadamente. Ao primeiro olhar para o coração ainda em actividade, soltou um leve sussurro de satisfação. Fitando Vivian de frente, perguntou:

Que acha? É lindo - respondeu ela com os olhos brilhantes. - É o coração indicado para Josh.

Frobisher ordenou à enfermeira:

- Solução salina gelada! Prepare o iglu. E é melhor que alguém chame uma ambulância para o transporte.

Vivian fitou Abby.

- Vamos precisar de ti para a entrega.

- E os meus doentes?

- Eu substituo-te. Deixa o teu pager na secretária do bloco.

O bisturi de Frobisher movia-se com rapidez, soltando o coração com vista à sua remoção. O órgão continuava a bombear. Era altura de o fazer parar, acabando com os últimos vestígios de vida em Karen Terrio.

Frobisher injectou quinhentos centímetros cúbicos de uma elevada solução de potássio na raiz da aorta. O coração bateu uma vez, duas vezes, e depois parou, paralisado pela súbita infusão de potássio. Abby não pôde deixar de olhar para o monitor. Já não havia actividade ECG. Karen Terrio estava finalmente, e clinicamente, morta.

Uma enfermeira deitou solução gelada na cavidade torácica, refrigerando rapidamente o coração. Frobisher voltou ao trabalho, ligando, cortando. Em seguida, ergueu o coração e passou-o com cuidado por uma bacia com solução salina fria. Uma enfermeira avançou segurando um saco de plástico. Frobisher colocou o órgão já limpo no saco, para onde se deitou mais um pouco de solução salina gelada. O coração foi metido em dois sacos e colocado numa geleira com gelo.

- É seu, Dra. Abby DiMatteo - anunciou Frobisher. - Vá na ambulância. Eu sigo no meu carro.

Abby pegou na geleira. Já estava a empurrar as portas do bloco operatório quando ouviu a voz de Vivian dizer-lhe:

- Não o deixes cair.

No MASSACHUSETTs GENERAL, uma enfermeira de farda verde estava à espera no estacionamento das ambulâncias. Transportando a geleira, Abby saiu da ambulância e seguiu a enfermeira através do átrio de entrada das urgências até ao elevador.

- Como está o rapaz? - perguntou Abby.

- Pusemos-lhe um bypass. Não pudemos esperar.

- Entrou de novo em código?

- Não deixa de estar em código.

Saíram do elevador e transpuseram a correr uma série de portas automáticas até à ala de cirurgia.

- É aqui. Eu levo o coração - disse a enfermeira, pegando na geleira. - Se vestir roupa limpa, pode entrar.

- Obrigada, acho que vou. Quando Abby se esgueirou para dentro do bloco operatório, os cirurgiões já tinham removido o coração doente de Josli O'Day. Abby avançou até à cabeceira da mesa e ficou de pé ao lado do anestesista. Lá em cima, o monitor cardíaco registava uma linha plana. Não havia nenhum coração a bater no peito de Josh; era a máquina de bypass que estava a trabalhar sozinha.

O anestesista fitou Abby.

- Vem de Bayside?

- Sou o estafeta. Como está a correr até agora?

- Durante algum tempo, foi como um jogo da apanhada, mas a pior parte já passou. Tárasoff é rápido.

Indicou com a cabeça o cirurgião-chefe. Ivan Tarasoff, com as suas sobrancelhas cor de neve e o seu olhar suave, era a imagem do avô ideal para toda a gente. Não era exibicionista nem egocentrista, apenas um técnico a desempenhar tranquilamente a sua função.

Abby olhou de novo para o monitor. A linha continuava plana.

Os PAis de Josli O’Day estavam a chorar na sala de espera, soluços misturados com risos. À volta todos sorriam. Eram 6 da tarde, e o martírio deles chegara finalmente ao fim.

- O coração novo está a trabalhar na perfeição. É um coração bom e forte. Deve durar até ao fim da vida de Josh - anunciou o Dr. Tarasoff.

- Não esperávamos isto - disse Mr. O’Day. - Só nos disseram que o tinham transferido para aqui devido a determinado tipo de emergência. Pensávamos … pensávamos… - Voltou-se, incapaz de falar.

- Mr. e Mrs. O’Day? Se quiserem ver Josh, ele está a começar a acordar - disse uma enfermeira em voz baixa.

Um Tárasoff sorridente observava os O’Days enquanto eram conduzidos em direcção à sala de recobro. Em seguida, voltou-se e fitou Abby com os seus olhos azuis cintilantes.

- E por isto que o fazemos. Por momentos como este - exclamou.

- Foi por pouco… - retorquiu Abby.

- Por muito pouco … - Abanou a cabeça. - Diga a Vivian que me dê um pouco mais de tempo da próxima vez.

- Vivian sabia o que estava a fazer enviando-lhe o rapaz a si.

- Vivian Chao sabe sempre o que está a fazer - riu ele. - Você está no programa de cirurgia de Bayside com ela?

Abby assentiu com a cabeça.

COLHEITA MACABRA

- No segundo ano.

- Bom. Não há mulheres suficientes nesta área. Há demasiadas lâniffias masculinas. Só pensam em cortar.

- Isso nem parece conversa de cirurgião.

- Uma pequena blasfémia é uma coisa saudável - sussurrou ele. Abby olhou para o relógio.

- Tenho de regressar a Bayside. Talvez não devesse ter ficado para a operação, mas estou contente por assim ter decidido. - Sorriu ao cirurgião. - Obrigada, Dr. Tarasoff, por ter salvo a vida do rapaz.

Ele apertou-lhe a mão.

- Eu sou apenas o canalizador, Dra. Abby DiMatteo - retorquiu ele. - Você trouxe a peça vital.

JÁ PAssAvA DAs 7 quando o táxi deixou Abby em Bayside. Ao entrar no átrio, a primeira coisa que ouviu foi o seu nome através do altifalante. Pegou no intercomunicador.

- Daqui fala Abby DiMatteo.

- Doutora, há horas que tentamos apanhá-la - disse a telefonista.

- Vivian Chão devia substituir-me. Ela anda com o meu pager.

- Não, nós temos o seu pager aqui na secretária da central telefónica. Mr. Parr anda à sua procura.

- São sete horas. Ele ainda cá está?

- Há cinco minutos atrás estava. Abby desligou, sentindo o estômago palpitar de susto. Jeremiali Parr era o director do hospital, não era médico. Até à data, ela só falara com ele uma vez. Agora, ele andava a tentar contactá-la às 7 da tarde.

"Isto não pode ser bom", pensou ela enquanto seguia de elevador para o segundo piso.

A ala da administração estava parcamente iluminada por uma única fila de painéis de tecto fluorescentes. Abby avançou sob a faixa de luz com passos silenciosos sobre o tapete. Na outra extremidade do átrio, via-se luz pela fresta de uma porta fechada. Estava alguém na sala de reuniões.

Chegada à porta, bateu. A porta escancarou-se. Jeremiali Parr estava de pé de olhar fixo nela. Atrás dele, sentados à mesa de reuniões, encontrava-se meia dúzia de homens. Ela olhou de relance para Bill Archer, Mark e Mohandas. A equipa de transplantes.

- Dra. Abby DiMatteo - começou Parr. - Desculpe, não sabia que andava a tentar contactar-me - lamentou Abby. - Estive fora do hospital.

- Nós sabemos onde esteve. Parr saiu da sala. Mark saiu logo atrás dele e fechou a porta; os dois homens encararam Abby no corredor pouco iluminado.

- Venha ao meu gabinete - ordenou Parr. Mal tinham entrado, bateu com a porta. - Compreende o mal que causou? Faz alguma ideia?

Abby fitou Mark, mas o rosto dele não lhe revelou nada. Assustava-a não poder ver através da máscara o homem que

amava.

- Josh O'Day está vivo - retorquiu ela. - O transplante salvou-lhe a vida. Não posso considerar isso um erro de qualquer tipo.

- Abby - interrompeu Mark -, nós não estamos a pôr em questão os teus instintos. Esses foram bons. Claro que foram bons.

- Que conversa é essa de instintos, Hodell? - exaltou-se Parr. -

Elas roubaram o maldito coração! Elas sabiam o que estavam a fazer.

- Obedecer às ordens da chefe dos internos era precisamente o que Abby devia fazer. E foi o que fez … obedecer a ordens.

- Tem de haver consequências. Despedir a chefe dos internos não é suficiente.

Despedida? Vivian? Abby fitou Mark, tentando confirmar a suspeita.

- Vivian confessou tudo - explicou Mark. - Ela confessou que te coagiu a ti e às enfermeiras a executar o seu plano.

- Acho difícil pensar que a Dra. Abby DiMatteo se deixe coagir com tanta facilidade - estranhou Parr. - Havia o tal impresso de doação orientada no processo. - Parr voltou-se para Abby. - Elaborado e testemunhado por si.

- Joe Terrio assinou-o de livre vontade - respondeu Abby. - Ele concordou que o coração devia ser para o rapaz.

- O que significa que ninguém pode ser acusado de roubo de órgão

- notou Mark. - Foi perfeitamente legal, Parr. Vivian sabia exactamente que cordelinhos puxar e puxou-os. Incluindo os de Abby.

Abby começou a falar, tentando defender Vivian, mas depois viu o olhar de aviso de Mark. Tem cuidado. Não caves a tua própria sepultura.

Parr voltou-se para Abby com o rosto rígido de cólera.

- Temos uma doente que deu entrada para receber um coração. E agora não temos coração para lhe dar. Que diabo devo dizer ao marido? "Desculpe, Mr. Voss, mas o coração foi colocado no sítio errado?" Dra. Abby, a senhora tomou uma decisão que não era da sua competência. Victor Voss já descobriu tudo. Agora, Bayside vai

ter de pagar por isso. Grande festa. Assim sendo, você fica imediatamente excluída do programa de internos.

Abby fitou-o em estado de choque. Sentia um nó a apertar-lhe a garganta.

- Não pode fazer isso - interrompeu Mark.

- Porque não? - retorquiu Parr.

- Por um lado, é uma decisão que cabe ao director do programa. Conhecendo o General, não creio que lhe agrade ver a sua autoridade ultrapassada. Por outro, o nosso staff de cirurgia já está a dar muito de si. Perder Abby significa que o serviço cardiotorácico estará de turno

noite sim, noite não. Vão ficar cansados, Parr, vão fazer disparates. Se quiser ter advogados a bater-lhe à porta, é isso que deve fazer.

Jeremiah Parr fitou Mark com um olhar brilhante.

- Isto é temporário. Creia-me, isto é apenas temporário. - Voltou-se para Abby. - Amanhã, terá mais notícias. Agora, saia daqui.

Demasiado atordoada para pensar, Abby lá conseguiu sair pelo seu próprio pé do gabinete de Parr. Ao fundo do corredor, parou. Sentiu o atordoamento dar lugar às lágrimas quando Mark a alcançou.

- Abby - fê-la voltar-se de modo a encará-lo -, isto tem sido um campo de batalha durante toda a tarde. O que é que tu pensaste que estavas a fazer hoje?

- A salvar a vida de um rapaz! - A sua voz cedeu, desfeita em soluços. - Fizemos precisamente aquilo que devíamos ter feito. Limpou as lágrimas com um gesto de cólera. - Se Parr quiser processar-me, então que o faça. Apresentarei os factos a qualquer comissão de ética. Talvez venha a ser despedida, mas saio aos pontapés e aos gritos.

Voltou-se e atravessou o átrio.

- Há outra forma, uma forma mais fácil. - Mark pegou-lhe no braço. - Deixa que seja Vivian a sofrer as consequências. Ela aceitou as culpas e fê-lo para te proteger a ti e às enfermeiras. Deixa que fique tudo nesse pé.

- Mas Vivian salvou a vida do doente dela. Não se despede ninguém por isso!

- Ela violou a regra número um da casa: jogar com a equipa. Este hospital não se pode dar ao luxo de perder “canhões” como Vivian Chao. Um médico ou está connosco ou está contra nós. - Mark fez uma pausa. - Que conclusão tiras agora?

- Não sei. - Abby abanou a cabeça. - Agora, já não sei.

- Pesa bem as tuas opções. Vivian já terminou o internato, agora pode ser eleita para qualquer quadro, pode arranjar trabalho. Mas tu só tens parte do internato. Se fores despedida agora, nunca chegarás a cirurgiã. Que vais fazer? Passas o resto da vida como médica de companhias de seguros

- Não. - Inspirou fundo e depois expirou num acesso de desespero. - Não!

Mark acenou com a cabeça.

- Então, escuta-me, Abby. Eu posso falar ao Archer e aos outros. Se todos ficarmos do teu lado, Parr terá de voltar atrás.

- Isso é um grande “se”.

- Tu podes ajudar a que isso aconteça. Primeiro, deixa que Vívian assuma as responsabilidades. Ela era a chefe dos internos e tomou uma decisão insensata.

- Mas isso não é verdade!

- Ainda só viste metade do filme. Não viste a outra doente.

- Que outra doente?

- Nina Voss. Foi internada hoje. Talvez fosse bom dares-lhe uma olhadela. Veres por ti própria que a escolha não era assim tão óbvia.

Abby engoliu em seco.

- Onde está ela?

- Quarto piso, UCI de medicina.

AINDA NO CORREDOR, Abby já conseguia ouvir a agitação na UCIM: a cacofonia de vozes, o gemido de uma máquina de raios X portátil, dois telefones a tocarem ao mesmo tempo.

- Dra. Abby DiMatteo, talvez fosse bom ver isto - exclamou Aaron Levi com um olhar de raiva mal contida. Tinha acabado de sair do cubículo 5.

Algumas enfermeiras fitavam-na fixamente; a maior parte virava-lhe declaradamente a cara. Abby foi até à janela do cubículo 5. Através do vidro, viu uma mulher deitada na cama, uma mulher de

aspecto frágil, com cabelo louro-esbranquiçado e um rosto tão pálido como os lençóis. Um tubo ET tinha sido inserido através da sua garganta e estava ligado a um ventilador. A doente lutava contra a máquina, com o peito agitado por movimentos espasmódicos enquanto ela tentava aspirar algum ar. A máquina não colaborava. Zumbiam sinais de alarme enquanto a máquina tentava ajudar a doente a respirar, mas ao seu próprio ritmo preestabelecido, ignorando as inspirações desesperadas da mulher. Esta tinha as duas mãos atadas. Uma enfermeira tentava acalmá-la, mas ela, plenamente consciente, olhava fixamente o tecto com uma expressão de puro terror. Era o olhar de um animal a ser torturado.

- Esta é Nina Voss - indicou Aaron. Abby mantinha-se calada, atordoada com o horror estampado nos olhos da mulher.

-Deu entrada há oito horas. Às cinco, entrou em código. Taquicardia ventricular. Há vinte minutos, voltou a entrar em código. Marcaram-lhe uma cirurgia para esta noite. A equipa estava preparada. O bloco estava preparado. Depois, descobrimos que o coração que devia ser doado a esta mulher tinha sido roubado. Roubado, Dra. Abby DiMatteo.

Abby ficou paralisada pelo martírio a que assistia no cubículo 5. Nesse momento, os olhos de Nina Voss ergueram-se na sua direcção. Foi apenas uma breve troca de olhares, uma súplica de misericórdia. O sofrimento estampado naqueles olhos deixou Abby muito abalada.

- Nós não sabíamos. - sussurrou ela. - Nós não sabíamos que o estado dela era tão grave.

Dissesse o que dissesse, não podia justificar o sofrimento sentido para lá daquela janela. Mal reparou num homem que se encaminhava

na sua direcção, vindo da sala das enfermeiras. Só quando ele perguntou “Esta é a Dra. Abby DiMatteo?”, é que fitou o rosto do homem. Na

40

COLHEITA MACABRA

casa dos sessenta, alto e bem vestido, era o tipo de homem cuja simples presença chama a atenção.

- Sou Abby DiMatteo - respondeu ela calmamente. Mas, ao dizer estas palavras, percebeu o sentimento que se lia no olhar do homem. Era ódio, ódio puro e venenoso. O homem avançou para ela.

- Então, você é a outra - exclamou ele. - Você e aquela médica chinoca.

- Mr. Voss, por favor - suplicou Aaron.

- Pensam que podem pregar-me partidas destas? - gritou Voss a Abby. - Vão sofrer as consequências, doutora. Azar o seu. Eu hei-de fazer tudo para que sofram as consequências. - De punhos cerrados, deu mais um passo na direcção de Abby. - Eu quero-a fora deste hospital! Não quero voltar a vê-la!

- Mr. Voss - interrompeu-o Abby -, lamento muito. Não posso exprimir como lamento …

- Levem-na mas é para fora do meu alcance! - rugiu Voss. Aaron colocou-se rapidamente entre ambos. Pegou em Abby pelo braço e afastou-a do cubículo.

- É melhor sair - aconselhou ele. Ela assentiu humildemente.

- Está bem, eu saio - respondeu em voz baixa.

TRÊS HORAS DEPOIS, Stewart Sussman dava a curva da Tanner Avenue, e do seu automóvel analisou o número 1451. A casa era mo-desta, com persianas escuras e alpendre de entrada coberto.

Sussman saiu do carro, e, passado um momento, um homem abriu a porta, com os olhos raiados de vermelho.

- Sim? - disse ele.

- Desculpe incomodá-lo, Mr. Terrio. O meu nome é Stewart Sussman, sou advogado. Fui enviado aqui por uma pessoa que está muito preocupada com as circunstâncias que rodearam a morte da sua mulher.

- Circunstâncias?

- Ela era doente do Centro Médico de Bayside, não é verdade?

- Olhe, eu não quero nenhum maldito perseguidor de ambulâncias a incomodar-me esta noite.

Joe fez menção de fechar a porta, mas Sussman estendeu a mão a fim de o impedir.

- Mr. Terrio - prosseguiu Sussman -, tenho razões para crer que uma das médicas da sua mulher cometeu um erro. Possivelmente, Karen não teria tido de morrer. Ainda não posso estar seguro desse factO, mas com a sua autorização posso investigar os registos. Posso desvendar os factos.

Lentamente, Joe deixou que a porta voltasse a abrir-se para trás.

- Quem o enviou? Sussman olhou para trás com um olhar de compreensão.

- Um amigo.

QUATRO

ABBY NUNCA TIVERA MEDo de ir trabalhar, mas enquanto se dirigia para o Hospital de Bayside naquela manhã, sentia-se a caminhar directamente para o fogo. Na noite anterior, Parr ameaçara-a com sanções; hoje, ela teria de enfrentá-las. Mas enquanto Wettig não a despojasse dos seus privilégios hospitalares, estava determinada a fazer tudo como de costume. Ia desempenhar as suas funções e bem. Era um dever para com os seus doentes - e para com Vivian. Havia apenas uma hora tinham falado ao telefone, e Vivian dissera-lhe:

- Alguém daí tem de falar a favor de Josh O'Day. Assume essa missão, Abby, por ti e por mim.

No momento em que entrou na UCIC, Abby ouviu as vozes a baixarem de tom. Agora, já toda a gente devia saber do caso de Josh O'Day. Embora ninguém proferisse uma palavra, Abby notava os olhares pouco à vontade das enfermeiras. Dirigiu-se ao ficheiro e retirou os processos dos seus doentes para a visita. Colocou-os num carrinho e empurrou-o até ao cubículo do primeiro doente da sua lista, Mary Allen, ainda em observação na sequência da biópsia.

Estava deitada na cama com os olhos fechados. Abby aproximou-se dela e chamou-a:

- Mrs. Allen? Remexendo-se, a mulher despertou.

- Dra. Abby DiMateo - sussurrou ela.

- Como se sente hoje?

- Não muito bem. Ainda dói, sabe. Abby viu pelo processo que as enfermeiras tinham-lhe dado morfina frequentemente. Obviamente, não fora suficiente.

- Vamos dar-lhe mais remédio para as dores - tranquilizou-a Abby. - Tanto quanto for necessário, para que se sinta bem

- Para me ajudar a dormir também. Não consigo dormir. - Mary deu um suspiro de profundo cansaço. - Só queria dormir e não voltar a acordar. A senhora é a minha médica. Não podia fazer isso por mim?

- Podemos fazer as dores desaparecerem - respondeu Abby.

- Mas não conseguem tirar o cancro, pois não? Os olhos dela fitavam Abby pedindo sinceridade.

- Não - retorquiu Abby. - Está espalhado por demasiados sítios.

podemos administrar-lhe quimioterapia para o abrandar. Ganhar algum tempo para si.

- Tempo? - Mary soltou uma gargalhada resignada. - Para quê? Para ficar aqui deitada mais uma semana, mais um mês? Preferia acabar com tudo de uma vez.

Abby pegou na mão de Mary.

- Primeiro vamos tratar das dores. Se o fizermos, pode ser que tudo o resto pareça diferente.

Mary limitou-se a voltar-se para o lado, de costas para Abby, impedindo-a de continuar.

- Suponho que queira auscultar-me os pulmões - disse ela. Ambas sabiam que o exame era uma mera formalidade. Abby seguiu os trâmites habituais. Depois de terminar, a sua doente continuava deitada de costas para ela.

- Vamos transferi-la para um quarto da enfermaria - anunciou Abby. - Será mais sossegado do que aqui.

Não houve resposta. Apenas um respirar fundo, um longo suspiro. Abby saiu do cubículo sentindo-se derrotada. Abriu o processo de Mary e escreveu: “Doente manifesta desejo de morrer. Aumentar sulfato de morfina para controle da dor e mudança do

estado de código.” Escreveu a ordem de transferência e entregou-a a Cecily, a enfermeira de Mary.

- Quero que ela se sinta sempre confortável - recomendou Abby.

- Varie a dose consoante o grau de dor. Dê-lhe a quantidade necessária para ela dormir.

- Qual é o nosso limite superior? Abby hesitou, pensando na linha finíssima que separa o bem-estar da inconsciência. Depois, decidiu:

- Não há limite superior. Ela está às portas da morte, Cecily. Ela quer morrer. Se a morfina facilitar as coisas, então é isso que devemos dar-lhe, mesmo que tal signifique que o fim chega um pouco mais cedo.

Cecily assentiu com a cabeça; os seus olhos espelhavam uma silenciosa concordância.

ERAm 4 DA TARDE. Abby estava de serviço desde as 7 da manhã, e ainda lhe faltavam vinte e quatro horas de serviço. Mas até ao momento ainda ninguém a despedira. De facto, Colin Wettig tinha-a chamado à parte para lhe dizer, no seu habitual tom brusco, que ela tivera uma avaliação extraordinária na valência de traumatizados.

“Vai tudo correr bem”, pensou ela enquanto se encontrava de pé no bloco operatório a observar um doente, a cuja operação acabara de assistir, ser levado para o recobro. “De algum modo, tudo vai acabar bem.”

A enfermeira de serviço meteu a cabeça pela porta.

- Dra. Abby DiMatteo? Chamam-na à administração.

- Agora?

- Estão à sua espera - respondeu a enfermeira, e saiu. Abby transpôs a porta do bloco operatório e avançou com ar grave para o elevador.

Com o mesmo terror que sentira na noite anterior, saiu no segundo piso e dirigiu-se ao gabinete de Jeremiah Parr. Bateu à porta.

- Entre - ouviu Parr responder. Com um suspiro trémulo, Abby entrou. Parr levantou-se do lugar onde estava sentado, junto a uma mesa de reuniões. No gabinete, encontravam-se também Colin

Wettig e uma mulher que Abby não reconheceu - andava na casa dos quarenta anos, tinha cabelo castanho e um fato azul de bom corte.

- Dra. Abby DiMatteo - disse Parr -, apresento-lhe Susan Casado, a advogada do hospital.

Uma advogada? Isto não me cheira bem. Abby sentou-se ao lado de Wettig. Então, Parr começou:

- Dra. Abby DiMatteo, talvez fosse bom dizer-nos qual foi o seu papel nos cuidados prestados a uma tal Mrs. Terrio.

Abby franziu o sobrolho. Não era isto que ela esperava.

- Fiz a avaliação inicial a Mrs. Karen Terrio - respondeu ela. -

Depois, enviei-a para neurocirurgia. Eles responsabilizaram-se pelo caso.

- Bom, durante quanto tempo esteve a seu cargo?

- Oficialmente? Cerca de duas horas, mais ou menos.

- E durante essas duas horas o que é que fez exactamente?

- Estabilizei-a. Pedi as análises necessárias. Mas as minhas notas de internamento e prescrições devem estar no registo médico.

- Lembra-se de ter feito alguma coisa que possa ter afectado negativamente a evolução do estado da doente?

- Não.

- Segundo creio, a doente sucumbiu.

- Ela sofrera um grave traumatismo cerebral. Um acidente de viação. Foi-lhe declarada morte cerebral. - Abby olhou para os circunstantes à volta da mesa. - Alguém pode explicar-me o que se passa?

- O que se passa - retorquiu Parr - é que o nosso agente de seguros, Vânguard Mutual, recebeu uma notificação há umas horas dizendo que a senhora … e Bayside … vão ser processados por Joseph Terrio por negligência.

Abby sentiu os pulmões esvaziarem-se de ar. Ela sabia que todos esperavam a sua resposta, mas a única coisa que conseguiu exprimir foi um olhar chocado.

- Presumo que não estava à espera disto - comentou Susan Casado.

- Eu Abby engoliu em seco. - Não, não, tem de haver algum engano.

- Claro que há um engano - exclamou Wettig. Todos olharam para o General, que mantivera um silêncio de pedra.

- Eu próprio revi o processo. Página por página. Não há negligência nenhuma registada. A Dra. DiMatteo fez tudo o que devia ter feito.

- Então, por que razão é ela a única médica nomeada no processo? inquiriu Parr.

- Eu sou a única? - Abby fitou a advogada. - Então, e a neurocirurgia? As urgências? Ninguém mais foi nomeado?

- Só a senhora, doutora - respondeu Susan. - E a sua entidade patronal: Bayside.

Abby recostou-se, estupefacta.

- Não acredito.

- Nem eu - reforçou Wettig. - As coisas não se fazem assim, todos nós o sabemos. Habitualmente, os advogados nomeiam todos os médicos que tenham estado a um quilómetro do doente. Está a passar-se qualquer outra coisa.

- É Victor Voss - concluiu Abby em voz baixa.

- Voss? - Wettig acenou a mão, rejeitando essa hipótese. - Ele não tem nada a ver com o assunto.

- Ele está decidido a arruinar-me. É isso que ele tem a ver Fitou os presentes à volta da mesa. - Por que razão acham que só o meu nome foi citado? Voss entrou de algum modo em contacto com Joe Terrio. Convenceu-o de que eu fiz qualquer coisa de errado. Se ao menos eu pudesse falar com Joe …

- De maneira nenhuma - interrompeu-a Susan. - Seria um sinal de desespero. Se na verdade não houve negligência alguma, a queixa será arquivada.

- E se mesmo assim eles insistirem em ir a tribunal?

- Não faria sentido nenhum. Só as despesas legais seriam …

- Não vê que Voss deve estar por trás a cobrir os custos? A ele não lhe importa ganhar ou perder. Ele pode pagar a um exército de advogados só para me manter assustada, localizar todos os doentes que já tratei. Convencer um por um a interporem uma acção contra mim.

- E nós somos a sua entidade patronal - completou Parr. Susan interveio:

- O jogo ainda mal começou. Temos meses para manobrar, para planear uma reacção. Entretanto - olhou para Abby -, você também pode pensar na hipótese de contratar o seu próprio advogado particular.

PARA ABBY, estar de serviço naquela noite foi uma bênção disfarçada. Uma revoada de telefonemas e recados pelo altifalante manteve-a a correr durante toda a noite. Teve pouco tempo para pensar na acção de

Joe Terrio, embora de vez em quando desse consigo a raiar perigosamente uma crise de lágrimas.

Às 10 horas, estava finalmente livre para se retirar para o quarto dos médicos de serviço. Demasiado desmoralizada para conversar, deitou-se e ficou de olhar fixo no tecto. Todo o seu corpo se sentia sem vida.

Acabou por se mexer às 10.30, quando o telefone tocou. Sentou-se e estendeu o braço para o auscultador.

- Dra. Abby DiMatteo.

- Aqui é do bloco operatório. Os Drs. Archer e Hodell precisam de si cá em cima.

- Vou já. Abby desligou com um suspiro. Em qualquer outra altura já se teria posto de pé, precipitando-se para a desinfecção. Esta noite, mal conseguia pensar que tinha de enfrentar a presença de Mark e Archer do outro lado da mesa da sala de operações.

Encontrou-os no décimo segundo piso, na sala de estar dos cirurgiões. Estavam de pé junto ao microondas, conversando em voz baixa. Mal a viram, porém, sorriram em simultâneo. Archer saudou-a:

- Ora cá está ela! Tudo calmo nas trincheiras?

- Por enquanto. Ouvi dizer que vocês têm um caso - retorquiu Abby.

- Um transplante - respondeu Mark. - Mas não conseguimos apanhar o Mohandas. Podemos precisar da tua ajuda. Apetece-te desinfectares-te?

- Um transplante cardíaco? A rápida subida de adrenalina era precisamente do que Abby precisava para sacudir a sua depressão.

- Ficaria encantada.

- Há um pequeno problema - comentou Archer. - A doente é Nina Voss.

Abby fitou-o, estupefacta.

- Encontraram um coração tão depressa?

- Tivemos sorte. O coração vem a caminho, de Burlington. Victor Vôss teria um ataque se soubesse que tínhamos recorrido a ti. Mas, neste momento, somos nós que mandamos. Podemos precisar de mais um par de mãos no bloco, e com tão pouco tempo tu és a escolha óbvia.

- Ainda aceitas fazê-lo? - inquiriu Mark.

- Com certeza - respondeu Abby sem qualquer hesitação. Às 11.30 da noite, receberam o telefonema do cirurgião cardiotorácico do Wilcox Memorial Hospital, de Burlington, no Vermont. O órgão do dador estava a ser rapidamente levado para o aeroporto. Esperava-se que o voo, um charter de emergência, demorasse uma hora e meia.

Por volta da meia-noite, a equipa de transplantes do Hospital Bayside estava reunida, envergando as fardas cirúrgicas verdes. Junto a

Bill Archer, Mark e ao anestesista Frank Zwick havia um pequeno exército de pessoal de apoio - enfermeiras, um técnico de perfusão para a máquina de bypass, o cardiologista Aaron Levi e Abby. A 1.30 da manhã, chegou o telefonema do Aeroporto Internacional de Logan: o avião aterrara em segurança.

Foi esse o sinal para os cirurgiões avançarem para a zona de desinfecção. Enquanto Abby lavava as mãos, conseguia olhar através da janela para o bloco 3, onde a restante equipa de transplantes já estava atarefada com as operações de preparação. Na mesa de operações, no centro de um emaranhado de fios de ECG e tubos, jazia Nina Voss. O Dr. Zwick encontrava-se de pé à sua cabeceira, sussurrando baixinho na sua direcção enquanto injectava uma ampola de pentobarbo para o tubo intravenoso. As suas pálpebras estremeceram e fecharam-se. Zwick cobriu-lhe a boca e o nariz com a máscara. Com o saco de Ambu, deu algumas

bombadas de oxigénio e depois retirou-lhe a máscara, entubou-a rapidamente e ligou o tubo ao ventilador.

As portas do bloco escancararam-se com estrondo quando Mark, Archer e Abby, recém-desinfectados, entraram de mãos no ar. Quando todos estavam devidamente revestidos com batas e luvas esterilizadas, Nina Voss já tinha sido preparada e coberta com panos.

O telefone tocou. Toda a gente fitou a enfermeira enquanto esta atendia. Segundos depois, ela anunciava:

- O estafeta vem a subir.

- OK - foi a resposta brusca de Archer -, vamos cortar. Do ponto onde Abby se encontrava, tinha apenas uma visão enviesada dos procedimentos. Archer e Mark trabalhavam em sintonia, efectuando uma esternotomia na linha média e deixando à vista as fáscias e depois os ossos.

O intercomunicador de parede zumbiu. “0 Dr. Mapes, da equipa de colheitas, está aqui. Vai entrar logo que se tenha mudado”, foi a mensagem proveniente da secretária de recepção do bloco. Minutos depois, entrou o Dr. Mapes, de bata verde. Era um homem de pequena estatura com um sobrolho quase semelhante ao do homem de Neandertal e um nariz protuberante, qual bico de falcão, sob a máscara cirúrgica.

- Bem-vindo a Boston - saudou-o Archer, fitando o visitante. -

Sou Bill Archer. Este é Mark Hodell.

- Leonard Mapes. Trabalhei muito com o Dr. Nicholls em Wilcox. Archer gracejou:

- Então, que nos traz de presente de Natal, Len?

- Belo espécime. Creio que vão gostar.

- Deixe-me acabar de colocar as cânulas e já dou uma espreitadela. Colocar cânulas na aorta ascendente foi o primeiro passo para ligar a doente à máquina de bypass. Esta máquina assumiria as funções do

coração e pulmões, recolhendo sangue venoso, fornecendo-lhe o oxigénio perdido e bombeando-o de volta à aorta da doente.

Archer, utilizando linha de seda, fez uma sutura em “bolsa de tabaco” na parede da aorta ascendente. Com a ponta de um bisturi,

fez uma pequena incisão no vaso, do qual jorrou sangue de cor viva. Inseriu rapidamente a cânula arterial na incisão e apertou a “bolsa de tabaco”. A hemorragia transformou-se num pequeno fio de sangue e depois parou enquanto ele cosia a ponta da cânula no devido lugar. A outra extremidade da cânula estava ligada ao tubo arterial da máquina de bypass. Mark já dera início à colocação de cânulas nas veias enquanto Abby ia procedendo à retracção.

- OK, vamos desembrulhar o nosso presente - exclamou Archer. Uma enfermeira abriu a geleira e pegou no órgão, envolto em dois vulgares sacos de plástico. Desatou os atilhos e introduziu o órgão numa bacia com solução salina esterilizada.

- Parece bastante pequeno - comentou Abby. - Otial era o tamanho do dador?

- Quarenta e quatro quilos - respondeu o Dr. Mapes. Abby franziu o sobrolho.

- Adulto?

- Adolescente, saudável até morrer. Um rapaz. Abby captou o pestanejar de tristeza dos olhos de Archer. Lembrou-se então de que ele tinha dois filhos adolescentes, ambos rapazes.

- Não vamos deixar que este se desperdice - disse ele. Trabalhando juntos neste momento, Archer e Mark conseguiram fechar as veias cavas inferior e superior, impedindo o sangue de regressar ao coração. O coração era agora um saco inútil. A circulação de Nina Voss estava sob controle total da máquina de bypass. A temperatura do corpo também estava sob o mesmo controle. Refrigerando os fluídos, o corpo podia ser arrefecido até vinte graus Celsius - hipotermia profunda. Este processo preservaria as células miocárdicas recém-implantadas e reduziria o consumo de oxigénio por parte do organismo.

Zwick desligou o ventilador. Não havia necessidade de bombear ar para dentro dos pulmões se a máquina de bypass estava a fazer esse trabalho. O transplante podia prosseguir.

Archer cortou as artérias aorta e pulmonar. Jorrou sangue para a cavidade torácica, salpicando o chão. Uma enfermeira atirou imediatamente uma toalha para absorver a sujidade. Em seguida, Archer seccionou as aurículas, chegando assim à cavidade torácica.

O coração doente, pálido e flácido de Nina Voss foi então retirado e lançado para dentro de uma bacia. Deixou um vazio latejante. A linha ecocardiográfica do ecrã do monitor estava na horizontal.

Mark retirou o coração do dador da bacia e baixou-o até ao peito, rodando-o de modo a ajustar-se às câmaras auriculares do lado esquerdo.

- Está muito sangue a acumular-se aqui. Sucção, Abby - disse Archen

O silvo da máquina de sucção deu lugar a um silêncio tenso enquanto os cirurgiões trabalhavam agora com maior velocidade. Em breve, Archer retirava a agulha de suturar.

- Anastomose auricular direita completa.

- Cateter de perfusão - pediu Mark. Uma enfermeira entregou-lhe o cateter. Ele introduziu-o na aurícula esquerda e induziu através dele uma solução salina a quatro graus Celsius. O líquido refrigerado arrefeceu o ventrículo, eliminando todas as eventuais bolsas de ar.

- OK, doutor - gracejou Archer, reajustando o coração a fim de coser a anastomose da aorta. - Vamos prender estes tubos.

Mark olhou de relance para o relógio de parede.

- Vejam só! Estamos mais adiantados do que o previsto, companheiros. Que equipa!

O intercomunicador zumbiu. Era a enfermeira da recepção do bloco.

- @4r. Voss quer saber como está a mulher.

- Óptima - replicou Archer. - Não há problemas. Diga-lhe que se mantenha por aí.

O intercomunicador desligou-se. Archer fitou Mark.

- Vôss bule-me com os nervos. Gosta de manter o controle de tudo. Mas eu, se tivesse o dinheiro, também me atrevia a querer comandar as tropas

- De onde vem o dinheiro dele? - perguntou uma enfermeira. Archer ergueu o olhar, surpreendido.

- Nunca ouviu falar de Victor Voss? VM1 International? Tudo, desde produtos químicos a robótica. - Atou a última sutura. - Aorta terminada. Clamp retirado.

- Cateter de perfusão a sair - comentou Mark, voltando-se para Abby. - Prepara esses dois fios de pacing para a inserção.

Archer pegou numa agulha de sutura limpa e começou a proceder à anastomose pulmonar. Terminada a colocação dos atilhos, Mark disse:

- Fios de pacing colocados.

- Infusão de Isuprel a entrar. Dois microgramas - anunciou Zwick. Ficaram a observar esperando que o Isuprel fizesse efeito, contraindo o coração.

- Vá lá - instou Archer. - Não me deixes ficar mal. Lentamente, o coração contraiu-se, transformando -se num nó do tamanho de um punho, e depois voltou a ficar flácido.

Zwick ordenou:

- Aumentar Isuprel para três micros. Houve mais uma contracção e depois nada.

- Quatro micros - disse Zwick, reajustando a infusão.

O coração contraiu-se, relaxou. Contraiu, relaxou. Zwick olhou para o monitor. O ecrã era agora atravessado por complexos ORS.

- O ritmo subiu para cinquenta. Sessenta e quatro. Setenta. Archer disse à enfermeira de piso:

- Informe o recobro pelo intercomunicador de que estamos prestes a fechar; faz-me esse favor?

- O ritmo é de um dez - informou Zwick.

- OK - retorquiu Mark. - Vamos desligá-la do bypass. Zwick sacudiu o ventilador. Toda a gente no bloco pareceu exalar um suspiro de alívio em uníssono.

- Só nos resta esperar que ela e o coração se dêem bem - comentou Mark.

- Sabemos qual o grau de compatibilidade HLA? - perguntou Archer. Voltou-se a fim de olhar de frente para o Dr. Mapes.

Não havia ninguém atrás de si. Abby tinha estado tão concentrada na operação que nem sequer havia reparado que o homem saíra.

- Saiu há uns vinte minutos - informou uma das enfermeiras.

- Nem sequer tive a oportunidade de lhe apertar a mão - lamentou Archer. Voltou-se de novo para a doente, deitada sobre a

mesa. -

OK, vamos fechar.

CINCO

éADM ATINGIRA O limite da sua paciência. Todas as lamúrias, todas

as exigências de onze rapazes, toda a energia acumulada que irrompia a intervalores regulares em palavrões e empurrões, sugaram-lhe todas as suas forças. Isso e agora o enjoo do movimento. Gregor também estava enjoado, bem como a maioria dos rapazes. Nos dias mais difíceis, em que o casco do navio golpeava a bigorna do mar do Norte como um martelo, todos eles jaziam a gemer nos seus beliches.

Yakov nunca se tinha divertido tanto. Sem o menor laivo de náuseas, vagueava pelo navio. Visitava a sala do motor, esse inferno ruidoso de pistões giratórios e vapores de gasóleo, e, quando sentia fome, abria caminho até à cozinha, onde Lubi, o cozinheiro, lhe oferecia chá e sopa de beterraba. Havia depois o empoeirado porão da carga para explorar e o convés com os seus barcos salva-vidas cobertos de oleado, onde ele podia esconder-se. O único lugar por onde ele não podia deambular era a secção no extremo da popa. Não conseguia encontrar nenhuma passagem que lhe permitisse lá entrar.

O seu local preferido era a ponte. O navegador saudava Yakov com um sorriso indulgente e deixava-o sentar-se à mesa dos mapas. Aí, tra-

50

COLHEITA MACABRA

çava a rota que já tinham percorrido - desde o porto de Riga, descendo o mar Báltico, passando depois através de um canal e circundando o topo da Dinamarca e atravessando o mar do Norte. O navegador anunciou-lhe que dentro em pouco fariam a travessia de um mar ainda maior: o oceano Atlântico.

- Eles não vão sobreviver tanto tempo - predisse Yakov.

- Eles, quem?

- Nadiya e os outros rapazes.

- Claro que vão - retorquiu o navegador. - Toda a gente enjoa no mar do Norte. Tem a ver com o ouvido interno.

- Eu não estou enjoado. Será que o meu ouvido interno tem alguma coisa de diferente?

- Deves ser um marinheiro nato. Yakov olhou para o coto do seu braço esquerdo e abanou a cabeça.

- Não me parece.

O navegador sorriu.

- Tens um bom cérebro. Os cérebros são muito mais importantes. Na América, se fores inteligente, podes ficar rico.

- Você gosta da América? - perguntou Yakov.

- Não sei dizer-te. Mandam-nos sempre para instalações retiradas mal chegamos ao porto. Nunca vejo nada.

- Porque é que o capitão dá essas ordens?

- Não é o capitão. São aquelas pessoas que vão na cabina da popa.

- Que pessoas? Nunca as vi.

- Nunca ninguém as vê, mas alguém come os alimentos que Lubi manda para lá.

- Porque é que você não abandona o navio e fica na América para enriquecer?

O navegador resmungou:

- Pagam-me o suficiente, não me posso queixar.

- Então, ser navegador de um navio é uma boa profissão?

- Não.
- Mas pagam-lhe muito.
- Isso é só porque a Companhia Sigayev paga muito bem.
- Porquê?
- Eu mantenho a boca fechada. Yakov ficou em silêncio por um momento e depois inquiriu:
- Vocês andam a fazer alguma coisa ilegal? É disso que não devem falar?
O navegador suspirou:
- A minha única obrigação é conduzir este navio de Riga a Boston e de novo até Riga. Eu não faço perguntas.
O rapaz observou-o em silêncio durante algum tempo.
- Acha que alguém me vai adoptar? - acabou por perguntar.
- Claro que alguém o fará.
- Como é que sabe?
- Alguém pagou a tua passagem. Alguém tratou dos teus papéis.
- Eu nunca vi os meus papéis. Você viu-os?
- Eu não tenho a ver com isso. - Afastou Yakov para o lado. -
Porque não vais brincar para outro lado?

Relutante, Yakov deixou a ponte e saiu para o convés. Era a única pessoa à vista. Olhou fixamente para a água que salpicava, sulcada pela proa. Apercebeu-se de súbito de que não conseguia respirar; a imagem daquele remoinho de água era sufocante. Contudo, não se mexeu. Manteve-se agarrado ao corrimão com a única mão, deixando que pensamentos aterradores de água profunda e fria o percorressem. Há muito tempo que não sentia medo. Agora, sentia.

O IRMÃO DE Abby, Pete, estava sentado numa cadeira ao lado da cama dela e fitava-a. Estava com a farda azul dos Lobitos. “Onde tem ele a boina?”, interrogou-se Abby. Depois, lembrou-se de que o miúdo a tinha perdido, que tanto ela como as irmãs tinham procurado tudo à beira da estrada, mas ninguém a encontrara junto aos destroços quase desfeitos da bicicleta dele.

Há muito tempo que Pete não a visitava. Quando o fazia, era sempre a mesma coisa. Sentava-se a olhar para ela sem dizer nada.

Abby perguntou-lhe:

- Por onde tens andado, Pete? Ele limitou-se a continuar sentado, fitando-a com o seu olhar silencioso. Parecia atraído por uma nota musical. Olhou na direcção de outro quarto. Começava a agitar-se como água que alguém tivesse remexido. Outro ruído áspero de campainha provocou a desintegração total. Só restava a escuridão.

E o telefone a tocar no quarto dos médicos de serviço. Abby estendeu a mão para o auscultador.

- Abby DiMatteo - atendeu ela.

- Aqui é da UCIC. Penso que será melhor vir até cá.

- que está a acontecer?

- E Mrs. Voss, da cama quinze … o transplante. Está com febre, trinta e oito e seis, e tem o pulso a noventa e seis.

- Vou já. Abby desligou e acendeu o candeeiro. Era 1 da manhã. A cadeira ao lado da sua cama estava vazia. Nada de Pete. Resmungando, saiu da cama e arrastou-se até ao lavatório, onde salpicou a cara com água fria. “Acorda, acorda”, dizia para consigo. “Tens de ter noção do que estás a fazer.” Ela não podia dar-se ao luxo de cometer erros. Agora não, e de maneira nenhuma com aquela doente.

Na UCIC, as luzes estavam mais fracas, tendo sido reguladas para a

noite. Na obscuridade da sala das enfermeiras, os desenhos eléctricos dos corações de dezasseis doentes cobriam dezasseis ecrãs. Um rápido olhar para o ecrã 15 confirmou que o pulso de Mrs. Voss estava acelerado - cem pulsações por minuto.

A enfermeira encarregada do monitor atendeu num telefone que tocava e depois disse:

É o Dr. Levi ao telefone. Ele quer falar com o médico de serviço. Eu atendo - respondeu Abby, pegando no auscultador. - Olá, Dr. Levi. Aqui é Abby DiMatteo.

Fez-se silêncio.

- Você está de serviço esta noite? Abby apercebeu-se de uma nota clara de consternação na voz dele e compreendeu imediatamente: ela era a última pessoa que Aaron Levi queria que tomasse conta de Nina Vôss.

- Eu estava mesmo para começar a examinar Mrs. Voss. Ela está com febre - explicou Abby.

- Sim, já me disseram. - De novo uma pausa. Ela mergulhou no vazio, determinada a manter a conversa num tom puramente profissional.

- Eu sigo o procedimento habitual em casos de febre - disse ela.

- Vou examiná-la. Peço um hemograma e culturas, urina e raios X do tórax. Mal tenha os resultados, volto a falar-lhe.

- Está bem. Fico à espera da sua chamada - respondeu finalmente. Abby enfiou uma bata do isolamento e entrou no cubículo. Um único candeeiro lançava um suave cone de luz sobre a cama. O cabelo de Nina Voss era uma lista prateada em cima da almofada. Tinha os olhos fechados. Abby aproximou-se da cama e chamou em voz baixa:

- Mrs. Voss? Nina abriu os olhos.

- Sim?

- Sou Abby DiMatteo. Abby notou um clarão de reconhecimento nos olhos da outra mulher. “Ela sabe o meu nome”, pensou Abby.

Nina Voss não disse nada, limitou-se a fitá-la.

- A senhora está com febre - explicou Abby. - Precisamos de descobrir porquê. Como se sente, Mrs. Voss?

- Estou … cansada. Só isso - sussurrou Nina. - Apenas cansada.

- Vou ter de observar a sua incisão. Abby aumentou a intensidade das luzes e descolou com cuidado os adesivos da ferida no peito da doente. A incisão parecia limpa - não apresentava vermelhidão nem inchaço. Abby puxou do estetoscópio e passou ao resto do procedimento seguido nos casos de febre.

Finalmente, endireitou-se e disse:

- Parece estar tudo bem, mas deve haver alguma razão para esta

febre. Vamos fazer uma radiografia ao tórax e recolher sangue para análises. - Sorriu como que para se desculpar. - Receio que a senhora não consiga dormir grande coisa esta noite.

Nina abanou a cabeça.

- De qualquer forma, eu nunca durmo muito. Todos aqueles sonhos, tantos sonhos!

- Pesadelos? Nina inspirou uma vez e depois expirou lentamente.

- Sonho com o rapaz. - Tocou ao de leve no peito com a mão. -

Era de um rapaz, não era?

Abby assentiu com a cabeça.

- Foi o que ouvi dizer na sala de operações.

- Você estava lá?

- Prestei assistência ao Dr. Hodell. Um ligeiro sorriso assomou aos lábios de Nina.

- É estranho que você estivesse lá, depois de A voz dela quase se extinguiu.

- Mrs. Voss - interrompeu-a Abby -, o primeiro coração Desviou o olhar. - Havia um rapaz … de dezassete anos. Os rapazes nessa idade … o que querem é automóveis ou namoradas. Mas este rapaz a única coisa que queria era voltar para casa. - Suspirou. - Eu não a conhecia, Mrs. Voss. A senhora não estava naquela cama, mas ele estava. E eu tive de fazer uma opção.

Abby sentiu lágrimas a humedecerem-lhe as pestanas.

- Ele sobreviveu?

- Sim, sobreviveu. Nina acenou com a cabeça, voltou a tocar no peito e prosseguiu:

- Este rapaz também está vivo. Sinto tanto a presença do coração dele. Algumas pessoas pensam que o coração é onde habita a alma. Talvez seja isso que os pais dele pensam. Também penso neles e como deve ser duro. Eu nunca tive filhos. Se se tratasse do meu filho, eu gostaria de saber que uma parte dele ainda continuava viva.

Comprimiu o penso com a mão. Tinha começado a chorar, e as lágrimas corriam-lhe pelas têmporas abaixo.

Abby estendeu a mão para agarrar a da mulher e ficou estupefacta com a força dela, com a sua pele febril e os seus dedos tensos de carência afectiva. Acima da cama uma linha saltava ao longo do brilho verde do osciloscópio. O coração de um rapaz desconhecido, com cem pulsações por minuto, bombeando sangue febril através das veias de uma desconhecida.

LEVOU TRINTA e cinco minutos até Abby ter em seu poder a radiografia já revelada. Examinou-a tentando encontrar sinais de pneumonia. Não havia.

Eram 3 da manhã. Abby ligou para casa de Aaron Levi. A mulher de Aaron atendeu com a voz entaramelada pelo sono.

- Está lá?

- Elaine, aqui é Abby DiMatteo. Desculpe incomodá-la a esta hora. Posso falar com Aaron?

- Ele foi para o hospital.

- Há quanto tempo?

- Uh, logo após a segunda chamada. Ele não está aí?

- Eu não o vi - respondeu Abby. Fez-se silêncio do outro lado da linha.

- Saiu de casa há uma hora. Já devia ter chegado - retorquiu Elaine.

- Vou ligar-lhe para o pager. Não se preocupe, Elaine. Abby pousou o auscultador e depois ligou para o pager de Aaron. Às 3.50, Levi ainda não tinha atendido.

- Dra. Abby? - disse Sheila, a enfermeira de Nina Voss. - A última amostra de sangue para cultura já foi recolhida. Quer mandar fazer mais alguma coisa?

"De que é que me esqueci?", pensou Abby. "Pensa lá. Uma febre pós-operatória. De onde provirá a infecção?"

- E se for do órgão? - alvitrou Sheila.

- Do coração?

- Eu trabalhei num serviço de transplantes renais. Tivemos lá um doente assim, um receptor de rim com febrões pós-operatórios; descobriu-se que a infecção era fúngica. Eles investigaram o registo clínico do dador e descobriram que as culturas de sangue do mesmo eram positivas, mas os resultados só chegaram uma semana após a colheita do rim.

- Onde se guardam os registos dos dadores? - perguntou Abby.

- Deveria ser no gabinete do coordenador dos transplantes, lá em baixo. A enfermeira-inspectora tem a chave.

- Pode pedir-lhe para me trazer a pasta? Abby abriu o processo de Nina Vôss. No impresso de dadores do Banco de Orgãos de Nova Inglaterra - folha que acompanhara o coração desde Vermont -

estava registado o tipo de sangue, o resultado do HVI e uma longa lista de outros testes laboratoriais com vista à detecção de infecções virais. O dador não vinha identificado.

Passados quinze minutos, o telefone tocou. Era a enfermeira-inspectora para Abby.

- Não consigo encontrar a pasta - informou ela. - E não temos aqui nada com o número de registo clínico de Mrs. Vôss. Verifiquei duas vezes. Tem a certeza de que não está aí nada na UCIC?

- Vou pedir-lhes que procurem. Obrigada. Abby desligou com um suspiro. Documentos em falta era a última coisa de que lhe apetecia tratar. Procurou na prateleira de registos da

55

TESS GERRITSEN

UCIC. Se a pasta estava “soterrada” algures ali, Abby bem podia procurar durante uma hora. Ou então podia contactar directamente o hospital dador.

As informações deram-lhe o número do Wilcox Memorial, em Burlington. Abby ligou e pediu para falar com a enfermeira-inspectora. Passado um instante, uma mulher atendeu:

- Daqui Gail DeLeon.

- Daqui Dra. Abby DiMatteo, do Hospital de Bayside, Boston -

retorquiu Abby. - Temos uma receptora de transplante cardíaco com febre pós-operatória. Sabemos que o coração do dador veio do vosso bloco. Preciso de ser informada sobre a história clínica do dador.

- A colheita do órgão foi feita aqui?

- Foi, sim. Há três dias. O dador era um rapaz, um adolescente.

- Deixe-me verificar o ficheiro do bloco. Depois, contacto consigo. Ao fim de dez minutos, voltou realmente a ligar - não com uma resposta, mas com uma pergunta.

- Tem a certeza de que foi mesmo este hospital, doutora? Abby olhou de relance para o processo de Nina.

- Aqui diz “Hospital dador: Wilcox Memorial, Burlington, Vermont.”

- Bem, isso somos nós. Mas não encontro nenhuma colheita registada no ficheiro.

Abby perscrutou as notas das enfermeiras do bloco e viu o apontamento: “1.05: chegada do Dr. Leonard Mapes vindo do Wilcox Mernorial.” Depois, disse:

- Um dos cirurgiões que participou na colheita foi o Dr. Leonard Mapes. Foi ele quem entregou o órgão.

- Não temos nenhum Dr. Mapes no nosso quadro. Na verdade, nunca ouvi falar de nenhum Dr. Mapes a exercer em qualquer parte de Burlington. Não sei quem lhe deu tais informações, doutora, mas são obviamente incorrectas.

- Mas …

- Tente outro hospital. Lentamente, Abby pousou o auscultador. Manteve-se sentada durante muito tempo, de olhar fixo no telefone. Pensou em Victor Voss e no seu dinheiro e em todas as coisas que o dinheiro podia comprar. Pensou na espantosa confluência de acontecimentos que tinham concedido a Nina Voss um coração novo. Um coração compatível …

Voltou a pegar no telefone.

- A TUA REACçÃo está a ser exagerada - exclamou Mark, folheando o processo de Nina Vôss. - Tem de haver uma explicação razoável para isto.

- Gostaria de saber qual - retorquiu Abby.

- Foi uma boa excisão. O coração veio bem embalado, foi entregue em bom estado. E trazia documentos do dador.

- Que agora parecem ter desaparecido.

- A coordenadora dos transplantes entra às nove. Nessa altura, podemos perguntar-lhe pelos papéis. Tenho a certeza de que devem estar por aqui.

Mark, ainda há outra coisa. Telefonei para o hospital dador.‘Não há nenhum cirurgião chamado Leonard Mapes lá. De facto, não há nenhum cirurgião com esse nome a exercer em Burlington. - Abby fez uma pausa, depois disse baixinho: - Tens realmente a certeza de onde veio o coração?

Mark não disse nada. Parecia demasiado aturdido para pensar com clareza. Eram 4.15. Depois da chamada de Abby, tinha~se arrastado da cama para fora e conduzido o automóvel até Bayside. As febres pós-operatórias requerem atenção imediata, e embora confiasse nas descobertas de Abby, tinha querido ver ele próprio a doente.

- Afinal de contas, porquê todo este secretismo à volta do dador?

- perguntou Abby.

- Procedimento -padrão. Os registos dos dadores são confidenciais. São sempre guardados num lugar separado do processo do receptor. De outro modo, teríamos muitas famílias a contactar entre si. O lado do dador desejaria uma gratidão eterna. O lado do receptor sentiria ressentimento ou culpa por isso. Tal

situação provocaria uma gigantesca baralhada emocional. - Esfregou os olhos. - Estamos a perder tempo com isto. Será tudo resolvido dentro de poucas horas.

1 - Está bem. Mas se houver dúvidas acerca disto, o Banco de Orgãos de Nova Inglaterra quer falar contigo.

- Como é que o Banco de órgãos foi envolvido?

- Eu telefonei-lhes. Eles têm aquela linha de vinte e quatro horas. Disselhes que tu ou o Archer voltariam a falar com eles.

- O Archer pode tratar disso. Pode chegar a qualquer momento.

- Ele também vem aí?

- Está preocupado com esta febre. E parece que não conseguimos apanhar o Aaron. Já voltaste a ligar-lhe para o pager?

- Por três vezes. Não obtive resposta. Elaine disseme que ele tinha vindo para cá de carro.

- Bem, eu sei que ele já chegou. Acabei de ver o carro dele no parque de estacionamento. Talvez tenha tido que fazer no piso de medicina.

- Mark passou do processo de Nina Vôss para as folhas de receitas. -

Vou começar com um antibiótico de largo espectro. Não podemos correr

M V

ou' o risco de a deixar com uma infecção em qualquer parte do corpo.

Às 6 da manhã, a primeira dose de Azactam IV estava a correr para a Veia de Nina. Duas horas depois, foi administrado um segundo antibiótico, Piperacilina.

Nessa altura, Abby estava a fazer a visita da manhã na UCIC, com o seu carrinho carregado de processos. Fora uma noite difícil - apenas uma hora de sono antes daquela chamada à 1 hora, e nem um instante de repouso desde então. Funcionando graças a duas chávenas de café e com o fim do martírio à vista, continuou a empurrar o carrinho enquanto pensava: "Mais quatro horas e fico livre disto tudo."

Passou pelo cubículo 15 e olhou lá para dentro. Nina estava acordada. Viu Abby e conseguiu fazer-lhe um ligeiro aceno de

saudação. Abby deixou os processos junto à porta, enfiou uma bata de isolamento e entrou.

- Bom dia, Dra. Abby DiMatteo - murmurou Nina. - Lamento que não tenha conseguido dormir muito por minha causa.

Abby sorriu.

- Não faz mal. Dormi a semana passada. Como se sente?

- Como se fosse o centro das atenções. - Nina fitou o frasco de antibiótico, suspenso por cima da cama. - Aquilo é a cura? _ Esperamos que sim. Estamos a dar-lhe antibióticos de largo espectro. Se tiver uma infecção, devem acabar com ela.

- Mas vocês não sabem ao certo o que está a provocar isto. @O

- Não - confessou Abby. - E como dar um tiro no escuro. Nina assentiu com a cabeça.

- Bem me pareceu que a doutora me diria a verdade. O Dr. Archer não é capaz disso. Esteve aqui há pouco e disseme que estava tudo sob controle. Mas a verdade não me assusta.

- Tenho a certeza de que ele não queria preocupá-la - retorquiu Abby enquanto fitava os monitores.

Ouviu Nina dizer baixinho:

- Victor. Abby voltou-se. Só então, voltada de frente para a porta, se apercebeu de que Victor Vôss tinha acabado de entrar no cubículo.

- Saia. Saia já do quarto da minha mulher. - Deu um passo na direcção de Abby e agarrou-lhe no braço com força, magoando-a.

- Victor, não! - exclamou Nina. Abby deu um grito de dor enquanto era puxada para a frente. Victor atirou-a para fora do cubículo, empurrando-a para trás contra o carrinho de rodas. Ela sentiu que caía enquanto o carro deslizava. Aterrou no chão com violência. O carro, ainda em andamento, embateu numa bancada. Abby, aturdida com o impacto, olhou para cima, vendo Victor Voss de pé, sobranceiro a ela. O homem respirava, ofegante, não pelo esforço exercido, mas de raiva.

- Não volte a aproximar-se da minha mulher - avisou ele. - Está a ouvir-me, doutora? Está a ouvir-me? - Vôss voltou-se para o pessoal, chocado, que assistia de pé na UCIC. - Não quero esta

mulher perto da minha mulher. Quero que isto seja escrito no processo e afixado na porta. Já.

Depois, entrou de novo no cubículo da mulher e puxou bruscamente a cortina, tapando a janela.

Duas enfermeiras apressaram-se a ajudar Abby a pôr-se de pé.

Eu estou bem. Estou óptima - disse Abby, afastando-as com a mão.

Dirigiu-se para o carrinho. Os processos estavam espalhados pelo í“ehão, com folhas soltas e resultados de análises dispersos por toda a parte. Com o rosto a arder, reuniu todos os papéis. Nessa altura, já lutava contra as lágrimas. “Não posso chorar”, pensou ela. “Aqui, nem pensar. Não vou chorar.”

Abby olhou para cima. Toda a gente a fitava. Deixou o carrinho precisamente onde ele estava e saiu da UCIC.

Mark encontrou-a passadas três horas na cafetaria. Ela estava sentada a uma mesa do canto, debruçada sobre uma chávena de chá. O saquinho ficara mergulhado durante tanto tempo que a cor parecia de café.

Mark puxou uma cadeira do outro lado da mesa e sentou-se.

- Foi Voss que perdeu a cabeça, Abby, não foste tu.

- Eu fui só quem aterrou sobre o traseiro à frente de toda a gente.

- Ele empurrou-te. Foi um verdadeiro ataque. Podes apresentar queixa. Podes utilizar o episódio como alavanca contra quaisquer outras dessas acções amalucadas.

Abby abanou a cabeça.

- Eu não quero ter mais nada a ver com Victor Voss. Vamos esquecer tudo. - Para mudar de assunto, acrescentou: - Aaron concordou que se tivesse iniciado o antibiótico?

- Eu não vi Aaron durante todo o dia. Abby franziu o sobrolho.

- Pensei que ele estivesse cá.

- Liguei-lhe para o pager, mas ele nunca respondeu.

- Telefonaste-lhe para casa?

- Apanhei a empregada. Elaine foi passar o fim-de-semana fora. Está de visita ao filho em Dartmouth. - Mark encolheu os ombros. -

Também este fim-de-semana não é Aaron quem faz as visitas aos doentes. Talvez tenha querido tirar umas férias de todos nós.

- Umas férias. - Abby suspirou e esfregou o rosto. - Sim, é isso que eu quero. Praia, palmeiras e uma pifia colada.

- Também me soa bem. - Estendendo o braço sobre a mesa, pegou-lhe na mão. - Importas-te que eu vá contigo?

- Nem sequer gostas de pifia colada …

- Mas gosto de praias e de palmeiras. E de ti. - Inclinou-se por cima da mesa e beijou-a.

Abby olhou para o relógio. Finalmente já era meio-dia. Mark conduziu-a através da cafetaria e do átrio do hospital. Enquanto empurravam as portas de entrada, ele disse:

- Quase me esquecia de dizer-te. Archer telefonou para o Wilcox Memorial e falou com um dos cirurgiões cardiotorácicos chamado Tim Nicholls. Acontece que Nicholls ajudou à colheita. Ele confirmou que o doente era deles e que o Dr. Mapes fez a excisão.

- Então, porque não está Mapes registado no quadro de pessoal de wilcox?

- Porque ele foi para lá de avião vindo de Houston. Nós não sabíamos de nada. Aparentemente, Mr. Voss não confiava num qualquer cirurgião ianque.

- Então, a colheita foi mesmo feita no Wilcox Memorial.

- Nicholls diz que ele esteve lá. Fosse qual fosse a enfermeira com quem falaste ontem à noite, deve ter consultado o ficheiro errado. Se quiseres que eu telefone e volte a confirmar …

- Não, esquece o assunto. Agora, parece tudo tão estúpido. Não sei o que é que eu estava a pensar. - Olhou para o carro na extremidade oposta do parque de estacionamento. - Vemo-nos em casa - despediu-se ela. - Se eu ainda estiver acordada.

Mark abraçou-a, inclinou-lhe a cabeça para trás e beijou-a.

- Tem cuidado no regresso - sussurrou ele. - Eu amo-te. Abby atravessou o parque, estonteada pela fadiga e pelo som daquelas três palavras que ainda ecoavam na sua cabeça: Eu amo-te.

Olhou para trás e acenou-lhe, mas ele já desaparecera pelas portas do átrio.

- Eu também te amo - retorquiu ela, sorrindo. Dirigiu-se para o automóvel com as chaves já tiradas da carteira. Só então reparou

que o trinco estava para cima. Que idiota! Tinha deixado o carro destrancado durante toda a noite. Abriu a porta.

À primeira lufada de ar pestilento, retrocedeu, sufocada pelo fedor - e cheia de repulsa pelo que vira dentro do carro. Várias laçadas de intestinos em decomposição estavam enroladas à volta da alavanca de mudanças. Tecido orgânico impossível de identificar tinha sido espalhado sobre o assento do passageiro. Finalmente, do lado do condutor, encostado à almofada, apenas um único órgão ensanguentado.

Um coração.

SEIS

RA O CORAÇÃo de um porco. E provável que o tenham deixado no meu carro na noite anterior, e ficou todo o dia a assar ao calor. Ainda não consegui libertar-me do cheiro,

- O homem está a pôr-te a cabeça à razão de juros - comentou Vivian Chao. - Acho que devias exercer represálias.

60

COLHEITA MACABRA

Abby e Vivian empurraram as portas de entrada e atravessaram o átrio em direcção aos elevadores. Era domingo à tarde no Massachusetts General, e o elevador público estava completamente apinhado de visitantes e de balões com desejos de melhoras pairando acima de todos.

- Não temos provas de nada - murmurou Abby. - Não podemos ter a certeza de que Vôss é o autor de tudo isto.

- Quem mais poderia ser? Olha o que ele já fez: forjou acções judiciais, empurrou-te em público. Ouve o que eu te digo, Abby, está na hora de apresentares queixa. Agressão. Ameaças terroristas.

- O problema é que eu percebo a razão do comportamento dele. Ele está perturbado.

Saíram do elevador no quarto piso e percorreram o corredor em direcção à ala de cardiocirurgia.

- Ele tem o dinheiro necessário para te fazer a vida negra durante muito tempo - comentou Vivian. - Já tens uma acção contra ti. E provável que venham mais.

- Acho que já deve haver. Os registos clínicos disseram-me que já receberam mais seis pedidos de processos da Hawkes, Craíg e Sussman, que é a firma de juristas que representa Joe Terrio.

Vivian olhou-a, estupefacta:

- O quê? Vais passar o resto da tua vida no tribunal. Abby assentiu com a cabeça.

- Por vezes, interrogo-me se terá valido a pena.

- Valido a pena? - Vivan estacou do lado de fora da porta do quarto

417. - Olha só e depois diz-me. - Bateu à porta e entrou no quarto.

O rapaz estava sentado na cama, absorvido por um comando de televisão. Se não fosse o boné dos Red Sox na cabeça, Abby poderia não ter reconhecido Josh O'Day, de tal forma o aspecto dele

era diferente com a cor rosada da saúde. Mal avistou Vivian, sorriu de orelha a orelha.

- Olá, Dra. Vivian! - exultou ele. - Já tinha pensado se a senhora viria ver-me alguma vez.

- Passei por cá duas vezes - respondeu Vivian -, mas tu estavas sempre a dormir. - Abanou a cabeça, fingindo desprezo. - Um típico adolescente preguiçoso.

Riram os dois, e Vivian acenou com a cabeça na direcção de Abby.

- Lembras-te da Dra. Abby DiMatteo, não é verdade? Josh olhou para Abby com alguma incerteza.

- Creio que sim. Quer dizer Encolheu os ombros. -

Esquecime de umas coisas, sabe.

- Não te preocupes com isso - respondeu Vivian. - Quando o coração pára, o cérebro não recebe sangue suficiente. É possível que algumas coisas fiquem esquecidas. - Tocou-lhe no ombro. - Pelo menos não te esqueceste de mim. - Depois, acrescentou com uma risada:

Embora tenhas tentado.

Josh olhou para o cobertor e disse baixinho:

- Dra. Vivian, eu nunca na vida quero esquecê-la. Nenhum deles falou por um momento. Pareciam paralisados pelo embaraço naquela posição desajeitada: a mão de Vivian no ombro do rapaz, este de olhar baixo, com o rosto oculto pelo boné.

Bateram à porta, e uma mulher chamou:

- Joshie?

- Olá, mãe! - respondeu Josli. A porta escancarou-se, e o quarto foi invadido pelos O'Days, arrastando consigo uma floresta de balões de hélio e o cheiro de batatas fritas do McDonald's. Juntaram-se à volta da cama com exclamações de "Olha para ele! " "Parece tão bem! " "Não está com bom aspecto?". Josli aguentou tudo com uma expressão de prazer embaraçado.

Vivian afastou-se discretamente da cama, retirando-se para o lugar onde Abby se encontrava de pé. Por entre a multidão de O'Days, Abby conseguia entrever Josli, que olhava na direcção

delas. Dirigiu-lhes um sorriso impotente, acenando-lhes com a mão. Abby e Vivian saíram do quarto em silêncio. Vivian quebrou-o:

- Então, Abby, para a pergunta “Terá valido a pena?” aqui tens a resposta.

AQUELE cheirava mesmo mal. O inspector de homicídios Bernard Katzka olhou para o outro lado da mesa de autópsias e viu que o cheiro nauseabundo tinha abalado Lundquist. Este seu companheiro mais novo havia-se afastado da mesa, com a mão enluvada a tapar o nariz e a boca e o seu belo aspecto de estrela de cinema desfigurado por um esgar de náusea. Lundquist ainda não tinha o estômago habituado a autópsias; a maior parte dos polícias nunca chegava a tê-lo. Ao longo dos anos, Katzka havia aprendido a centrar-se não na humanidade da vítima, mas na natureza puramente orgânica da morte - um espécime dissecado, examinado e catalogado. Ver um cadáver de qualquer outro modo equivalia a convidar pesadelos. Há três anos, Bernard Katzka vira a sua mulher morrer de cancro. Já tinha passado pelo seu pior pesadelo.

Fixou-se, impassível, no corpo que estava agora a ser autopsiado. O cadáver pertencia a um indivíduo branco do sexo masculino de quarenta e quatro anos; profissão, cardiologista: Aaron Levi. A sua identidade fora confirmada pela viúva. A experiência deve ter sido profundamente perturbadora para ela. Ver o cadáver de um ser amado já é bastante difícil; quando esse ser amado esteve durante dois dias suspenso pelo pescoço num quarto quente e sem ventilação, a visão deve ser verdadeiramente aterradora.

O Dr. Rowbotham tinha terminado a incisão tóraxo-abdominal, deixando à vista a cavidade da pleura. Rowbotham trabalhara durante trinta e dois anos no gabinete do ME, e muito pouca coisa parecia ser capaz

de o surpreender. Ia ditando no seu habitual tom monocórdico enquanto

pé carregava e libertava o pedal da gravação.

Veja isto, Lesma - disse ele a Katzka. A alcunha não tinha nada a ver com a aspecto físico de Katzka, que era normal sob todos os aspectos. Pelo contrário, era um reflexo da sua ;-natureza imperturbável. Entre os colegas, corria a piada de que, se se

@,,atingisse a tiro Bernard Katzka numa segunda-feira, ele só deveria reagir lá para sexta. Mas só se estivesse realmente irritado.

Katzka inclinou-se para a frente a fim de espreitar para dentro da cavidade torácica, a sua expressão tão impassível como a de Rowbotham.

- Não vejo nada de especial.

- Exactamente. Tudo isso se coaduna com o diagnóstico de asfixia.

- Então, já podemos ir-nos embora, não? - perguntou Lundquist. já se afastara da mesa, impaciente por se ocupar de outras coisas.

Katzka não se mexeu.

- Temos mesmo de ver o resto, Lesma? - perguntou Lundquist.

- É um suicídio.

Despiu a bata de rompante, revelando uns ombros corpulentos.

- Sinto que este é diferente. - Katzka achava que o seu jovem companheiro precisava de aprender como as primeiras impressões podem ser falíveis.

Rowbotham removeu os órgãos e depois o cérebro. Lundquist, que agora tinha um aspecto um pouco esverdeado, sentou-se numa cadeira junto ao lavatório e deixou cair a cabeça entre as mãos.

- Nada de invulgar - comentou Rowbotham. - Agora, descemos à parte mais importante. O pescoço.

A forca já tinha sido retirada. Rowbotham examinou o sulco deixado atrás na nuca.

- Cá temos a forma clássica de um V invertido - comentou. -

Até agora, não há surpresas.

Levantou o couro cabeludo e começou a proceder à dissecação do pescoço.

Enquanto a lâmina de Rowbotham esquartejava a pele da região anterior do pescoço, Katzka disse:

- Você parece ter a certeza absoluta de suicídio.

- A única possibilidade além dessa é homicídio, e praticamente não se ouve falar de homicídio por enforcamento. Se alguém tivesse sido estrangulado primeiro, veríamos um desenho diferente deixado pela forca, e não este V invertido. E forçar a cabeça de um homem

através de um nó corrediço … Bem, é quase certo que deixaria outras lesões. O homem estrebucharia.

- E se ele estivesse drogado e inconsciente?

- Vamos fazer uma análise para eventual detecção de drogas, Lesma, só para te fazer feliz.

Lundquist, já recuperado, interrompeu:

- Proponho que deixemos o caso assim, como suicídio.

- Eu faria isso mesmo … se não fossem as luzes.

- Quais luzes? - indagou Rowbotham, com um olhar que finalmente denotava algum interesse por detrás dos seus óculos de protecção.

- O Dr. Levi foi encontrado enforcado num quarto de doente fora de uso que o hospital estava a renovar - explicou Katzka. - O operário que encontrou o corpo tinha quase a certeza de que deixara as luzes apagadas.

- Continue - pediu Rowbotham.

- O Dr. Levi morreu sábado de manhã, muito cedo, bastante tempo antes do nascer do Sol. Isso significa que ele se enforcou às escuras ou que outra pessoa apagou as luzes.

- NÃo CONSIGO ACREDITAR - dizia Elaine sem cessar. - Não consigo acreditar.

Não estava a chorar; tinha passado o funeral sentada, de olhos secos. Agora, estava sentada numa cadeira da sua sala de estar com uma travessa de sanduíches no colo e dizia de novo:

- Não posso acreditar que ele morreu. Abby pegou numa sanduíche de azeitonas e passou a travessa aos outros convivas. A travessa passou de mão em mão pelo grupo de convidados. Na sala, encontravam-se pelo menos duas dúzias de pessoas, solenemente sentadas em sofás e cadeiras ou de pé, formando pequenos grupos, mas pouco se falava.

A travessa das sanduíches tinha dado a volta completa e agora regressara, vazia, às mãos de Abby.

- Vou voltar a enchê-la- disse ela a Elaine. Levantou-se do sofá e dirigiu-se à cozinha. Aí deparou com os tampos de mármore das bancadas cobertos de travessas de comida. Estava a destapar uma travessa de camarões quando olhou pela janela da cozinha e

reparou em Bill Archer, Raj Mohandas e Frank Zwick de pé no terraço de laje. Conversavam entre si, abanando as cabeças. “Deixa que sejam os homens a retirar ilações”, pensou ela. Havia uma garrafa de whísky em cima da mesa do guarda-sol, ali colocada para facilidade de auto-serviço. Quando Zwick estendeu a mão para ela, avistou Abby. Inclinou a cabeça e acenou-lhe rapidamente com a mão. Em seguida, os três homens atravessaram o terraço e afastaram-se, penetrando no jardim.

- Tanta comida. Não sei o que lhe vou fazer - lastimou-se Elaine. Abby não tinha reparado que ela entrara na cozinha. Elaine ficou de pé junto ao tampo da bancada, abanando a cabeça. _ Lamento muito - consolou-a Abby. - Se ao menos eu pudesse dizer alguma coisa que a ajudasse.

- Só gostava de entender. Ele nunca disse nada. Nunca me disse que. Engoliu em seco e fitou Abby. - Você falou com ele naquela noite. Será que ele disse alguma coisa que …

- Conversámos sobre um dos nossos doentes. Aaron queria ter a certeza de que eu estava a agir correctamente.

- Foi só sobre isso que falaram?

- Só sobre o doente. Aaron não me pareceu diferente do habitual, apenas preocupado. Nunca imaginei que pudesse… - Abby calou-se.

Elaine pegou numa travessa e meteu-a no frigorífico.

- Não houve sinais de aviso - retorquiu ela. - Olí, eu bem sei ,que ele não era feliz no trabalho. Andava sempre a falar em sair de Boston ou até em abandonar definitivamente a medicina.

- Porque se sentia ele tão infeliz?

- Ele recusava-se a falar sobre isso. Quando ele tinha consultório próprio, conversávamos a toda a hora sobre o trabalho dele. Mas depois de nos termos mudado para aqui, foi como se eu deixasse de o conhecer. Ele vinha para casa e sentava-se como um tonto à frente daquele maldito computador. Às vezes, eu acordava, já pela noite dentro, e ouvia aqueles estranhos bipes e cliques. Era Aaron, ali sentado, completamente sozinho, a jogar um jogo de vídeo qualquer.

Lá fora, os três homens regressavam do passeio pelo jardim. Abby observou-os a atravessarem o terraço em direcção à porta da

cozinha. Entraram em casa e cumprimentaram-na com um aceno de cabeça.

- Bonito jardinzinho - comentou Archer. - Devias ir até lã fora dar urna volta, Abby.

- Eu também gostava - respondeu ela. - Elaine, talvez pudesse vir comigo e mostrar-mo … - Fez uma pausa.

Não estava ninguém junto ao frigorífico. Elaine saíra da cozinha.

UMA MULHER rezava junto à cama de Mary Allen. Já ali estava sentada há meia hora, de cabeça inclinada e mãos juntas, enquanto murmurava em voz alta dirigindo-se ao bom Senhor Jesus, implorando-Lhe que purificasse o corpo de Mary e a sua alma impura, de tal modo que ela finalmente aceitasse a palavra Dele em toda a sua glória.

- Desculpe-me - disse Abby. - Lamento intrometer-me, mas preciso de examinar Mrs. Allen.

A mulher continuava a rezar. Abby estava prestes a repetir o pedido quando a mulher disse por fim “Amen” e levantou a cabeça. Tinha olhos que não sabiam sorrir e cabelo castanho sem brilho, com os primeiros fios grisalhos. Fitou Abby com um olhar irritado.

- Sou Abby DiMatteo. Sou a médica que trata de Mrs. Allen.

- Eu também - respondeu a mulher, pondo-se de pé e apertando a Bíblia contra o peito. - Eu sou Brenda Hainey, sobrinha de Mary.

- Eu não sabia que Mary tinha uma sobrinha. Fico contente por poder vir visitá-la.

- Só soube da doença dela há dois dias. Ninguém se incomodou em chamar-me. - O tom de voz subentendia que a culpa era de Abby.

Abby dirigiu-se para a cama e disse baixinho:

- Mrs. Allen? Mary abriu os olhos.

- Estou acordada, Dra. Abby. Estou só a descansar.

- Como se sente hoje?

- Ainda com náuseas.

- Pode ser um efeito secundário da morfina. Nós vamos dar-lhe qualquer coisa para acalmar o estômago.

- Ela está a tomar morfina? - perguntou Brenda.

- Para as dores. - Abby voltou-se para a sobrinha. - Mrs. Brenda Hainey, pode sair do quarto, por favor? Eu preciso de examinar a sua tia.

- Eu sou Miss Brenda Hainey - emendou Brenda. - E estou certa de que a tia Mary prefere que eu fique.

- Mesmo assim, tenho de pedir-lhe que saia. Brenda olhou de relance para a tia, na esperança óbvia de um protesto. Mary Allen olhou fixamente em frente em silêncio. Brenda abraçou a Bíblia com mais força.

- Fico mesmo ali à porta, tia Mary.

- Deus do Céu - sussurrou Mary enquanto a porta se fechava atrás de Brenda. - Isto deve ser o meu castigo.

- Refere-se à sua sobrinha?

O olhar cansado de Mary fixou Abby.

- Acha que a minha alma precisa de ser salva.

- Eu diria que isso é apenas da sua conta e de mais ninguém.

QUANDo Abby saiu do quarto, deu com Brenda Hainey à espera, mesmo atrás da porta.

- Doutora, quanto à morfina. Será realmente necessária?

- Creio que a sua tia diria que sim.

- Deixa-a sonolenta. Dorme o tempo todo.

- Estamos a tentar libertá-la o mais possível da dor. O cancro está generalizado. E o pior tipo de dor que se possa imaginar. A maior bondade que podemos ter para com ela é ajudá-la a partir com um mínimo de mal-estar.

- Que quer dizer “ajudá-la a partir”, doutora? Por acaso, até sei que a eutanásia não é legal.

Abby sentiu o rosto afogueado de cólera. Lutando para a controlar, disse o mais calmamente que conseguiu:

- Não está a compreender-me. O que estamos a tentar fazer é evitar-lhe o sofrimento.

- Há outras formas de o fazer.

- Tais como?

66

COLHEITA MACABRA

Recorrer a fontes de auxílio mais elevadas. São certamente bem-vindas as suas orações pela sua tia. Mas, se bem me lembro, a Bíblia não diz nada contra a morfina.

A expressão de Brenda endureceu-se. A réplica dela foi interrompia pelo apito do beeper de Abby.

Desculpe - disse Abby friamente, e afastou-se, deixando a conversa a meio.

Fora mesmo na boa altura, pois Abby estivera quase para dar uma

verdadeiramente sarcástica. Com a acção de Joe Terrio à espreita no horizonte e Victor Voss determinado a provocar o seu despedimento, a última coisa de que ela precisava era de outra queixa levantada contra a sua pessoa.

Pegou num telefone da sala das enfermeiras e ligou o número no mostrador do seu beeper.

- Secretária de informações - disse uma voz de mulher.

- Daqui é Abby DiMatteo. Enviou-me uma mensagem?

- Sim, doutora. Está um senhor chamado Bernard Katzka aqui, junto à secretária, a perguntar se pode vir ter com ele aqui ao átrio.

- Não conheço ninguém com esse nome. Estou com muito que fazer aqui em cima. Pode perguntar-lhe qual é o assunto que o traz cá?

Ouviu-se um sussurro de conversa de fundo. Quando a mulher voltou a falar, a voz parecia estranhamente reticente:

- É polícia.

O HOMEM OUE A ESPERAvA no átrio pareceu-lhe vagamente familiar. Andava pelos quarenta e cinco anos, altura e constituição medianas e um rosto nem bonito nem feio. O cabelo, de um castanho -escuro, começava a rarear no alto da cabeça, facto que ele não fazia qualquer esforço para esconder. Enquanto Abby se aproximava dele, teve a impressão de que também ele estava a

reconhecê-la - o olhar dele identificara-a desde o momento em que a vira sair do elevador.

- Dra. Abby DiMatteo? Inspector Bernard Katzka, homicídios.

O simples facto de ouvir aquela palavra deixou-a estupefacta. Cumprimentaram-se com um aperto de mão. Só então, quando os olhares se cruzaram, é que Abby se lembrou de onde o vira - no funeral de Aaron Levi. Ele estivera ligeiramente afastado de toda a gente, uma figura silenciosa de fato-escuro. Durante o serviço, os olhares de ambos tinham-se intersectado. Nessa altura, ela quase não registara qualquer impressão relativamente ao homem. Fitando agora o seu rosto, Abby deu consigo a prestar grande atenção aos olhos dele, que eram de um cinzento calmo e resoluto. Se não fosse a inteligência daqueles olhos, Bernard Katzka poderia passar completamente despercebido.

- Vi-o no funeral de Aaron Levi. Ou estou enganada? - perguntou.

- Estive lá.

Abby esperou por uma explicação, mas o polícia apenas perguntou:

- Há algum sítio onde possamos conversar?

- Posso perguntar-lhe qual é o assunto?

- A morte do Dr. Levi. Ela olhou para as portas do átrio. O sol brilhava, e ela passara todo o dia sem sair do hospital.

- Há um pequeno pátio com uns bancos. Porque não vamos até lá? Estava agradável lá fora, uma tarde de Outubro perfeita. Sentaram-se num banco diante de uma pequena fonte. Durante um momento, nenhum deles disse nada. O silêncio deixou Abby pouco à vontade, mas parecia não perturbar o seu companheiro. Parecia habituado a longos silêncios.

- Elaine Levi deu-me o seu nome. Sugeriu-me que falasse consigo.

- Porquê?

- A senhora falou com o Dr. Levi no sábado de manhã cedo. Lembra-se de que horas eram?

- Por volta da uma da madrugada, segundo creio. Ele telefonou para a UCIC e pediu para falar com o médico de serviço. Por acaso,

era eu naquela noite.

- Que queria ele?

- Uma doente estava com febre pós-operatória, e Aaron queria conversar sobre o plano de acção. Agora, importa-se de me dizer o que está a passar-se?

- Estou a tentar estabelecer a cronologia dos acontecimentos. Então, voltou a falar com o Dr. Levi depois dessa chamada?

- Não. Eu telefonei-lhe, mas ele já tinha saído de casa.

- A que horas foi isso?

- Não sei. Talvez às três, três e um quarto.

- Não voltou a ligar-lhe para casa durante essa manhã?

- Não. Tentei contactá-lo pelo beeper por várias vezes, mas nunca me respondeu. Eu sabia que ele estava algures no edifício, porque o carro dele estava no parque de estacionamento.

- A que horas o viu lá?

- Eu não vi. O meu namorado, o Dr. Hodell, viu-o quando chegou ao hospital, por volta das quatro da manhã. Olhe, por que razão é que a Brigada de Homicídios está a investigar este caso?

Katzka ignorou a pergunta.

- Elaine Levi diz que alguém telefonou por volta das duas e um quarto. O marido dela atendeu o telefone e poucos minutos depois vestiu-se e saiu de casa. Sabe alguma coisa sobre essa chamada?

- Não. Não fui eu. Eu só falei uma vez com Aaron. Agora, eu gostava realmente de saber qual a razão de todo este interrogatório. Não pode certamente ser um procedimento de rotina.

- Não, não é rotina.

O beeper de Abby apitou. Era do gabinete dos internos - não era

uma emergência, mas ela já estava a ficar saturada com aquela conversa. Pôs-se de pé.

- Inspector, tenho trabalho a fazer. Não tenho tempo para responder a tantas perguntas vagas.

As minhas perguntas

são bastante específicas. Estou a tentar estabelecer quem fez os telefonemas e a que horas da madrugada. E ainda ,,aquilo que foi dito. Porquê? Estamos a considerar a possibilidade de que a morte do Dr. Levi não tenha sido suicídio. Ela fitou-o e depois voltou a recostar-se lentamente no banco.

Está a dizer que ele pode ter sido assassinado? Katzka não respondeu. Ficou sentado imóvel, sem revelar nada.

- Aaron suicidou-se realmente? - perguntou Abby.

- Os resultados da autópsia são consistentes com asfixia.

- Já era de esperar. Parece mesmo suicídio. Porque não ficou convencido?

Ele hesitou e depois disse:

- Dois dias antes de morrer, o Dr. Levi levou para casa um computador novinho em folha.

- Só isso? É nisso que se baseiam todas as suas perguntas?

- Ele utilizou-o para fazer várias coisas. Primeiro, fez reservas de avião para duas pessoas para Santa Lúcia, nas Caraffias. Além disso, enviou um E-mail para o filho, em Dartmouth, fazendo planos para o feriado de Acção de Graças. Dois dias antes de se suicidar, este homem faz planos para o futuro. Mas às duas e um quarto da manhã sai da cama e dirige-se de automóvel para o hospital. Apanha um elevador até um piso deserto. Prende um cinto à cavilha do armário, faz uma laçada com a outra ponta à volta do pescoço e deixa que as pernas fiquem suspensas. Não terá perdido imediatamente a consciência. Teria tido tempo para mudar de ideias. Tinha mulher, um filho e uma praia em Santa Lúcia à espera. Mas opta por morrer, sozinho e às escuras. - Os olhos calmos e tranquilos de Katzka fixaram-se nos dela. - Pense bem nisto.

- Não sei se me apetece - retorquiu ela, engolindo em seco.

- Sabemos que o carro do Dr. Levi foi encontrado no seu lugar habitual no parque de estacionamento do hospital. Não sabemos porque o conduziu até lá. Além dessa chamada das duas e um quarto, que descobrimos ter sido feita de Bayside, você é a última pessoa que sabemos ter talado com o Dr. Levi. Houve alguma coisa do que ele disse que lhe tenha parecido não bater certo?

Abby reflectiu um pouco. Depois, lembrou-se de como Aaron tinha parecido descoroçoado quando a ouvira atender o telefone.

- Dra. Abby DiMatteo? - A expressão de Katzka tornara-se mais viva.

Lembro-me de que ele não me pareceu muito contente por ser eu a interna de serviço.

- E porquê?

- Devido à doente em questão. O marido dela e eu … tínhamos tido um conflito. - Abby desviou o olhar. - Estou certa de que Aaron teria preferido que eu me mantivesse a quilómetros de distância de Mrs. Voss.

- Mrs. Victor Voss? - inquiriu Katzka.

- Sim. - Abby voltou a fixá-lo. - Conhece o nome? Katzka recostou-se no banco, respirando devagarinho.

- Sei que ele fundou a VM1 International. A que tipo de cirurgia foi a mulher dele submetida?

- Transplante cardíaco. Agora, está muito melhor. A febre passou ao fim de alguns dias com antibiótico.

Katzka olhava a fonte fixamente. Depois, levantou-se bruscamente.

- Obrigado pelo tempo que lhe tomei, Dra. Abby DiMatteo -

agradeceu ele. - Pode ser que volte a contactá-la.

Voltou costas e afastou-se rapidamente. O homem tinha passado de uma imobilidade total para a velocidade do som. Espantoso.

O beeper de Abby apitou. Era outra vez o gabinete dos internos. Ela regressou ao átrio e pegou no telefone interno.

Uma secretária atendeu a sua chamada:

- Gabinete dos internos.

- Aqui Abby DiMatteo. Ligou-me?

- Olí, liguei, sim. Tem aqui uma carta registada.

- Enviada por quem? Ouviu-se um restolhar de papel e depois:

- Pela Hawkes, Craig e Sussman, advogados. Abby sentiu a alma cair-lhe aos pés.

- Vou já para aí - retorquiu, e desligou. De novo a acção judicial de Terrio. Sentia as mãos transpiradas enquanto subia de elevador até ao piso dos serviços administrativos.

A secretária do gabinete dos internos estava ao telefone. Abby viu o envelope na sua divisória para correio e abriu-o com nervosismo.

De princípio, não compreendeu o que estava a ler. Em seguida, fixou-se no nome do queixoso e, finalmente, fez-se luz sobre o significado da carta. A sua alma já lhe caíra aos pés … e rebentara.

Aquela carta não tinha nada a ver com Karen Terrio. Era por causa de outro doente, um tal Michael Freeman, um alcoólico a quem rebentara, inesperadamente, um vaso sanguíneo dilatado no esófago e que sangrara até à morte no seu quarto do hospital. Abby era a interna responsável pelo seu caso. Agora, a mulher de Michael Freeman queria pôr-lhe uma acção e contratara a Hawkes, Craig e Sussman como sua representante. Abby era o único arguido citado no processo.

Abby fugiu a correr para o seu quarto das noites de serviço, trancou-se por dentro e sentou-se na cama. Olhou fixamente a carta, pensando em todos os anos, em todo o trabalho que tivera para chegar ao ponto actual da sua carreira. Pensou nas noites em que adormecera sobre os livros, nos fins-de-semana em que fizera dois turnos seguidos como fiebotomista, tirando sangue para pagar os estudos. Pensou nos cerca de cento e vinte mil dólares de empréstimos que tinha de pagar.

Pensou também em Pete, que fora a razão de tudo isso - o irmão que ela tinha querido salvar e não conseguira. Pensou sobretudo em fete, hospitalizado e em coma durante vários meses, agora com dez :&nos até à eternidade… Victor Voss estava a ganhar. Tinha dito que havia de destruí-la, e era isso precisamente que ia fazer.

Recalcitra. Estava na hora de recalcitrar. O beeper apitou. Será que nunca mais iam deixá-la em paz? Pegou no telefone e ligou o zero.

- Abby DiMatteo - anunciou bruscamente.

- Chamada de fora para si, doutora. Vou passar. Ouviu uns cliques; depois, uma mulher perguntou:

- Dra. Abby DiMatteo?

- A própria.

- Aqui é Helen Lewis, do Banco de Orgãos de Nova Inglaterra. A senhora deixou uma mensagem no sábado passado acerca de um dador de coração. Esperámos que alguém de Bayside voltasse a falar, mas ninguém o fez. Por isso, decidi tentar contactá-la de novo.

- Desculpe. Eu devia ter-lhe telefonado, mas o serviço aqui tem sido uma loucura. Parece que afinal foi apenas um mal-entendido.

- Bem, isso facilita as coisas, pois eu, de qualquer forma, não consegui encontrar as informações. Se tiver mais perguntas, dê-me

apenas …

- Desculpe. O que é que acabou de dizer? - interrompeu Abby.

- Que os dados que me pediu não constam do nosso sistema. Após uns bons segundos de silêncio, Abby perguntou lentamente:

- Tem a certeza absoluta de que não os tem?

- Percorri todos os nossos arquivos. Na data que me deu, não temos registado nenhum dador de coração. Em nenhuma parte do Vermont.

SETE

A ESTA ELE - exclamou Colín Wettig, abrindo a Lista de `Médicos Especialistas. - Professor Timothy Nicholls, Tufts. Residency, Massachusetts General. Especialidade, cirurgia cardiotorácica. Ligado ao Wilcox Memorial, em Burlington, no Vermont. - Fez deslizar o livro sobre a mesa de reuniões. - Então, sempre há um cirurgião cardiotorácico chamado Tim Nicholls a exercer em Burlington.

77

TESS GERRITSEN

- Quando falei com Nicholls no sábado - disse Archer -, ele disse que assistiu à colheita no Wilcox Memorial. Infelizmente, não consegui encontrar ninguém que estivesse com ele no bloco. Agora, o pessoal que trabalha com ele diz que ele pediu licença sem vencimento. Não sei o que está a passar-se, Jeremiah, mas começa a cheirar mal.

Jeremiah Parr mexeu-se pouco à vontade na cadeira e olhou de relance para a advogada Susan Casado. Não se deu ao trabalho de olhar para Abby, que estava sentada na extremidade da mesa, ao lado da coordenadora de transplantes, Donna Toth. Talvez não quisesse olhar para ela. Fora Abby, afinal de contas, quem iniciara a reunião, chamando a atenção de todos para aquela grande confusão.

- Afinal, que se passa aqui? - perguntou Parr. Archer respondeu:

- Creio que Victor Vôss conseguiu manter o dador fora do sistema de registos. Conseguiu desviar o coração directamente para a mulher.

- Explique-me como é suposto funcionar o sistema de atribuição de órgãos de dadores - pediu Parr. - Com efeito, não compreendo como tudo isto aconteceu.

- O sistema é bastante simples - explicou Donna Toth. - Temos uma lista de espera de doentes que precisam de órgãos, tanto a nível regional como nacional. O sistema nacional é a Rede Unida para Partilha de Orgãos, ou RUPO, para abreviar. O regional é o Banco de Orgãos de Nova Inglaterra, ou BONI. Ambos os sistemas classificam os doentes apenas por ordem de necessidade. A lista não tem nada a ver com riqueza, raça ou condição social.

- Qual era a posição de Mrs. Voss na lista?

- Era o número três da lista do grupo sanguíneo A13 - respondeu Donna.

- Que aconteceu aos dois primeiros nomes?

- Consultei o BONI. Ambos os nomes foram reclassificados como código oito uns dias mais tarde.

- O que significa que morreram? - perguntou Susan Casado. Donna assentiu com a cabeça e completou:

- Nunca receberam os respectivos transplantes. Parr resmungou:

- Então, Mrs. Voss recebeu um coração que devia ter ido para outra pessoa.

- Parece ter sido isso que aconteceu.

- Como soubemos nós da existência do dador? - perguntou Susan.

- Através de uma chamada telefónica - retorquiu Donna. - É como funciona habitualmente. O coordenador de transplantes do hospital dador analisa a lista de espera mais recente do BONI e liga para o número de contacto relativo ao primeiro doente da lista.

- Então, o coordenador de transplantes de Wilcox telefonou-lhe?

- Telefonou. Já tinha falado antes com ele ao telefone acerca de outros dadores, por isso não tinha razões para questionar esta doação

particular. Archer abanou a cabeça.

- Não sei como Voss engendrou tudo. Cada passo do processo paia legal e impecável, segundo a nossa opinião. E óbvio que alguém recebeu “luvas” no Wilcox. Aposto que foi o coordenador de transplantes. . por isso, a mulher de Voss recebe o coração, e Bayside vê-se apanhado num negócio de tráfico de órgãos. Ainda por cima, não temos documentos nenhuns do dador para comprovar tudo isto.

Ainda não apareceram? - perguntou Parr. Não consegui encontrá-los - respondeu Donna. - Os registos do dador não estão em parte nenhuma do meu gabinete.

- Então, como é que nós vamos resolver a questão? - quis saber Abby.

A sua pergunta foi recebida com um silêncio momentâneo.

- Não tenho a certeza do que devemos fazer - disse Parr. Depois prosseguiu, fitando a advogada: - Somos obrigados a fazer o seguimento do caso?

- Do ponto de vista ético, somos - respondeu Susan. - Contudo, haverá consequências se o fizermos. Primeiro, não há possibilidade de manter a imprensa alheia ao caso. Segundo, em certo sentido, estaríamos a quebrar a confidencialidade da doente. Isso não assentaria bem sobre um certo segmento da nossa população de doentes.

- Quer dizer, aos mais ricos de todos - resmungou Wettig.

- Aqueles que mantêm vivo este hospital - corrigiu Parr.

- Precisamente - continuou Susan. - Se ouvirem dizer que mandámos investigar alguém como Vôss, nunca mais acreditariam que mantemos a confidencialidade dos seus próprios processos clínicos. E se o caso é apresentado de forma a parecer que nós fazemos parte da conspiração? Perderíamos toda a credibilidade.

Abby olhou para Archer de relance, que parecia aterrado com a possibilidade. Aquilo poderia destruir o programa de transplantes de Bayside.

- Até que ponto esta história já ecoou lá fora? - perguntou Parr.

- O que é que a senhora disse ao BONI, Dra. Abby DiMatteo?

- Quando falei com Helen Lewis, não tinha a certeza do que se passava. Nenhum de nós tinha. Foi assim que ficou o caso. Por resolver.

- Está bem. Então, só se sabe disto nesta sala. - Parr suspirou de alívio.

Susan Casado parecia tão aliviada como Parr.

- Ainda temos uma hipótese de controlar os danos. Diga a Helen Lewis que foi uma doação directa, pelo que nunca passou pelo BONI. Depois, podemos seguir em frente.

- Por outras palavras - interveio Wettig -, enterrar a cabeça na areia.

- Quem não vê o mal não ouve falar dele. Apenas temos de erguer barreiras para garantir que isto não volte a acontecer. - Parr olhou em redor da mesa. Pareceu tomar a falta de resposta como sinal de concordância geral.

Abby, porém, não conseguiu aguentar-se em silêncio:

- E que vai acontecer a Victor Voss? - perguntou. Contudo, já sabia a resposta: não ia acontecer-lhe nada. Nunca acontecia nada a homens como Victor Voss. Ele podia comprar um coração, podia

comprar um hospital inteiro. E também podia comprar advogados em número suficiente para transformar os modestos sonhos de uma interna de cirurgia em terra queimada.

- Ele está decidido a arruinar-me - recordou Abby aos outros. -

Despejou miudezas de animais no meu carro. Levantou-me duas acções judiciais e estou certa de que vêm mais a caminho. É difícil para mim seguir em frente sem mais.

- Dra. Abby DiMatteo - disse Parr -, a reputação deste hospital está em jogo. Precisamos da colaboração de todos, incluindo a sua. _ E se, por qualquer razão, tudo se vier a saber? Bayside vai ser acusado de encobrimento de actos criminosos. E se isso rebentar, atinge-nos a todos.

Parr e Susan trocaram olhares nervosos. Susan concluiu:

- É um risco que temos de correr.

ABBY DESPIU RAPIDAMENTE a sua bata do bloco e empurrou as portas duplas. Era quase meia-noite. O doente vítima de umas facadas estava agora no recobro. Tudo tranquilo nas trincheiras.

Ela não tinha a certeza de estar contente com a calmaria. Dava-lhe demasiado tempo para matutar em tudo o que fora dito durante a reunião daquela tarde.

“A minha única hipótese de ripostar”, pensou ela, “e não posso. Não posso se quiser continuar a jogar na equipa, mantendo acima de tudo os interesses de Bayside.”

Por várias vezes, durante essa noite, estivera a ponto de pegar no telefone e ligar para Helen Lewis. Era o que bastava para trazer o BONI à cena. Uma chamada telefónica que expusesse Victor Vôss. Agora, enquanto se dirigia para o quarto dos médicos de serviço, continuava a reflectir sobre o que devia fazer. Abriu a porta e entrou. A primeira coisa que notou foi o perfume. Ligou o candeeiro e viu a jarra de flores sobre a secretária. Um roçagar de lençóis atraiu o olhar dela para a cama.

- Mark? - disse ela. Ele acordou em sobressalto. Durante um momento, parecia não saber bem onde estava. Depois, viu-a e sorriu:

- Feliz aniversário.

- Oh, esquecime completamente! - Dirigiu-se para a cama e sentou-se ao lado dele. - É meia-noite. Há quanto tempo estás aqui?

Há duas horas. Mark afastou-se para o lado a fim de lhe dar espaço sobre o colchão estreito. Abby descalçou os sapatos e deitou-se ao lado dele. Sentiu-se imediatamente reconfortada com o calor da cama e do homem. Pensou

falar-lhe na reunião da tarde, sobre a segunda acção judicial, mas lhe apetecia falar nem numa nem noutra.

Não posso acreditar que me esqueci do meu próprio dia de anos. vez desejasse esquecê-lo. Já faço vinte e oito. Rindo, Mark envolveu-a com um braço.

- Que velhinha tão decrépita … ‚Í’ - Sinto-me realmente velha. Sobretudo esta noite.

- Sim, está bem, então eu sinto-me um verdadeiro ancião - gracejou Mark, beijando-a. - E não caminho para mais novo, por isso talvez tenha chegado a hora.

- A hora de quê? Mark pôs a mão em concha à volta do rosto de Abby.

- Para te pedir em casamento. Ela fitou-o, surpresa, incapaz de falar, mas tão cheia de felicidade que sabia que devia ter a resposta estampada nos seus olhos.

- Percebi há umas duas noites atrás que era isso que eu queria -

explicou ele. - Tu estavas de serviço, e quando fui para a cama, vi as tuas coisas em cima da cómoda. A tua escova de cabelo, a tua caixa de jóias, aquele soutien que nunca mais pões de parte. - Riu-se baixinho.

- Enfim, foi então que percebi que nunca mais quero viver em lado nenhum sem a tua tralha em cima da minha cómoda. Acho que não conseguia, que já não conseguia.

- Oh, Mark. - Abby viu-o sorrir por entre as suas lágrimas.

- Então, que acha, Dra. Abby DiMatteo? - sussurrou ele. -

Conseguimos encaixar um casamento no meio das nossas agendas tão cheias?

A resposta dela foi meio a rir, meio a chorar.

- Sim. Sim, sim, sim! - E, erguendo-se, Abby rebolou para cima dele, lançando-lhe os braços à volta do pescoço e com a boca

procurando a dele.

EM TEMPOS fora bonita. Por vezes, quando Mary Allen olhava para as suas próprias mãos e via as rugas e as manchas castanhas da idade, interrogava-se, assustada: “De quem são estas mãos? Não são minhas, não são da linda Mary Hatcher.” Depois, passava-lhe o momento de confusão e olhava à volta para o quarto de hospital, e percebia que estivera de novo a sonhar. Não fora um verdadeiro sonho, mas uma espécie

de neblina prolongada. Sentia-se grata pela morfina. Retirara-lhe a dor e abrira-lhe um portão secreto na mente, permitindo que as imagens fluíssem, imagens de uma vida recordada, de uma vida quase a findar.

Fechou os olhos e o portão secreto escancarou-se. Havia um caminho até ao mar. Sebes de roseiras cor-de-rosa e de perfume adocicado. Areia tépida que lhe engolia os dedos dos pés. Ondas que avançavam rapidamente, vindas da baía.

Ouviu uma porta a abrir-se. Uma porta verdadeira. Ouviu passos ligeiros.

Suspensa no seu torpor provocado pela morfina, tinha de lutar para abrir os olhos. Quando finalmente o fez, viu que o quarto estava quase às escuras. Distinguiu apenas um pequeno círculo de luz a pairar perto de si. Descortinou uma mancha mais escura que se materializara junto à sua cama. Qualquer coisa nem muito sólida nem muito real. Interrogou-se se também aquilo seria um sonho provocado pela morfina. Sentiu uma mão a apertar-lhe o braço com um toque frio de borracha. A sua respiração foi tomada por um sentimento de medo. Não era um sonho. Era real. Aquela mão estava ali para a conduzir a qualquer lado, para a levar dali para fora.

Uma voz disse baixinho:

- Está tudo bem, Mary. São apenas horas de dormir. Mary viu a lanterna a brincar sobre o seu braço. O tubo de administração intravenosa. Observou uma mão enluvada a fazer aparecer uma seringa. A tampa de plástico foi removida e uma agulha brilhou sob a luz ténue. Sentiu-se de novo assustada e pediu:

- Quero a minha enfermeira. Por favor, chame a minha enfermeira.

- Não é preciso. A ponta da agulha introduziu-se no T do tubo. O êmbolo deu início à sua descida lenta e contínua. Mary sentiu um fluxo tépido pela veia. Percebeu que a seringa estava muito cheia, que o êmbolo estava a demorar muito mais tempo do que o habitual a fornecer a sua dose de esquecimento indolor. “Isto não bate certo”, pensou ela, “há qualquer coisa que não bate certo.”

- Quero a minha enfermeira - pediu ela. Conseguiu soerguer a cabeça e chamar com voz fraca:

- Enfermeira! Por favor! Preciso … Uma mão enluvada tapou-lhe a boca e empurrou-lhe a cabeça de encontro à almofada. Mary estendeu o braço tentando afastar a mão, mas estava encostada à sua boca com uma força excessiva. A doente agitou-se violentamente, sentiu o tubo de administração intravenosa soltar-se sentiu que o tubo desligado deixava escorrer a solução salina. Agora, o calor do líquido tinha-se estendido do braço ao peito e precipitava-se em direcção ao cérebro. Tentou mexer as pernas e verificou que não conseguia. Verificou, de súbito, que não se importava. A mão soltou-se.

Mary estava a correr. Era outra vez uma menina, com o seu cabelo comprido castanho a esvoaçar à volta dos ombros. A areia estava tépida

os seus pés descalços, e o ar cheirava a rosas e a maresia. o portão escancarou-se à sua frente.

O TELEFONE A TOCAR arrancou Abby de um lugar onde só havia ca e segurança. Remexeu-se ao acordar e sentiu um braço à volta da cintura - o de Mark. De algum modo, apesar de a cama ser estreita, tinham conseguido adormecer. Estendeu o braço para o telefone.

- Abby DiMatteo.

- Dra. Abby, daqui é Charlotte, da ala quatro oeste. Mrs. Allen morreu. Os internos estão demasiado ocupados neste momento, por isso pensei em pedir-lhe para vir passar a certidão de óbito da doente.

Está bem, vou já. Abby desligou. Mrs. Allen. Morta. Fora mais cedo do que ela esperava. Sentiu-se aliviada por o martírio ter chegado ao fim e culpada por conseguir sentir alívio com isso. Eram

3 da manhã. Calçou os sapatos. Mark ressonava baixinho. Sorrindo, inclinou-se e deu-lhe um beijo.

- Sim, amo - sussurrou-lhe ela ao ouvido, e saiu do quarto. Charlotte recebeu-a na sala das enfermeiras da ala quatro oeste. Foram juntas para o quarto de Mary, na outra extremidade do corredor.

- Demos com ela assim durante as visitas das duas da manhã. Tinha-a visto à meia-noite, e ela estava a dormir, por isso deve ter acontecido pouco depois.

- Comunicou à família?

- Falei à sobrinha, que está registada no processo. Já vem a caminho. Estivemos a limpar tudo para a visita.

- A limpar?

- Mary deve ter arrancado o tubo. Havia soro espalhado pelo chão. Entraram no quarto da doente. A missão de Abby demorou apenas alguns minutos. Colocou os dedos sobre a artéria carótida. Levantou a bata e pousou-lhe o estetoscópio sobre o peito. Fez incidir a luz de uma lanterna nos olhos. Depois, pegou no processo de Mary Allen, registou os resultados e escreveu: “Declaração de óbito da doente às 3.05.”

Fechou o processo e voltou costas para sair. Brenda Hainey estava de pé à porta.

- Lamento, Miss Brenda Hainey - disse Abby. - A sua tia faleceu enquanto dormia. Foi algum tempo depois da meia-noite.

- Estava alguém com ela quando isso aconteceu?

- Estavam enfermeiras de serviço na enfermaria.

- Mas não estava ninguém com ela no quarto? Abby hesitou e decidiu que a verdade era sempre a melhor resposta.

Não, ela estava sozinha. Tenho a certeza de que tudo aconteceu

durante o sono. Foi uma forma tranquila de partir. - Afastou-se da cama. - Pode ficar com ela durante algum tempo, se desejar. Eu vou pedir às enfermeiras que respeitem a sua privacidade. - Fez menção de passar por Brenda em direcção à porta.

- Porque não fizeram nada para a salvar? Abby voltou-se, fitando-a.

- Não se podia fazer nada. Ela tinha cancro em fase terminal.

- Ela só deu entrada no hospital há duas semanas. Creio que vocês a puseram mais doente.

O estômago de Abby começava a dar voltas.

- Não havia nada que pudéssemos fazer - repetiu.

- Porque não tentaram reanimá-la por meio de choques?

- Ela era uma doente sem código. Isso significa que não lhe fazemos reanimação nem a ligamos a uma máquina respiratória. Era esse o desejo da sua tia, e nós respeitámo-lo. A senhora devia fazer o mesmo.

Abby saiu antes de Brenda poder dizer mais qualquer coisa. Antes de ela própria dizer qualquer coisa de que viesse a arrepender-se.

Encontrou Mark ainda a dormir no quarto dos médicos de serviço. Enfiou-se na cama, de costas encostadas ao peito do namorado, e passou o braço dele à volta da sua própria cintura. Mark suspirou e aninhou-se mais de encontro a ela. Ela pegou-lhe na mão e apertou-lha contra o coração. Quero. Sorriu apesar da tristeza pela morte de Mary Allen. Era o início de uma nova vida, a dela e a de Mark. A morte de uma doente idosa era um acontecimento triste, mas era aqui, no hospital, que as vidas chegavam ao seu termo. E que novas vidas começavam.

FOI A MEIO DA MANHÃ que o táxi deixou Brenda Hainey à porta de casa, em Chelsea. Não tinha tomado o pequeno-almoço, não tinha dormido desde aquele telefonema do hospital. Rezara junto à cama da tia até as enfermeiras terem voltado para levar o corpo para a morgue.

Agora, subindo os degraus que conduziam ao alpendre de entrada, ansiava por um pequeno-almoço sossegado e uma longa sesta. Abriu a porta e viu que um envelope com o nome dela tinha sido enfiado pela ranhura da porta. Só trazia o seu nome. Nada de remetente.

Rasgou o envelope e desdobrou a tira de papel que vinha lá dentro. Continha apenas uma linha dactilografada: “A sua tia não morreu de morte natural.” Assinado: “Um amigo.”

FRANK ZWICK ergueu os olhos do doente deitado sobre a mesa de operações e disse:

- Se bem me parece, os parabéns estão na ordem do dia. Abby acabara de entrar no bloco, deparando com Zwick e as duas enfermeiras que lhe sorriam.

- Nunca pensei que ele se deixasse prender - exclamou a enfer —

nieira da desinfecção. - Isto só serve para vos mostrar que o estado de solteirão é uma doença curável. Quando é que ele lhe fez o pedido, Dra. Abby?

Abby enfiou os braços na bata esterilizada e calçou as luvas.

- Há dois dias.

- Conseguiu guardar segredo durante dois dias inteiros? Abby riu-se.

- Quis certificar-me de que ele não ia mudar de opinião. Acabou de cobrir o doente e olhou para cima enquanto Mark empurrava as portas. Ele enfiou a bata e as luvas e tomou o lugar à frente dela, do outro lado da mesa. Sorriram um ao outro.

O intercomunicador zumbiu. Ouviu-se uma voz pelo altifalante:

- A Dra. Abby DiMatteo está?

- Está, sim - disse a enfermeira.

- Mr. Parr precisa que ela saia do bloco.

- Diga-lhe que estamos a meio de uma operação! - ordenou Mark.

- Ele sabe. Precisamos que a Dra. Abby DiMatteo venha até cá repetiu o intercomunicador. - Já!

Abby afastou-se da mesa e despiu a bata com nervosismo. Passava-se qualquer coisa de errado. O seu coração já batia a galope quando transpÔs as portas do bloco e se dirigiu à secretária da recepção.

Jeremiali Parr estava ali de pé. A seu lado, dois guardas da segurança do hospital e a enfermeira-inspectora. Nenhum deles sorria.

- Dra. Abby DiMatteo - disse Parr -, pode acompanhar-nos?

- Que se passa, afinal? Aonde vamos? - inquiriu Abby.

- Ao seu cacifo. Ladeada pelos dois guardas, Abby seguiu Parr até à sala dos cacifos do pessoal feminino. A enfermeira-inspectora

começou por mandar sair todo o pessoal e depois acenou a Parr e aos outros para que entrassem.

- Importa-se de abrir o seu cacifo, por favor? - pediu Parr. Abby pegou no cadeado, depois parou e virou-se para Parr:

- Primeiro, quero saber o que está a passar-se.

- Limite-se a abrir o cacifo. Abby olhou de relance para os guardas e depois para a enfermeira-inspectora. Todos a observavam com uma desconfiança exacerbada. “Não posso ganhar”, pensou ela. “Se me recusar a abri-lo, vão pensar que estou a esconder qualquer coisa.”

Abriu o cadeado, e Parr aproximou-se mais, no que foi seguido pelos guardas. Estes estavam de pé, mesmo ao lado da Parr, quando Abby escancarou a porta.

Lá dentro havia roupas de rua, a sua carteira, uma bolsa de toilette às flores para as noites de serviço e a bata branca comprida que ela utilizava durante as visitas. Abriu o fecho do saco às flores e manteve-o aberto para que todos vissem - escova de dentes, tampões e Midol.

Voltou a fechar a bolsa e abriu a carteira. Também aí não havia surpresas. Voltou a meter a carteira no cacifo e retirou a bata do cabide. No momento em que o fez, percebeu que a bata tinha qualquer coisa de diferente. Estava mais pesada. Meteu a mão no bolso e apalpou um objecto cilíndrico e liso. Um pequeno frasco de vidro. Tirou-o do bolso e fixou o olhar no rótulo: SULFATO DE MORFINA. O frasco estava quase vazio.

- Dra. Abby DiMatteo, dê-me isso, por favor - pediu Parr. Demasiado estupefacta para pensar em qualquer acção alternativa, Abby limitou-se a entregar-lhe o frasco.

- Não sei como veio aqui parar - desculpou-se ela. Parr voltou-se para os guardas.

- Por favor, escoltem a Dra. Abby DiMatteo até ao meu gabinete.

- ISTO É UM DISPARATE - exclamou Mark. - Alguém anda a tramá-la, todos sabemos. Faz parte do mesmo padrão de perseguição!

- Isto é completamente diferente, Dr. Hodell. Trata-se da morte de uma doente. - Parr fitou Abby. - Dra. Abby DiMatteo, porque não

nos diz a verdade pura e simples, o que tornaria tudo mais fácil para todos nós?

Abby olhou à volta da mesa para Parr e Susan Casado e para a enfermeira-inspectora, depois disse:

- Já vos disse, não sei como a morfina foi parar ao meu cacifo. Não sei como Mary Allen morreu.

- Você declarou a morte dela - comentou Parr. - Há duas noites.

- As enfermeiras encontraram-na morta. Ela já tinha expirado.

- A senhora estava de serviço na noite em que Mrs. Allen morreu por sobredosagem de morfina. E hoje damos com isto no seu cacifo. -

Pousou o frasco em cima da mesa. - Uma substância de uso restrito. O simples facto de estar na sua posse já é bastante grave.

- O senhor acabou de dizer que Mrs. Allen morreu por sobredosagem de morfina. Como é que sabe? - perguntou Abby, estupefacta.

- Através de medição do nível de drogas. Estava altíssimo.

- Porque se havia de mandar fazer uma medição do nível de drogas? Era uma doente com cancro em fase terminal - interveio Mark.

Parr olhou para Susan Casado, que disse:

- Uma parente de Mrs. Allen pediu-nos que o fizéssemos. Recebeu um bilhete qualquer segundo o qual a morte da tia era suspeita. Notificámos o Dr. Wettig, e ele mandou fazer a autópsia.

- Então, o que estão a dizer é que a doente recebeu uma sobredosagem deliberada - interrompeu Mark.

Fez-se um longo silêncio. Parr respondeu:

É isso mesmo. Isto é ridículo! Eu estive com a Abby nessa noite no quarto dos médicos de serviço.

Estiveram sempre juntos? - perguntou Parr. Mark hesitou. “Ele não sabe ao certo”, pensou Abby. Dormira durante todas as chamadas telefónicas, nem se mexera quando ela saíra ara declarar o óbito de Mrs. Allen às 3 da manhã. Ele estava prestes a mentir em seu favor, e ela sabia que isso não ia resultar. Então, disse:

- Mark esteve no quarto dos médicos de serviço comigo. Mas dormiu durante toda a noite.

E a senhora, Dra. Abby DiMatteo? - inquiriu Parr. - Ficou sempre no quarto?

Fui chamada por várias vezes às enfermarias. Mas o senhor já sabia isso, não é verdade?

Parr assentiu com a cabeça.

- O senhor pensa que sabe tudo - comentou Mark. - Então, diga-me lá. Porque havia ela de o fazer? Porque havia Abby de matar a sua própria doente?

- Não é segredo que ela simpatiza com o movimento pró-eutanásia

- referiu Susan Casado.

- O quê?! - Abby fitou-a, surpresa; nem conseguia respirar.

- Estivemos a conversar com as enfermeiras. Em certa ocasião, ouviram a Dra. Abby DiMatteo dizer, e passo a citar - Susan folheava as páginas de um bloco de notas amarelo -, “Se a morfina torna as coisas mais fáceis, é o que devemos dar-lhe. Mesmo que isso acelere o fim”, fim de citação.

- Isso não tinha nada a ver com a eutanásia! Eu estava apenas a falar sobre controle da dor, sobre defender o bem-estar da doente.

Bateram à porta, e o Dr. Wettig entrou e fechou-a atrás de si. Estava de pé junto à outra extremidade da mesa e fitava Abby.

- Ela diz que não sabe nada acerca disto - disse Parr.

- Não me admira - retorquiu Wettig. - Não sabe mesmo nada acerca do que se passou, pois não, Abby DiMatteo?

Abby olhou o General nos olhos, determinada a fazê-lo compreender que não tinha nada a esconder.

- Eu não matei a minha doente. Juro!

- Foi isso que eu pensei que você ia dizer. Wettig meteu a mão no bolso da bata e retirou de lá um cadeado de segredo. Pousou-o em cima da mesa.

- Isto é do cacifo da Dra. Abby DiMatteo. Chamei um serralheiro e ele diz que se trata de um modelo de mola, facílimo de abrir. Basta uma pancada certeira. Além disso, tem o código na parte de trás. Qualquer serralheiro qualificado consegue utilizar esse código para obter a combinação.

Parr olhou para o cadeado e depois encolheu os ombros, rejeitando a hipótese.

Isso não prova nada.

87

TESS GERRITSEN

Que se passa com todos vocês? - perguntou Mark. - Não vêem o que está a passar-se aqui? Um bilhete anónimo, morfina devidamente colocada no cacifo de Abby. Alguém quer dar cabo dela.

- Com que objectivo? - inquiriu Susan.

- Para a fazer cair em descrédito, para que a despeçam.

- Está a sugerir que alguém assassinou realmente uma doente só para arruinar a carreira da Dra. Abby DiMatteo?

Mark fez menção de responder, mas depois pareceu pensar segunda vez. Era uma teoria absurda, e todos o sabiam.

- Tem de concordar, Dr. Hodell, que está a ser uma conspiração muito elaborada - comentou Susan.

- Não tão elaborada como aquilo que já me aconteceu - interveio Abby. - Vejam o que Victor Voss já fez. Agrediu-me, colocou órgãos ensanguentados no meu carro. Depois, aquelas acções judiciais … já são duas. E isto é só o começo.

Fez-se silêncio. Susan olhou para Parr.

- Ela não sabe?

- Parece que não.

- Não sei o quê? - perguntou Abby.

- Recebemos uma chamada da Hawkes, Craig e Sussman logo a seguir ao almoço. As acções contra si foram retiradas - anunciou Susan.

Abby quase caía para trás na cadeira.

- Não compreendo.

- Se Victor Voss andava a tentar dar cabo de si, parece que acabou com isso. Isto não tem nada a ver com Voss.

- Então, de que outra forma se pode explicar isto? - perguntou Mark.

- Veja as provas. - Susan apontou o frasquinho. - Creio que todos podemos tirar a mesma conclusão.

O silêncio era sufocante. Abby viu que ninguém a fitava, nem sequer Mark. Finalmente, Wettig falou:

- Que propõe que se faça, Parr? Chamar a Polícia?

- Vamos mantê-la fora do assunto - pediu Mark.

- Se querem chamar a isto assassínio, então a Polícia deve ser envolvida - comentou Wettig. - Chamem também alguns jornalistas. Ponham tudo à vista de todos … é essa a melhor política. - Olhou directamente para Parr. - Já que quer chamar a isto assassínio.

Era um desafio. Parr foi o primeiro a retroceder. Aclarou a voz e disse a Susan:

- Não podemos asseverar que foi mesmo homicídio. Fez-se outro silêncio. Então, Abby falou. Mal reconheceu a sua própria voz; parecia a voz de uma desconhecida num tom calmo e firme:

- Agora, gostava de regressar para junto dos meus doentes. Se mo permitem - pediu ela.

- Com certeza - disse Wettig com um aceno de cabeça.

- Espere - interrompeu Parr. - Ela não pode assumir de novo as as funções.

O senhor não tem provas de nada - retorquiu Abby, levantando da cadeira.

Temos uma acusação que é indiscutível - interveio Susan. -

posse ilegal de uma substância de uso restrito. - Olhou para Parr. -

o temos hipótese de escolha. A possibilidade de culpa é elevadíssima . Se alguma coisa correr mal com qualquer um dos doentes dela e as pessoas vierem a descobrir que nós sabíamos deste assunto da morfina, @o nosso fim. - Voltou-se para Wettig. - E da reputação do seu programa de internato também, General.

o aviso de Susan surtiu o efeito pretendido. Serem considerados culpados era uma coisa que todos temiam. Desta vez, Wettig não discutiu.

Parr pôs-se de pé, já com a decisão tomada.

- Dra. Abby DiMatteo, a senhora fica suspensa até novas ordens. Não deve entrar nas enfermarias nem aproximar-se de nenhum doente. Entendido?

Ela tinha entendido. Tinha entendido perfeitamente.

O/TO

Lj OJE, O MAR estava calmo. Yakov podia finalmente aliciar Aleksei a iP @sair do beliche para fazer explorações. O primeiro lugar onde Yàkov o levou foi à sala das máquinas. Vaguearam durante algum tempo no meio da escuridão povoada de sons. Em seguida, dirigiram-se à ponte, onde o navegador estava demasiado ocupado para conversar com eles. Yakov não pôde testar o seu estatuto especial de visitante regular.

Em seguida, dirigiram-se à cozinha, mas o cozinheiro estava de mau humor. Tinha de preparar uma refeição para os passageiros da popa, um casal exigente que nunca ninguém via. Resmungava enquanto pousava dois copos e uma garrafa de vinho num tabuleiro e o colocava no elevador. Premiu um botão e enviou a refeição para cima, fazendo-a seguir, sibilante, até aos aposentos particulares.

- Tenho fome - anunciou Yakov.

- Tu estás sempre com fome - comentou o cozinheiro. - Corta uma fatia de pão. O pão já está duro, mas podes torrá-lo.

Os dois rapazes vasculharam as gavetas em busca de uma faca para o pão. Segurando firmemente o pão com o coto do braço esquerdo, Yàkov cortou duas fatias. Meteu a primeira na torradeira, e uma bola peluda de Cor cinzenta saltou de repente de uma das ranhuras para o chão.

Um rato! - gritou Aleksei. - Anda aqui um rato!

TESS GERRITSEN

A bola cinzenta correu rapidamente à volta dos pés de Aleksei, que dançavam, e depois escapuliu-se, desaparecendo por baixo de um armário.

Havia qualquer coisa a queimar-se no fogão. Praguejando, o cozinheiro correu a apagar o lume.

- Uma rato na minha cozinha! E olhem só para isto. Tudo estragado. Vou ter de começar tudo de novo. Maldito rato!

- Ele estava dentro da torradeira - disse Yâkov.

- É provável que a tenha deixado cheia de porcaria - comentou o cozinheiro.

Yâkov espreitou, cauteloso, para dentro da torradeira, Ratos já não havia, mas sim uma grande quantidade de misteriosos grãos

castanhos. Empurrou a torradeira na direcção do lava~louça, pretendendo eliminá-los. O cozinheiro deu um grito.

- Oli, o lava-louça está cheio de água! E olha, a torradeira ainda está ligada. Se meteres isso aí dentro e tocares na água, morres. Nunca ninguém te ensinou isso?

- O Tio Mislia nunca teve uma torradeira.

- Não são só as torradeiras. É tudo o que se ligue às tomadas, tudo o que tenha um fio eléctrico. És tão estúpido como todos os outros. -

Acenou com os braços. - Vamos, saiam daqui para fora os dois. São uns empecilhos.

Os rapazes saíram e brincaram durante algum tempo no convés até ficarem enregelados. O tédio absoluto que os invadia levou-os finalmente ao único lugar do navio onde Yâkov sabia que nunca incomodariam ninguém e onde ninguém os incomodaria. Era o seu lugar secreto. Encontrara-o no terceiro dia das suas explorações, quando detectara a porta situada no corredor da sala das máquinas. Tinha aberto a porta e descoberto que a mesma conduzia ao vão da escada. Era o país das maravilhas.

O mastro elevava-se a três níveis. Uma escadaria circular subia em espiral a perder de vista, e a partir do segundo nível havia um frágil passadiço de aço. Uma porta azul ligava o passadiço à popa, mas estava sempre fechada à chave, e Yakov até já tinha deixado de se incomodar a tentar abri-la.

Yakov e Aleksei treparam até ao nível superior e depois desceram as escadas; os passos produziam sons que os encantavam. No fundo, Yakov mostrou a Aleksei um caixote vazio atirado para debaixo das escadas. Rastejaram para dentro dele e ali ficaram no escuro, no meio das ripas de madeira do caixote, enquanto escutavam o ronronar dos motores.

- Este é o meu lugar secreto - disse Yakov. - Não podes falar dele a ninguém. Jura que não vais falar.

- Porque havia de falar? E um sítio horrível. E frio e húmido.

- Se não gostas, podes sair. Não sabes divertir-te.

Yakov deu-lhe um pontapé pelas ripas de madeira. Estúpido Aleksei. Não se podia esperar que uma pessoa que andava com um

cão de peluche nojento por toda a parte soubesse apreciar aventuras.

1 Algures acima deles uma porta chiou e fechou-se com força. Agora, o passadiço chocalhava, e o som de cada passo desfazia-se em mil ecos no vão da escada.

Yàkov rastejou até à abertura e espreitou do caixote para o passadiço ,,,situado acima. Alguém estava a bater à porta azul. Passado um momento, a porta abriu-se, e ele entreviu um pouco de cabelo louro enquanto ,uma mulher desaparecia para lá da porta. Esta fechou-se atrás dela. Yàkov retirou-se para dentro do caixote.

- Era só Nadiya.

- Ela ainda está lá fora?

- Não, entrou pela porta azul.

- Que há lá dentro?

- Não sei. Está sempre fechada à chave. Permaneceram lado a lado durante algum tempo, Aleksei abraçado a Shu-Shu. Sentiam-se imobilizados pelo tédio, pelo ronronar dos motores, que lhes provocava sono, e pelo balouçar do mar.

- Eu não gosto de Nadiya - disse finalmente Yakov.

- Eu gosto. Quem me dera que ela fosse minha mãe.

- Ela nem sequer gosta de crianças.

- Gosta, gosta. Os outros rapazes também gostam dela. “Estúpido Aleksei”, pensou Yakov. “São todos estúpidos. Nadiya enganou-os a todos. Onze rapazes no barco, e todos apaixonados por ela.” Yakov partilhava o fascínio deles, mas não porque a adorasse. Tinha medo dela.

Era tudo por causa das análises ao sangue. No seu quarto dia no mar, quando os rapazes ainda vomitavam e gemiam nos beliches, Gregor e Nadiya tinham aparecido com um tabuleiro de agulhas e tubos.

- Vai ser só uma picadinha - tinham eles dito -, um pequeno tubo de sangue para confirmar que vocês estão com saúde. Ninguém vos adopta se não tiverem a certeza de que são saudáveis.

O casal tinha passado de rapaz para rapaz, cambaleando um pouco devido à agitação do mar. Junto a cada beliche, perguntara o nome ao rapaz respectivo e colocara-lhe no pulso uma pulseira de

plástico na qual escrevera um número. Em seguida, Gregor atara uma tira gigante de borracha à volta do braço de cada um e batera por várias vezes na pele a fim de fazer a veia inchar. Alguns dos rapazes choravam, e Nadiya tivera de lhes segurar a mão enquanto Gregor tirava o sangue.

Yakov foi o único a quem ela não pudera consolar. Por muito que tentasse, não conseguia mantê-lo quieto. Ele não queria aquela agulha no braço e dera um pontapé a Gregor para manifestar mais claramente

o seu ponto de vista. Foi então que a verdadeira Nadiya se revelou. Segurou o único braço de Yakov em cima da cama, de tal forma que o beliscava e torcia ao mesmo tempo. Enquanto Gregor tirava o sangue, ela mantivera o olhar fixo em Yakov, falando-lhe calmamente, até com doçura. Todos os outros ouviam apenas palavras sussurradas de consolo. Mas Yakov, de olhar fixo naqueles olhos pálidos da mulher, viu qualquer coisa completamente diferente. Depois disso, roeu a pulseira de plástico, retirando-a.

Aleksei ainda ostentava a sua. O seu certificado de boa saúde.

- Achas que ela tem filhos? - perguntou Aleksei. Yakov estremeceu e retorquiu:

- Espere que não.

DURANTE A NOITE, Yakov acordou e sentiu imediatamente que qualquer coisa mudara. Percebeu que tinham sido os motores. Aquele ronronar constante fora abafado, transformando-se num ronco suave.

O rapaz rastejou para fora do beliche e foi abanar Aleksei.

- Acorda - sussurrou: - Já não estamos a andar. Vou lá acima dar uma olhadela. Vem comigo.

- Não me interessa. Estou a dormir.

- Não queres ver terra? Devemos estar perto da costa. - Yakov inclinou-se para Aleksei, e os seus sussurros tornaram-se uma suave sedução. - Talvez consigamos ver as luzes. A América. Não podes vê-la senão vieres comigo. _ Está bem, pronto - concordou finalmente Aleksei.

Sentou-se e calçou os sapatos. Passaram em bicos dos pés por entre os beliches dos outros rapazes e subiram as escadas até ao convés.

Lá fora soprava um vento fraco. Olharam por cima do parapeito, esforçando-se por avistar as luzes da cidade, mas as estrelas confinavam apenas com um horizonte negro e sem forma.

- Não vejo nada - disse Aleksei. - Vou voltar para a cama. Tinham acabado de chegar às escadas quando ouviram uma série de pancadas agudas. De súbito, o convés ficou inundado de luz. Os dois rapazes ficaram petrificados, piscando os olhos por causa do brilho tão inesperado.

Yakov agarrou na mão de Aleksei e meteu-o debaixo das escadas da ponte, onde se acocoraram, espreitado por entre os degraus. Ouviram vozes e viram dois homens de fato-macaco branco que se dirigiam a pé para o círculo de luz intensa. Inclinaram-se ao mesmo tempo e puxaram qualquer coisa. Ouviu-se um raspar de metal, como se uma espécie de tampa estivesse a ser retirada para o lado. Esta revelou uma nova luz, desta vez azul. Brilhava no centro do círculo iluminado, como a íris ameaçadora de um olho. Os dois homens endireitaram-se e olharam para o céu na direcção de um distante ribombar de trovão.

Yàkov também olhou. O trovão ia-se aproximando. O seu som tornou-se mais profundo, transformando -se num “uap-uap” rítmico. Os dois homens afastaram-se da luz. O barulho estava mesmo por cima deles, acerando a noite como um tornado. Aleksei e Yakov observavam ento um helicóptero descia para o clarão de luz e aterrava no convés. Um dos homens de fato-macaco reapareceu, correndo dobrado pela cintura. Escancarou a porta do helicóptero. Yakov não conseguia ver o e havia lá dentro; o pilar das escadas impedia-lhe a visão directa. aproximou-se um pouco, entrando no convés, apenas o suficiente para espreitar por detrás do pilar. Vislumbrou o piloto e um passageiro homem.

Eh! - Ouviu-se um grito vindo do alto. - Tu aí, rapaz! Yàkov olhou para cima e viu o navegador a espreitar do convés da ,ponte na sua direcção.

- Que estás a fazer aí em baixo? Sobe já para aqui antes que te magoes. Vem depressa!

Yàkov precipitou-se escada acima, com Aleksei no seu encalço.

- Ainda não aprendeste que deves manter-te afastado do convés principal quando um helicóptero aterra? - gritou o navegador. Puxou-os para dentro da casa do leme. Apontou para duas cadeiras. -

Sentem-se os dois.

- Estávamos só a ver - explicou Yakov.

- Vocês deviam estar na cama.

- Eu estava na cama. Ele obrigou-me a sair - choramingou Aleksei.

O rugido do helicóptero obrigou-os a voltarem-se para olhar. Observaram-no enquanto se elevava no céu e depois mudava de rumo, até ser engolido pela noite.

- Para onde vai? - perguntou Yakov, aproximando-se da janela da ponte.

- Pensas que alguém me diz? - retorquiu o navegador. - Só me chamam quando está a chegar para vir buscar qualquer coisa, e eu então viro a proa ao vento.

- O que é que ele vem buscar? - voltou a perguntar Yakov.

- Eu não pergunto nada. Só faço o que me mandam.

- Quem?

- Os passageiros da cabina da popa. Afastou Yakov da janela e empurrou ambos para a porta.

Voltem para os vossos beliches. Não vêem que tenho que fazer?

STEPAN NÃO APARECEu ao pequeno-almoço. Nessa altura, a notícia sua partida durante a noite já chegara à cabina de Yakov, pelo que, <quando ele se sentou à mesa nessa manhã e olhou para os rapazes que eStavam à sua frente, já conhecia a razão do seu silêncio. Eles não compreendiam porque teria sido Stepan o primeiro a ser escolhido. Todos r

87

TESS GERRITSEN

pensavam que ele ficaria entre as “sobras” ou que seria confiado a alguma família, pouco provável, que preferisse crianças atrasadas. Mas agora tinha partido. Partido para casa de novos pais, que o tinham escolhido, disse Nadiya.

Eles, afinal, é que eram as sobras.

NOVE

LA TINHA QUASE CINQUENTA anos, o rosto magro e seco de uma mulher que há muito perdera o seu brilho estrogénico. Na opinião de Bernard Katzka, isso não era o suficiente para tornar uma mulher pouco atraente. O interesse de uma mulher não residia no brilho da pele nem do cabelo, mas naquilo que os seus olhos revelavam. Lundquist, o seu companheiro, era da escola masculina segundo a qual as mulheres não mereciam um segundo olhar depois de terem atravessado a linha terminal da menopausa. Não admira que tivesse ficado tão aliviado quando Katzka aceitou entrevistar Brenda Hainey. Katzka era o único inspector dos homicídios que tinha paciência para dar atenção às extravagantes acusações que ela fazia. E era isso precisamente o que ele tinha estado a fazer durante os últimos quinze minutos.

- Já falei com o hospital acerca disto - dizia Brenda Hainey. -

Dirigi-me directamente ao presidente, Mr. Parr. Ele prometeu-me que ia investigar, mas já foi há cinco dias, e até à data ainda não me disseram nada. Por isso, contactei os seus colegas.

Katzka sentiu vontade de dar um suspiro, mas conteve-se. Ele sabia que ela iria interpretá-lo como aquilo que era realmente - uma expressão de cansaço. Então, pediu:

- Posso ver o bilhete? Ela retirou um papel da carteira e entregou-lho. Tinha uma linha dactilografada: “A sua tia não morreu de morte natural. Um amigo.”

- Sabe quem poderá ter-lhe enviado isto? - perguntou Katzka.

- Não faço ideia. Talvez uma das enfermeiras. Alguém que sabia o suficiente para me dizer.

- Falou com os médicos da sua tia?
- Prefiro não o fazer.
- Porque não?
- Dada a situação, não estou certa de poder confiar neles.
- Compreendo. Katzka pegou na caneta e abriu o seu bloco de notas.
- Porque não me dá os nomes de todos os médicos da sua tia?
- O médico responsável era o Dr. Colin Wettig, mas aquela que parecia ser quem tomava todas as decisões era aquela estagiária dele.

Acho que é essa que o senhor deve interrogar: a Dra. Abby DiMatteo.

Katzka levantou os olhos, surpreendido:
- Abigail DiMatteo? Brenda observou com cautela:
- O senhor conhece-a.
- Já falei com ela. Sobre outro assunto.
- Bem, deve observar de perto a Dra. Abby DiMatteo.
- Porquê ela em particular? - Era ela que queria ver a minha tia morta.

Foi COM RELUTÂNCIA que Katzka se dirigiu de automóvel para o Hospital de Bayside naquela tarde, depois da visita a Brenda Hainey. As acusações de Brenda pareciam-lhe improváveis, mas, apesar de tudo, havia o tal bilhete. No gabinete de informação do hospital confirmou que Mary Allen tinha falecido, de facto, na data referida por Brenda e que o diagnóstico fora carcinoma metastático indiferenciado.

O Dr. Wettig não estava disponível, pelo que Katzka tentou contactar Abby DiMatteo através do pager.

Passado um momento, ela ligou-lhe.
- Daqui inspector Katzka - apresentou-se ele. - Estivemos a falar na semana passada.
- Sim, eu lembro-me.
- Tenho umas perguntas a fazer-lhe sobre um outro assunto. Posso ir ter consigo? - Katzka ouviu um suspiro e depois um relutante:

- Está bem, eu estou na biblioteca médica, segundo piso, ala administrativa.

Pela experiência de Katzka, o cidadão médio gostava de conversar com os polícias dos homicídios. As pessoas sentiam curiosidade acerca de assassínios, acerca do trabalho policial. A Dra. Abby DiMatteo, porém, parecia não ter vontade nenhuma de falar com ele. Porque seria?

Deu consigo na biblioteca do hospital, apertado entre processamentos de dados e o gabinete financeiro. A Dra. Abby DiMatteo estava de pé ao lado da fotocopiadora a conferir papéis. Surpreendeu-o vê-la executar um trabalho de carácter tão administrativo. Também ficou surpreendido ao vê-la de saia e blusa, e não de bata. Achara Abby atraente desde o primeiro dia em que a conhecera. Agora, ao vê-la com aquela saia que lhe ficava tão bem e com o cabelo negro caído sobre os ombros, chegou à conclusão de que ela era mesmo maravilhosa.

Ela ergueu o olhar e fez um aceno com a cabeça. Parecia nervosa, até mesmo esgotada.

- Estou quase a acabar. Só tenho de copiar mais um artigo - disse.

- Hoje não está de serviço? Abby colocou outra folha na máquina Xerox e carregou no botão COPY

- Não estou de serviço ao bloco operatório, por isso estou a fazer uma busca de literatura. O Dr. Wettig precisa disto para uma conferência.

Olhou fixamente para a copiadora, como se a máquina exigisse toda a sua concentração. Quando as últimas páginas saíram, ela levou-as para uma mesa onde outras pilhas de papéis esperavam e sentou-se. Katzka puxou a cadeira do outro lado da mesa. Abby pegou num agrafador e, continuando sem olhar para ele, perguntou:

- Houve novas descobertas?

- Sobre o Dr. Levi, não. Agora, o assunto é diferente. É sobre uma sua doente.

- Sim? - Pegou numa pilha de papéis e introduziu-a no agrafador. - De que doente estamos a falar? _ De uma tal Mrs. Mary Allen.

A mão de Abby ficou suspensa no ar por um segundo. Depois, baixou-a com força sobre o agrafador.

Ouvi dizer que ela morreu na semana passada aqui em Bayside. É verdade. Pode confirmar que o diagnóstico foi carcinoma metastático indiferenciado?

- Foi, sim.

- Então, a morte dela era esperada? Houve uma hesitação. Finalmente, Abby olhou para Katzka. Ele apercebeu-se de que ela estava completamente imóvel, quase rígida.

- Posso perguntar porque está a investigar este caso?

- Uma parente de Mrs. Allen manifestou certas preocupações.

- Estamos a falar de Brenda Hainey, a sobrinha?

- Essa mesmo. Brenda Hainey recebeu um bilhete anónimo a dizer que Mary Allen não tinha morrido de causas naturais. Tem alguma razão, uma única razão, para pensar que tal afirmação possa ter fundamento?

Ele podia ter previsto várias reacções possíveis. Abby podia ter desatado a rir e dito que aquilo era tudo ridículo. Poderia ter-lhe dito que Brenda Hainey estava louca. Ou podia ter mostrado confusão, até mesmo cólera, por estar a ser submetida a tais perguntas. O que ele não esperava era a reacção que se verificou.

Abby fitou-o, subitamente lívida. Depois, disse baixinho:

- Recuso-me a responder a quaisquer perguntas, inspector Katzka.

SEGUNDOS DEPOIS da partida do polícia, Abby pegou no telefone mais próximo e ligou para Mark. Para seu alívio, ele atendeu imediatamente à chamada.

- Aquele inspector esteve cá outra vez - sussurrou ela. - Mark, ele já sabe de Mary Allen. Brenda falou com ele. E anda a fazer perguntas sobre a morte dela.

- Tu não lhe disseste nada, pois não?

- Não. Eu Abby respirou fundo. O suspiro que se seguiu quaparecia um soluço. - Eu não sabia o que havia de dizer. Mark, estive quase a rebentar. Se eu não me contivesse e lhe contasse tudo …

- Não faças isso. E se ele não acreditar em ti? Fica a saber da mora no teu cacifo e tira imediatamente a conclusão óbvia.

Mas, Mark, e se Mary Allen foi mesmo asassinada? Nesse caso, ia haver uma investigação. Devíamos ser nós a informar a Polícia.

- A decisão é tua. Mas quero que penses demoradamente e com sensatez acerca das consequências. Ela já tinha pensado. A publicidade, a possibilidade de prisão. Tinha alcançado e retrocedido, sabendo o que deveria fazer, mas com medo de tomar medidas.

Sou uma cobarde. A minha doente morre, talvez assassinada, e eu só me preocupo em salvar a pele.

A bibliotecária do hospital entrou na sala empurrando um carrinho de livros que chiava. Sentou-se à secretária e começou a carimbar a parte de dentro das capas. “Uep, uep.”

- Mark, eu ligo mais tarde. Agora, tenho de ir. Abby desligou e voltou para a mesa. Olhou fixamente para a pilha de artigos fotocopiados. O seu trabalho actualmente reduzia-se àquilo. Ela era uma médica que já não podia exercer, uma cirurgiã proibida de entrar no bloco.

O “uep, uep” já não se ouvia. Abby percebeu que a bibliotecária tinha acabado de carimbar as capas dos livros e que agora a observava.

Como toda a gente neste hospital, também ela se interroga acerca de mim.

Corando, Abby reuniu os papéis e levou-os até à secretária da bibliotecária.

Ela estendeu a mão para o registo da copiadora.

- Quantas cópias?

- Duzentas. Pode pô-las na conta do gabinete do Dr. Wettig. Enquanto Abby pousava a pilha de papéis, o nome “Aaron Levi, M. D.” pareceu saltar na sua direcção a partir da página do topo. O título do artigo era “Comparação das taxas de sobrevivência de transplantes cardíacos entre receptores gravemente doentes e receptores em regime de ambulatório”. Os autores eram Aaron Levi e um tal Lawrence Kuristler. Ela ficou de olhar fixo no nome de Aaron, abalada pela inesperada recordação da sua morte.

A bibliotecária também reparou no nome de Aaron e abanou a cabeça. ,

- E difícil de acreditar que o Dr. Levi já não está entre nós.
- Eu compreendo o que está a dizer - sussurrou Abby.
- E ver esses dois nomes no mesmo artigo.
- Como?
- O Dr. Kuristler e o Dr. Levi.
- Creio que não conheço o Dr. Kunstler.
- Oh, ele trabalhava cá antes da sua chegada. - A bibliotecária fechou o registo da copiadora. - Deve ter sido há seis anos, pelo menos.
- O que é que aconteceu há seis anos?
- O Dr. Kunstler atirou-se da Ponte Tobin. Abby fixou de novo a atenção no artigo, fitando os dois nomes no cimo da página.
- Ele matou-se? A bibliotecária acenou com a cabeça.
- Tal e qual como o Dr. Levi.

EMBORA ESTIVESSE A CHUVISCAR lá fora nessa tarde, Abby foi até casa com a janela do carro aberta. O cheiro dos órgãos de porco putrefactos ainda permanecia no seu automóvel. Ela achava que o cheiro nunca mais ia desaparecer. Seria uma recordação permanente da raiva de Victor Voss.

A Ponte Tobin começava a aparecer - o local que Lawrence Kunstler escolhera para pôr termo à sua vida. Abrandou. Enquanto entrava na ponte, interrogou-se se Kunstler teria permanecido consciente depois de ter caído na água, se se teria debatido contra a corrente. Também se interrogou acerca de Aaron. Dois médicos, dois suicídios. Ela tinha de falar com Vivian acerca de Kunstler. Se ele só tinha morrido há seis anos, Vivian podia ter ouvido falar dele.

Enquanto esperava pelo pagamento da portagem, Abby voltou a olhar para trás, para a ponte, através de um camião de cor castanho-avermelhada que seguia lentamente atrás dela. Conheciam-se os dois, Aaron e Kuristler trabalhavam juntos, escreveram juntos aquele artigo.

Aquele pensamento continuou a girar na sua cabeça enquanto atravessava as ruas de regresso a Cambridge. Quando virava para a Rua Brattle, olhou, por acaso, para o espelho retrovisor. O camião castanho-avermelhado continuava atrás de si. Também se dirigia para Brattle.

Passou outro quarteirão, passou a Rua Willard e voltou a olhar para o retrovisor. O camião continuava lá. Sentiu um impulso para virar à esquerda, para Mercer. O camião fez o mesmo. Voltou a virar à esquerda, para Carnden, e depois à direita, para Mt. Auburn. Não tirava os olhos do espelho, esperando que o camião reaparecesse. Só quando chegou de novo a Brattle e o camião não reapareceu, é que Abby se atreveu a suspirar de alívio.

Estava mesmo a ficar uma histericazinha. Foi directa a casa e estacionou no caminho de acesso. Mark ainda não tinha chegado. Abby entrou em casa. Lá dentro estava soturno, com a luz cinzenta e aquosa da tarde a entrar pelas janelas. Estava prestes a

92

COLHEITA MACABRA

acender um candeeiro quando ouviu o ronco de um automóvel na Rua rewster. Olhou pela janela.

Uni camião castanho-avermelhado ia a passar em frente da casa. Ao aproximar-se do caminho para a garagem, abrandou quase até parar, nio se o condutor estivesse a observar, lenta e atentamente, o automó-

1 de Abby.

Tranca as portas, tranca as portas. Abby correu até à porta de entrada, fechou-a com a tranca e pôs a corrente; precipitou-se em seguida para a porta das traseiras e trancou-se De novo na sala, espreitou lá para fora. O camião tinha desaparecido. Deixou as cortinas abertas e as luzes apagadas. Sentada na sala às escuras, olhava através das janelas, perguntando a si própria se devia chamar a Polícia. Para apresentar que queixa? Esteve sentada durante cerca de urna hora a olhar para a rua, na esperança de que Mark chegasse.

O camião não apareceu, e Mark também não. Abby pegou no telefone e ligou para Vivian. O clamor do agregado familiar Chao chegou-lhe através da linha telefónica, com uma alegre explosão de riso e cantonês cantado. Vivian disse:

- Tenho dificuldade em ouvir-te. Vou mudar de telefone. Depois do que lhe pareceu uma espera interminável, Vivian apanhou a chamada.

- Pronto, avó, pode desligar - gritou ela.

O chilrear cantonês foi abruptamente interrompido.

- Houve um médico da equipa de transplantes que morreu há seis anos. Conhecia-lo? - perguntou Abby.

- Conhecia. Mas não foi há tanto tempo, deve ter sido há quatro anos.

- Fazes alguma ideia da razão pela qual ele se suicidou?

- Não foi suicídio, foi um acidente. A caldeira de casa dele tinha um defeito e acumulou-se monóxido de carbono lá dentro. Morreu

também a mulher e a filha bebé.

- Espera aí. Eu estou a falar de um indivíduo chamado Lawrence Kunstler.

- Não conheço ninguém com o nome de Kunstler. Isso deve ter acontecido antes de eu ter ido para Bayside.

- De quem estás tu a falar?

- De um anestesista, aquele que foi contratado antes de Zwick. Hennessy … era o nome dele.

- Ele pertencia à equipa de transplantes?

- Pertencia. Não estava cá há muito tempo. Lembro-me de que ele queria mudar-se para o Oeste quando isso aconteceu.

- Tens a certeza de que foi acidente?

- Que mais poderia ter sido? Abby olhou pela janela para a rua vazia e não disse nada.

- Abby, há algum problema?

- Hoje fui seguida. Por um camião.

- Não brinques.

- Eu estou sempre a pensar em Aaron e em Lawrence Kunstler. Ele atirou-se da Ponte Tobin abaixo, e agora estás a falar-me de Hermessy. Já são três, Vivian.

- Pois suicídios e um acidente.

- E mais do que se deve esperar num só hospital. - Abby puxou as pernas para cima da cadeira e abraçou-se a si própria, tentando aquecer-se. Tentando autoproteger-se.

- Estou a ficar assustada. Sabes, um inspector interrogou-me sobre a morte de Aaron e disseme que podia não ter sido suicídio.

- Ele tinha algumas provas?

- Se as tinha, não era a mim que o dizia.

- Podia ter dito a Elaine. Claro. A viúva. Aquela que desejaria saber. Depois de desligar, Abby ligou para Elaine. O telefone tocou quatro vezes, depois ouviu uma gravação: “0 número que marcou não está atribuído. Por favor, consulte a Lista Telefónica e volte a ligar.”

Abby voltou a ligar. Aconteceu o mesmo. Desligou e ficou de olhar fixo no telefone. Porque teria Elaine mudado o número? Quem andava ela a evitar?

Lá fora, um automóvel chapinhou na chuva. Abby correu para a janela e espreitou. Um BMW estava a parar no caminho de acesso. Abby fez uma oração silenciosa de agradecimento. Mark chegara a casa.

DEZ

ARK voltou a encher o seu copo de vinho e pousou a garrafa em cima da mesa do restaurante. Tinha querido ir jantar fora para celebrar o noivado.

- Claro que os conhecia aos dois - disse ele. - Conhecia melhor Larry Kunstler do que Hennessy. Larry foi um dos tipos que me contratou para cá logo que acabou a minha bolsa. Era um tipo formidável.

- Por que razão nunca me falaste neles? - perguntou Abby.

- Nunca calhou.

- Creio que alguém deveria tê-los mencionado. Sobretudo depois da morte de Aaron. A equipa perde três colegas em seis anos, e ninguém diz uma palavra. É quase como se todos vocês tivessem medo de falar nisso.

- É um assunto bastante deprimente. Tentamos não o trazer à baila, sobretudo perto de Marilee Archer. Ela conhecia a mulher de Hermessy. Até tinha arranjado o duche do bebé.

Do bebé que morreu? Mark assentiu com a cabeça.

Foi um caso chocante. Uma família inteira, assim, sem mais nem menos.

- Foi de certeza um acidente?

- Tinham comprado a casa há alguns meses. Nunca haviam conseguido substituir a caldeira antiga. Sim, foi um acidente.

- Mas a morte de Kunstler não foi. Mark suspirou.

Não, a de Larry não foi acidente. Bebeu um gole de vinho, depois outro, mas parecia ter perdido o prazer na sua degustação ou na comida.

Não quiseram sobremesa e saíram do restaurante em silêncio e deprimidos.

Mark conduzia no meio do nevoeiro cada vez mais espesso e da chuva intermitente. O ruído dos limpa-pára-brisas substituía a conversa, até que ele disse baixinho:

- Quero mostrar-te uma coisa, Abby. Quero saber o que pensas disso. Talvez julgues que eu sou louco, ou talvez fiques furiosa com a ideia.

- Que ideia?

- É uma coisa com que sonho já há muito tempo. Rumaram para norte, saindo de Boston e passando por Revere, Lynn e Swampscott. Na marina de Marblehead, Mark estacionou o carro e disse:

- Ele está mesmo aqui, na extremidade do pontão. “Ele” era um iate. Tiritando de frio e assombrada, Abby ficou de pé no cais enquanto Mark caminhava para a frente e para trás ao longo do barco. A sua voz estava a ,gora mais animada do que durante toda a noite.

- E próprio para cruzeiros - disse ele. - Quarenta e oito pés, completamente equipado. Pode levar-nos a qualquer parte que queiramos. Estás a olhar para a liberdade, Abby. Liberdade!

Ela abanou a cabeça.

- Não compreendo.

- E a forma de sairmos. Da cidade, do hospital. Compramos este barco e depois fugimos daqui para fora e partimos.

- Para onde?

- Para qualquer sítio.

- Eu não quero ir para lado nenhum. Trabalhei tanto. Não vou desistir agora.

Então, e eu? Ela fitou-o. Percebeu então que, claro, isto só tinha a ver com ele. O homem prestes-a-casar subitamente tomado da necessidade urgente de fugir de casa.

- Eu quero fazer isto, Abby - disse ele com os olhos brilhantes e febris. - Fiz uma oferta por este barco. Foi por isso que cheguei tão tarde a casa. Encontrei-me com o vendedor.

- Fizeste uma oferta sem me dizer nada? Eu estou enterrada em dívidas até ao pescoço e tu vais comparar um barco?

- É como comprar uma segunda casa. É um investimento.

- Não seria nisto que eu investiria o meu dinheiro.

- Eu não vou gastar do teu dinheiro. Ela retrocedeu um passo e fitou-o.

- Tens razão - disse ela calmamente. - Esse dinheiro não é meu.

- Abby - resmungou ele. A chuva começara de novo a cair, fria e entorpecedora, no rosto de Abby. Ela voltou para o carro e entrou. Ele fez o mesmo. Durante um momento, nenhum deles disse nada. O único som que se ouvia era o da chuva a bater no tejadilho.

- Não compreendo - disse ele em tom calmo. Abby notou uma estranha nota de desespero na voz dele. Mark pôs o carro a trabalhar. Seguiram até meio caminho de casa sem falarem. Depois, Abby disse:

- Talvez devêssemos repensar o noivado. Talvez casar não seja exactamente o que tu queres, Mark.

- E é o que tu queres? Abby olhou pela janela e suspirou.

- Não sei - sussurrou ela. - Já não sei nada. Era verdade, ela não sabia.

A úNICA VANTAGEm de ter sido libertada dos seus deveres nas enfermarias era que podia faltar durante uma tarde inteira sem que ninguém de Bayside se preocupasse. Decidiu ir até casa de Elaine. Enquanto rumava para oeste pela Estrada 9, na direcção de Newton, lembrou-se do dia do funeral de Aaron e de como ninguém mencionara as duas mortes anteriores. Nem mesmo Elaine, que devia ter sabido delas. Nem sequer Mark.

Se ele me escondeu isto, que mais terá escondido? Entrou no caminho de acesso a casa de Elaine e deixou-se ficar sentada por um momento, tentando afastar a sua depressão. Mas a confusão mantinha-se. “Está tudo a desmoronar-se na minha vida”, pensou ela. “0 meu trabalho. E agora vou perder Mark. O pior de tudo é que não faço ideia por que razão tudo isto está a acontecer.”

Durante os últimos dias, desde a noite em que ela trouxera à baila o assunto de Kuristler e Hennessy, tudo se alterara entre ela e Mark. Viviam na mesma casa e dormiam na mesma cama, mas a interacção entre ambos tornara-se puramente automática.

Abby saiu do automóvel e subiu as escadas que conduziam à porta entrada. Tocou à campainha. Como ninguém abriu, experimentou ter e depois voltou a tocar. Uma e outra vez. A porta de entrada esta-trancada; deu a volta à casa, dirigindo-se ao jardim das traseiras. A @

a da cozinha também estava trancada, mas para o pátio dava uma -1ta de vidro deslizante. Abby deu-lhe um empurrão, e ela abriu-se. pois, chamou “Elaine?” e entrou em casa. t .)A divisão estava vazia. Mobília, tapetes - desaparecera tudo, até ,,,quadros. Os seus passos ecoavam enquanto ela percorria as outras ,visões despidas de tudo. A casa estava completamente vazia. Abby viu e ficou @e pé no caminho de acesso dos automóveis, sentindo-se desorientada. Há apenas duas semanas, ela estivera sentada

sala de estar a comer sanduíches. Agora, interrogava-se se toda essa !, teria sido uma alucinação. Ainda estonteada, entrou no carro e fez marcha atrás para entrar na rua. Conduzia com o piloto automático, com a mente centrada no estranho desaparecimento de Elaine. Desenraizar a sua vida de forma tão brusca depois da morte de Aaron não parecia racional. Pelo contrário, parecia um acto provocado por pânico.

Sentindo-se subitamente pouco à vontade, olhou para o retrovisor. Transformara-se num hábito a observação daquele espelho desde sábado, dia em que avistara pela primeira vez o camião castanho - avermelhado.

Um Volvo verde-escuro seguia atrás dela. Estava estacionado do lado de fora da casa de Elaine? Abby não tinha a certeza. Não tinha tomado muita atenção. O Volvo fez sinal de luzes.

Abby acelerou. O Volvo fez o mesmo. Ela voltou à direita em direcção a uma estrada principal. À sua frente estendia-se uma fiada suburbana de bombas de gasolina e mini-mercados.

Testemunhas, muitas testemunhas. Estava farta de ser perseguida, farta de se sentir assustada. Guinou para o parque de estacionamento de um centro comercial. O Volvo seguiu-a. Ela travou com toda a força, e o Volvo chiou ao parar a poucos centímetros do seu pára-choque traseiro.

Abby precipitou-se para fora do carro e correu até ao Volvo. Bateu com fúria na janela do condutor.

Abra, seu malvado!

O condutor abriu a janela e olhou para ela.

Dra. Abby DiMatteo? - perguntou Bernard Katzka. - Bem me parecia que era a senhora.

- Porque tem andado a seguir-me?

- Eu vi-a sair de casa.
- Não, antes disso. Porque me seguiu antes?
- Quando?
No sábado. O camião. Ele abanou a cabeça.
- Nunca ouvi falar de nenhum camião. Ela retrocedeu.
- Esqueça. Deixe de me seguir, está bem?
- Eu estava a tentar fazê-la parar. Não me viu fazer sinais de luzes?
- Não sabia que era o senhor.
- Gostava de falar consigo, ou vai recusar-se de novo a responder às minhas perguntas?
Isso depende do que me perguntar. É sobre o Dr. Levi. Ela reflectiu e decidiu que as perguntas podiam ser feitas em ambas as direcções. Olhou para o centro comercial.
Estou a ver uma loja de donuts ali adiante. Que tal se formos até lá e tomarmos um café?

No DUNKIN'DONUTS, Katzka foi directo ao assunto.
- Porque estava naquela casa?
- Fui visitar Elaine. Queria falar com ela.
- Sobre quê?
- Assuntos pessoais.
- Eu tinha a impressão de que vocês eram apenas conhecidas. Era assim que caracterizaria a vossa relação?
- Sim, creio que sim.
- Então, porque foi visitá-la?
- Ultimamente, aconteceram-me algumas coisas estranhas. Quero falar com Elaine acerca disso - disse Abby, respirando fundo.
- Que coisas?
- Alguém me seguiu no sábado passado, um camião castanho-avermelhado. Dei por ele na Ponte Tobin e depois de novo junto a minha casa. Fiquei assustada.
Katzka fitou-a em silêncio, como se tentasse decidir se era realmente medo o que ele via estampado na cara da médica.
- Que tem isso a ver com Mrs. Levi?
- Foi o senhor que me levou a pensar em Aaron, sobre se ele se teria realmente suicidado. Depois, descobri que mais dois médicos

de Bayside tinham morrido.

O sobrolho franzido de Katzka revelou-lhe que aquilo era novidade para ele.

Há seis anos, um Dr. Lawrence Kuristler atirou-se da Ponte Tobin. Katzka não disse nada, mas inclinou-se para a frente na cadeira.

Depois, há quatro anos, foi um anestesista - prosseguiu Abby. Um tal Dr. Hennessy. Ele, a mulher e o bebé morreram intoxicados por monóxido de carbono de uma caldeira estragada.

- Infelizmente, esse tipo de acidente repete-se todos os invernos.

- E depois foi Aaron. E vão três. Todos eles pertenciam à equipa transplantes.

- Que pretende concluir com isso? Que alguém anda a perseguir a equipa de transplantes, matando-os um a um?

- Estou apenas a apontar um padrão. O polícia é o senhor. Deve o senhor a investigar. Katzka recostou-se na cadeira.

E como é que você se deixou envolver em tudo isto?

O meu namorado pertence à equipa. Mark não o confessa, mas vejo que ele anda assustado, e eles interrogam-se sobre quem será o

imo, mas nunca falam sobre isso.

- Então, anda preocupada com a segurança do seu namorado?

- Ando - disse ela simplesmente, sem desvendar a maior parte da .verdade … que andava a fazer isto devido ao facto de a sua relação com Mark estar a desmoronar-se. Ela queria Mark de volta, todo inteiro.

Como era óbvio, Katzka esperava que Abby tivesse dito mais. Em vez disso, ela evitou rapidamente o seu olhar. Depois, a pergunta partiu dela.

- Porque andava o senhor a observar a casa de Elaine? Era isso que andava a fazer, não era?

- Eu estava a falar com a vizinha do lado. Quando saí, via-a arrancar do caminho de acesso.

O olhar de Abby fitou o dele.

- Porque continua a investigar um suicídio?

- A viúva faz as malas e parte praticamente de um dia para o outro sem deixar nenhuma morada. E estranho.

- Não está a culpar Elaine de nada, pois não?

- Não, acho que ela anda assustada.

- Com quê?

- A senhora sabe, Dra. Abby? Abby descobriu que não conseguia desviar o olhar. Descobriu que havia qualquer coisa na intensidade tranquila dos olhos cinzentos do inspector que a deixava paralisada. Sentiu uma faísca de atracção completamente inesperada, e não percebeu por que motivo logo aquele homem era capaz de lhe provocar aquela sensação.

- Não. Não faço ideia de que é que Elaine anda a fugir.

- Então, talvez me possa ajudar a responder a outra pergunta. Como terá Aaron Levi feito toda a sua fortuna?

Abby abanou a cabeça.

Ele não era particularmente rico, tanto quanto eu sei. Um cardiotalvez ganhe, no máximo, duzentos mil dólares. Katzka recostou-se na cadeira, reflectindo. Agora, não era Abby que ele fitava, mas a sua chávena de café. Havia uma profunda capacidade ‘de concentração neste homem que a intrigava.

- Inspector, de que fortuna estamos a falar? Ele ergueu o olhar na sua direcção.

- Três milhões de dólares. Assombrada, Abby só conseguiu fitá-lo em silêncio.

- Depois de Mrs. Levi ter desaparecido - disse ele -, pensei que devia investigar mais de perto as finanças da família. Por isso, falei para o contabilista do casal. Este disseme que, pouco depois da morte do Dr. Levi, Elaine descobrira que o marido tinha uma conta bancária nas ilhas Cayman. Perguntou ao contabilista como podia ter acesso ao dinheiro e depois, sem avisar, saiu da cidade.

Katzka fitou Abby com um olhar inquiridor.

- Não faço ideia como Aaron arranjou tanto dinheiro.

- O contabilista também não. Ficaram em silêncio por um momento. Abby perguntou baixinho:

- Sabe onde está Elaine?

O polícia abanou a cabeça.

- Neste momento, Dra. Abby DiMatteo - disse ele -, não me parece que ela queira ser encontrada.

TRÊS MILHõES DE DóLARES. Como teria Aaron Levi acumulado três milhões de dólares? Durante todo o caminho até casa, Abby foi reflectindo sobre aquela questão. E porque teria escondido o dinheiro até mesmo de Elaiíne? Era nas ilhas Cayman que as pessoas depositavam o seu dinheiro quando queriam mantê-lo livre dos impostos.

Abby estacionou ao lado de casa. Deu consigo a perscrutar a vizinhança em busca de um camião castanho-avermelhado. Estava a tornar-se um hábito - aquele olhar rápido num e noutro sentido ao longo da rua.

Entrou pela porta da frente e recolheu a habitual pilha de correio. Levou-a até à cozinha, onde a distribuiu por dois montes: o “lixo” dele, o “lixo” dela. Eram 4 da tarde. Esta noite, decidiu Abby, ia preparar um belo jantar. Porque não? Agora, era uma senhora ociosa. Enquanto Bayside ocupava o seu tempo decidindo sobre o seu futuro, Abby podia manter-se ocupada a tentar compor as coisas entre si e Mark.

Pegou na sua metade de correio-lixo, levou-a até ao balde respectivo e carregou no pedal da tampa. Enquanto o correio ia caindo lá dentro, viu de relance um grande envelope castanho cheio no fundo. A palavra “iates” chamou-lhe a atenção. Meteu a mão e desenterrou o envelope. No canto superior esquerdo, estava impresso:

Iates Vento Leste Vendas e Serviço Marina de Marblehead Estava endereçado a Mark, mas fora enviado para uma posta-restante.

Abby dirigiu-se à secretária de Mark, na sala de estar, e abriu a gaveta

de baixo. Lá dentro, encontravam-se os seus documentos de seguida hipoteca e do automóvel. Encontrou uma etiqueta com a palavra

Havia uma pasta do Gimme Shelter, o barco à vela J-35. Havia “,wtp, uma segunda pasta, que parecia nova, cuja etiqueta dizia “H-48”. @Tw a pasta H-48. Lá dentro estava um contrato de vendas da East

z norwja-se numa cadeira, sentindo-se enjoada. “Compraste-o, apesar de tudo, mas guardaste segredo”, pensou ela. “Está bem, o dinheiro vAi, Creio que isto esclarece tudo.”

O seu olhar desceu até ao fundo da página para os termos da venda. > Dali a instantes, saiu de casa.

4_

DINHEIRo a troco de órgãos. Será possível? - perguntou Vivian. Enquanto misturava natas no café, o Dr. Ivan Tarasoff parou e fitou vivian e Abby.

- Têm alguma prova disso?

- Ainda não. Estamos apenas a perguntar-lhe se é possível. Se assim for, como poderá ter sido feito?

O Dr. Tarasoff reclinou-se no sofá e bebeu o seu café enquanto reflectia sobre o assunto. Eram 4.45, e, à excepção de algum estagiário de bata cirúrgica que passava de vez em quando, a sala dos cirurgiões do Massachusetts General estava completamente tranquila. Tarasoff, que havia saído do bloco há apenas vinte minutos, ainda tinha uma máscara cirúrgica pendurada ao pescoço. Ao observá-lo, Abby sentiu-se de novo reconfortada pela imagem de um avô - os olhos azuis meigos, o cabelo prateado, a voz calma.

- Tem havido rumores, claro - respondeu Tarasoff. - De cada vez que uma celebridade recebe um órgão, as pessoas interrogam-se sobre o possível envolvimento de dinheiro.

- Que rumores tem ouvido?

- Que se consegue comprar um lugar de cima na lista de espera. Eu próprio nunca vi isso acontecer.

- Eu já - replicou Abby. - Há duas semanas, a Mrs. Victor Voss. Era a terceira na lista de espera e recebeu um coração. As duas pessoas do topo da lista acabaram por morrer.

- A RUPO não o permitiria nem o BONI. Seguem directivas rigorosas.

O BONI não sabia de nada. De facto, não têm registo do dador. Nós pensamos que Voss pagou para manter o dador fora do sistema a fim de o coração poder ser para a mulher dele - acrescentou

É isto que sabemos até à data - disse Abby. - Algumas horas antes do transplante de Mrs. Vôss, a coordenadora de transplantes

de

707

TESS GERRITSEN

Bayside recebeu uma chamada do Wilcox Memorial, em Burlington, dizendo que tinham um dador. O coração foi colhido e entregue no nosso bloco por um médico chamado Mapes. Os documentos do dador acompanharam-no, mas desapareceram não se sabe como. Ninguém os viu desde então. Procurei o nome “Mapes” na Lista de Médicos Especialistas. Não há nenhum cirurgião com esse nome.

- Então, quem fez a colheita?

- Julgamos que tenha sido um certo Tírn Nícholls. O nome dele está registado. Ele praticou durante alguns anos no Massachusetts General. Lembra-se dele?

Tárasoff abanou a cabeça.

- Teria de verificar os registos dos internos.

- Pensamos que terá acontecido o seguinte - disse Vivian. -

Mrs. Vôss precisava de um coração, e o marido tinha dinheiro para o comprar. A notícia correu de algum modo. Tim Nicholls tinha um dador. Assim, mandou o coração directamente para Bayside sem passar pelo BONI. Várias pessoas receberam pagamentos, incluindo parte do quadro de Bayside.

Tarasoff parecia horrorizado.

- Eu próprio enviei doentes para Bayside. É um dos principais centros de transplantes do país. Porque haviam de correr o risco de arranjar problemas com o BONI e a RUPO?

- A resposta é óbvia - retorquiu Vivian. - Dinheiro.

- Vou descobrir o que posso fazer relativamente a Nicholls - prometeu Tarasoff. - Se anda por aí alguma rede de obtenção de órgãos a trabalhar na sombra, eu quero saber.

- Nós também - disse Abby. - Mas temos de ter muito cuidado, Dr. Tarasoff. Durante os últimos seis anos, morreram três médicos de Bayside, dois suicídios e um acidente. Todos eles pertenciam à equipa de transplantes.

- Vocês estão a tentar assustar-me, não estão? - Tárasoff parecia chocado

Abby assentiu com a cabeça.

- Deve ficar assustado. Todos nós devemos.

No PARQUE de estacionamento, Abby e Vivian estavam sob um céu cinzento e chuvoso. Tiritando, Abby apertou mais o impermeável e olhou à volta do parque. Nada de camiões castanho -avermelhados.

- Não temos provas suficientes - disse Vivian. - Ainda não podemos forçar uma investigação. Além disso, mesmo que tentássemos, Victor Voss conseguiria cobrir todos os seus rastos.

- Nina Vôss não foi a primeira. Creio que Bayside já fez isto antes. Aaron morreu com três milhões de dólares na conta. Devia andar a ganhar pagamentos por fora há algum tempo.

- Achas que ele se terá arrependido?

- Eu sei que ele andava a tentar sair de Bayside, sair de Boston. talvez não o deixassem.

- Pode ter sido isso que aconteceu a Kunstler e Hermessy. Abby suspirou.

- Receio que tenha sido isso precisamente que lhes aconteceu.

- Precisamos de descobrir os nomes dos outros transplantados e qual era o respectivo lugar na lista de espera.

Abby retorquiu:

- Eu posso fazer isso.

- Eu ajudava-te, mas Bayside está-me interdito. Eles acham que eu sou o seu pior pesadelo.

- Tu e eu, nós as duas. Vívian sorriu, como se se tratasse de algum motivo de orgulho. Depois, o seu olhar tornou-se directo e inflexível.

- Pronto, Abby, agora diz-me lá porque estamos a esconder isto de Mark.

Abby suspirou. A resposta derramou-se num fluxo de angústia:

- Creio que ele também está metido nisto.

- Mark? Abby assentiu com a cabeça e olhou para o céu chuvoso.

- Ele quer sair de Bayside. Anda a falar em ir-se embora de barco. Fuga. Tal como Aaron antes de morrer.

- Achas que Mark tem recebido pagamentos por fora?

- Há dias comprou um barco. Não um simples barco, mas um iate.

- Ele sempre foi doido por barcos.

- Este custou meio milhão - sussurrou Abby. - Ele pagou em dinheiro.

ONZE

RAm 6 DA TARDE quando Abby entrou no departamento de registos

y médicos, na cave do hospital. Tal como esperara, a sala estava quase deserta por serem horas do jantar. Com o coração a bater depressa, @aproximou-se da secretária da funcionária e sorriu.

- Estou a reunir estatísticas sobre mortalidade em transplantes para o Dr. Wettig. Pode retirar do seu computador uma lista dos nomes e números de registo de todos os transplantes cardíacos feitos aqui durante os últimos dois anos?

- Para uma busca de registos assim precisamos de um impresso de requisição do departamento em causa.

- A esta hora já saíram todos. Posso trazer-lhe o impresso noutra

altura? Eu gostava de ter isto pronto para lhe entregar amanhã de manhã. Sabe como é o General.

A funcionária riu. Sim, ela sabia exactamente como era o General. Sentou-se ao teclado e chamou o ecrã de “Busca”. Em “Diagnóstico”, introduziu “Transplante cardíaco” e depois os anos a investigar. Premiu a tecla ENTER e começou a aparecer uma lista de nomes e números de registo um a um. A funcionária carregou em IMPRIMIR. Passados segundos, a lista saía da impressora. Entregou a folha a Abby.

Havia vinte e nove nomes. O último era Nina Vôss.

- Posso ter os primeiros dez processos? - pediu Abby. -

Também posso começar a trabalhar sobre eles esta noite.

A funcionária desapareceu pela porta da sala de arquivos. Passado um momento, voltou a aparecer abraçando uma pilha de pastas. Abby levou os processos para uma secretária. Abriu a primeira pasta, e da folha de informação sobre os doentes copiou

todos os detalhes para um bloco amarelo. Também copiou a data e a hora do transplante e os nomes dos médicos assistentes: Aaron Levi, Bill Archer, Frank Zwick, Rajiv Moliandas. E Mark. Tal como esperava, não havia no processo informações sobre o dador. Estas mantinham-se sempre separadas dos registos do receptor. Contudo, entre as notas das enfermeiras encontrou escrito: “8.30 - Colheita completa, segundo informação recebida. Coração do dador a caminho, vindo de Norwalk, no Connecticut. Doente levado para o bloco para prep.”

Abby escreveu: “8.30. Colheita em Norwalk, Conn.” Trabalhou sem interrupções pela noite dentro, sem sequer se dar ao luxo de um intervalo, a não ser para telefonar a Mark avisando-o de que chegaria tarde a casa. Às 10.15, chegou a casa; Mark já estava na cama e com as luzes apagadas. Ficou aliviada por não ter de responder a quaisquer perguntas. Despiu-se às escuras e subiu para a cama.

As 7.40 da manhã seguinte, estava de novo nos registos médicos. Pediu mais cinco processos, tomou notas rapidamente, devolveu os processos à funcionária e saiu.

Passou o dia na biblioteca médica procurando mais artigos para o Dr. Wettig. Só ao fim da tarde regressou aos registos médicos. Pediu mais dez processos.

VIVIAN ACABOu a última fatia de piza. Era a quarta fatia, e onde o seu corpo de gnomo armazenava tanta comida era um mistério para Abby. Vivian limpou as mãos a um guardanapo.

- Então, Mark ainda não sabe?

- Eu não lhe disse nada. Acho que tenho medo.

- Não tens medo de que Mark… pois não?

- Tenho medo de que ele negue tudo. E não tenho maneira nenhuma de saber se ele está a dizer-me a verdade.

Abby esfregou o rosto, cansada.

Até agora, já vi vinte e cinco processos. O nome de Mark está em todos eles.

O de Archer também, bem como o de Aaron. Isso não nos diz da. Que mais ficaste a saber?

Todos os registos são muito parecidos. Com os dadores é que as coisas começam a ser interessantes. - Abby inclinou-se para Vivian. -

,em todos os processos mencionam a cidade de onde provém o órgão o dador. Mas vários mencionam, e parece haver repetições. Quatro vinham de Burlington, no Vermont. Acho interessante que uma terra como Burlington acabe por ter tanta gente com morte cerebral.

O olhar de Vivian, assombrado, cruzou-se com o de Abby.

- Tínhamos posto a hipótese de que os dadores fossem simplesmente mantidos fora do sistema de registos. Mas isso não explica uma acumulação de dadores numa só cidadezinha. A menos que …

A menos que estejam a ser gerados dadores. Calaram-se.

Podes dar-me as datas das quatro colheitas de Burlington? - pediu Vivian. - Vou compará-las com o registo de óbitos de Burlington. Talvez possamos identificar os nomes dos quatro dadores e descobrir como acabaram com morte cerebral.

- Nem todas os registos de óbito têm a causa de morte.

- Então, podemos ter de recorrer às certidões de óbito. O que significa uma viagem até Burlington, sítio que eu estou morta por conhecer.

O tom de voz de Vivian era quase jovial. De novo, o discurso da mulher-guerreira em acção. Mas não conseguiu esconder uma nota de apreensão.

- Tens a certeza de que queres fazer isto? - perguntou Abby.

- Se não o fizermos, Victor Voss ganha. E os vencidos vão ser pessoas como Josh O'Day. - Fez uma pausa e depois perguntou calmamente: - E isto que tu queres fazer, Abby?

Abby deixou cair a cabeça entre as mãos.

Acho que já não me resta alternativa.

Às 7.30 DA MANHÃ SEGUINTE, Abby parou o carro no seu lugar no parque de estacionamento de Bayside. Deixou-se ficar sentada por um momento, olhando a chuva constante. "Ainda só estamos em meados de Outubro", pensou ela, "e já temos este triste antegozo de Inverno." '@kj@.,Não tinha dormido bem durante a noite. Olhando para o retrovisor, mal conseguia reconhecer a

desconhecida de olhar esgazeado que nele se .!reflectia. Um clarão de castanho-avermelhado no espelho chamou-lhe a _tenção e voltou a cabeça mesmo a tempo de ver um camião retirar-se

por detrás da fiada seguinte de automóveis. Esperou por voltar a avistá lo. Não reapareceu.

Saiu rapidamente do automóvel e começou a caminhar na direcção do hospital. O peso da pasta fazia-lhe lembrar o de uma âncora. O seu coração batia com força de encontro ao peito. Só acalmou quando já estava dentro do edifício. Seguiu pelas escadas até aos registos médicos. Esta seria a sua última visita; vinha em busca dos quatro últimos nomes da lista.

Colocou a requisição em cima do balcão e pediu:

- Desculpe, pode emprestar-me estes processos, por favor? A funcionária, habitualmente amistosa, pareceu paralisada.

- Desculpe, Dra. Abby. Disseram-me para não lhe emprestar mais processos. O Dr. Wettig disse que não a tinha autorizado a fazer qualquer investigação de processos e que, se a senhora aparecesse aqui, devia ser imediatamente enviada ao gabinete dele.

Abby sentiu o seu rosto ficar sem pinga de sangue. Pareceu-lhe que a sala ficara subitamente silenciosa. Voltou-se e viu que os outros três médicos presentes na sala estavam a observá-la. Dirigiu-se para a saída.

O seu primeiro impulso foi sair do edifício, evitar o inevitável confronto com Wettig e simplesmente enfiar-se no automóvel. Interrogou-se quanto tempo levaria a chegar à Florida, com as suas praias e palmeiras. Ela nunca estivera na Florida. Havia tanta coisa que nunca fizera. Podia fazê-las agora se saísse deste hospital, entrasse no carro e dissesse: “Esquece. Afinal, venceste.” Mas não o fez. Entrou no elevador da cave e carregou no 2.

Saiu no piso administrativo. O gabinete dos internos era ao virar da esquina, depois da suite de Jeremiah Parr. Ao passar pela secretária de Parr, viu-a pegar bruscamente no telefone.

Abby virou a esquina e entrou no gabinete dos internos. Estavam dois homens de pé junto à secretária; Abby nunca tinha visto nenhum deles. A secretária olhou para Abby e exclamou abruptamente:

- Oli! Dra. Abby …

- Preciso de falar com o Dr. Wettig - disse Abby. Os dois homens voltaram-se e fitaram-na. No instante seguinte, Abby foi encandeada por um clarão de luz - um flash de máquina fotográfica.

- Que estão a fazer? - perguntou ela.

- Doutora, importava-se de comentar a morte de Mary Allen? pediu um dos homens.

- Como?

- Ela era sua doente, não era? É verdade que a senhora é defensora da eutanásia?

Abby recuou um passo.

- Afastem-se de mim. Eu não quero falar com ninguém. Voltou-se para fugir do gabinete e quase colidiu com Jeremiah Parr, que acabara de entrar.

Eu quero que os senhores jornalistas saiam já do meu hospital -

706

COLHEITA MACABRA

exclamou Parr. Depois, voltou-se para Abby. - Doutora, venha comigo.

Abby saiu da sala atrás de Parr; atravessaram o corredor e entraram gabinete dele. Parr fechou a porta e voltou-se, fitando-a de frente.

- O Herald de Boston telefonou há meia hora - disse ele. -

pois, foi o Globe, seguindo-se cerca de meia dúzia de outros jornais.

ca mais acabou desde então. Abby olhou para Parr fixamente.

- Foi Brenda Haíney quem lhes disse?

- Não creio que tenha sido ela. Parece que já sabem da morfina e frasco no seu cacifo. Coisas que ela não sabia.

pancada brusca na porta, e o Dr. Wettig entrou. Ouviu-se uma

- Que hei-de fazer a estes malditos jornalistas? - indagou.

- Tem de preparar uma declaração, General. Até lá, ninguém fala com ninguém.

Wettig assentiu secamente com a cabeça. Depois, o olhar dele fixou-se em Abby.

- Posso ver a sua pasta, Dra. Abby?

- Porquê?

- A senhora sabe porquê. Não tinha autoridade para investigar os registos de doentes. Ordeno-lhe que devolva todas as notas que tomou.

Sem dizer palavra, Abby entregou-lhe a pasta. Observou-o a abri-la e a retirar as suas notas. Devia tê-las escondido antes de subir. Estivera demasiado ocupada a pensar no que ia dizer, em como havia de explicar tudo a Wettig.

Ele devolveu-lhe a pasta e olhou-a por um momento em silêncio. Depois, abanou a cabeça.

- Você podia chegar a ser uma bela cirurgiã, DiMatteo, mas creio que precisa de ajuda. Recomendo-lhe uma avaliação psiquiátrica e,

a partir de hoje, fica efectivamente excluída do programa de internato.

Abby percebeu uma nota de genuína pena na voz dele quando acrescentou:

- Lamento muito.

O INSPECTOR Lundquist interrogara Abby durante duas horas, fazendo-lhe perguntas enquanto andava à volta da estreita sala de interrogatórios. Se era uma táctica destinada a fazê-la sentir-se ameaçada, então estava a resultar. Abby sentira medo dele a partir do momento em que o vira entrar na sala. Fora ela que entrara na esquadra da Polícia por sua livre e espontânea vontade e que pedira para falar com o inspector Katzka. Em vez disso, tinham chamado Lundquist, que a interrogara com os modos agressivos de um agente em vias de prender alguém.

A porta abriu-se e, finalmente, Bernard Katzka entrou na sala com o seu rosto impassível, que não oferecia qualquer tipo de conforto.

- Estou presa? - perguntou Abby.

- Por enquanto, não. Isto é apenas uma investigação preliminar.

- Olhe, eu entrei aqui sozinha porque queria falar consigo. Respondi de boa vontade a todas as perguntas deste homem. Se o senhor me vai prender, então chamo um advogado, mas quero deixar bem claro que não fiz nada de mal.

Lundquist e Katzka trocaram olhares entre si. Em seguida, Lundquist disse: _ Ela é toda tua, Lesma - e afastou-se para o canto.

Katzka sentou-se à mesa.

- Suponho que me vai repetir as perguntas - comentou Abby.

- Já ouvi a maior parte das suas respostas. Acenou com a cabeça para o espelho situado na parede em frente. Era uma janela de observação, apercebeu-se ela. Katzka estivera a assistir à sessão com Lundquist. Abby interrogou-se quantos mais estariam a observar por detrás do vidro. Aquilo fê-la sentir-se exposta. Mudou a posição da cadeira e olhou directamente para Katzka.

- Então, o que é que o senhor me vai perguntar?

- A senhora disse que estava convencida de que alguém anda a tentar arruinar-lhe a carreira. Alguém administrou uma sobredosagem de morfina à sua doente, Mrs. Mary Allen. Depois, essa pessoa colocou um frasquinho de morfina no seu cacifo. E agora anda a ser seguida pela cidade por um camião castanho-avermelhado. Além disso, supõe que todos estes incidentes foram engendrados por Victor Voss?

- Foi o que eu pensei, mas talvez seja outra pessoa. Katzka recostou-se e fitou-a:

- Fale-nos de novo dos transplantes cardíacos, doutora. Abby suspirou. Já passara por aquilo com Lundquist. A ajuizar pela reacção desinteressada dele, fora uma perda de tempo. Agora, Katzka esperava que ela repetisse a história, o que seria outra perda de tempo.

- Existe um registo informático que determina qual o primeiro doente a receber um coração. O nosso sistema regional é conduzido pelo Banco de órgãos de Nova Inglaterra, que é completamente democrático; a prioridade é dada consoante o estado do doente, e não a riqueza. Agora, digamos que você é rico e está preocupado por pensar que pode morrer antes de lhe encontrarem um coração. Como é óbvio, sentir-se-á tentado a sair do sistema para obter um órgão.

- E isso é possível?

- Teria de envolver um serviço de testes de compatibilidade na sombra. E uma forma de manter os potenciais dadores fora do sistema e canalizar directamente os respectivos corações para doentes ricos, ou então ainda há uma possibilidade pior … estarem a ser gerados novos dadores.

- Isso quer dizer, a matar pessoas? - Fora Lundquist quem falara.

Então, onde estão esses cadáveres? E os registos das pessoas desaPareceram. - ? Eu não disse que isso está a acontecer. Estou apenas a dizer-lhe pode estar a ser feito. - Fez uma pausa. - Creio que Aaron Levi parte disso, o que poderia explicar os três milhões de dólares. A expressão de Katzka mal se alterara. A sua impassibilidade come—

a irritar Abby. Ela prosseguiu:

Não percebeu? Faz sentido que aquelas acções contra mim tenham sido retiradas. Esperavam, provavelmente, que eu parasse de fazer perguntas. Mas não parei. E agora têm de me fazer cair em descrédito, porque posso desvendar os segredos deles. Poderia eventualmente

estragar tudo.

Isso é muito criativo - disse Lundquist, e desatou a rir. Katzka ergueu a mão num gesto sóbrio para Lundquist se calar.

Dra. Abby DiMatteo, vou ser franco consigo - disse ele. - Isso não me parece ser um cenário plausível.

- E o único em que consigo pensar.

- Posso apresentar-lhe outro? - ofereceu-se Lundquist, de olhos fitos em Abby. - A sua doente, Mary Allen, estava a sofrer. Por isso, a senhora deu-lhe uma dose extra de morfina. O problema é que uma das enfermeiras viu-a fazê-lo e mandou um bilhete anónimo à sobrinha de Mary Allen. De repente, a senhora vê-se metida num sarilho, com várias acusações de homicídio à frente. Então, engendra uma teoria sobre uma suposta conspiração. Uma teoria que não possa ser provada … nem negada. Isto não faz mais sentido, doutora?

Mas não foi isso que aconteceu. - Abby inclinou-se para a frente, de punhos cerrados. - Eu não matei a minha doente.

Lundquist olhou para Katzka e perguntou:

- Ela não mente lá muito bem, pois não? - e saiu da sala. Por um momento, nem Abby nem Katzka falaram. Em seguida, ela perguntou:

- Agora, estou presa?

- Não, pode ir-se embora. O Dr. Hodell está à sua espera. -

Katzka levantou-se e abriu a porta. - Qualquer dia volto a falar-lhe, doutora.

Abby percorreu o corredor e entrou na sala de espera. Mark estava

5 lá dentro, em pé.

Abby - disse ele com ternura. Abby deixou que ele a tomasse nos braços, mas o seu corpo registou o toque de Mark com uma

estranha sensação de desprendimento. Como se os separasse uma grande distância, Abby ouviu Mark dizer:

Vamos para casa. Através da divisória de segurança, Bernard Katzka observou o casal

a afastar-se em direcção à porta, vendo com que força Hodell abraçava a mulher. Não era coisa que um polícia visse todos os dias. Afecto, amor. Amor era uma coisa que ele próprio não sentia há muito tempo. E naquele momento sentiu inveja de Mark Hodeli.

MAIS FLORES, Mrs. Vôss. Acabaram de ser entregues. Quere-as aqui? Ou ponho-as antes na sala de estar?

Traga-as para aqui, por favor. Sentando-se à janela, Nina observou a criada a transportar a jarra até ao seu quarto e a pousá-la em cima da mesa-de-cabeceira. O perfume da salva e das flores silvestres do fim do Verão flutuou na sua direcção.

- Ponha-as aqui, perto de mim.

- Com certeza, minha senhora. A criada mudou a jarra para a mesinha de chá ao lado da cadeira de Nina. Teve de arranjar espaço, retirando uma jarra de lírios orientais.

Não são as suas flores habituais, pois não? - perguntou a criada com um tom de voz não inteiramente aprovador.

Não. - Nina sorriu para o arranjo desordenado. Pegou numa margarida e aspirou o seu intenso perfume.

Não preferia ter os lírios junto a si? - perguntou a criada. -

Cheiram tão bem.

Estavam a fazer-me dores de cabeça. Quem mandou estas flores? A criada abriu o envelope minúsculo colado à jarra.

“Para Mrs. Voss. Rápida recuperação. Joy.” E só isto que diz. Nina franziu o sobrolho.

- Não conheço ninguém chamado Joy.

- Talvez acabe por se lembrar. Quer voltar já para a cama?

- Já estive tempo suficiente na cama. Gostava de ficar aqui sentada durante algum tempo. Sozinha.

A criada hesitou. Depois, saiu do quarto com um aceno de cabeça. “Finalmente”, pensou Nina. “Finalmente, estou sozinha.” Durante a última semana, desde que saíra do hospital, tinha estado sempre rodeada de pessoas: enfermeiras particulares, médicos e

criadas. E ainda Victor, sobretudo Victor, pairando junto à sua cama. Protegendo-a, isolando-a, mantendo-a prisioneira naquela casa.

Tudo só porque a amava. Talvez a amasse demasiado. Nina levantou os olhos ao ouvir o marido a entrar no quarto.

Louisa disseme que ainda estavas levantada - disse ele. Devias fazer a tua sesta.

- Eu estou bem, Victor.

- Ainda não pareces suficientemente forte.

O olhar de Nina fitou o de Victor. Ela disse com firmeza:

Eu vou ficar aqui sentada, Victor. Quero estar à janela.

Fez-se silêncio. Em seguida, Victor perguntou, apontando para a a de flores situada junto à cadeira da mulher:

- E estas flores de onde são?

- Acabaram de chegar. Mandou-mas alguém chamado Joy.

- Este tipo de flores podem apanhar-se à beira da estrada. Pegou na jarra e levou-a para uma mesa situada num canto ao fundo quarto. Depois, trouxe de volta os lírios orientais e colocou-os ao

de Nina.

- Pelo menos estas não são ervas daninhas - disse ele, e saiu do quarto.

Nina fitou os lírios. Exóticos e perfeitos. O perfume enfastiante deles deixava-a enjoada. Piscou os olhos a fim de afastar uma película perada de lágrimas e voltou a sua atenção para o cartão minúsculo se encontrava em cima da mesa - o que acompanhara as flores silvestres. Joy. Quem era Joy?

Ao pegar no cartão, reparou em qualquer coisa escrita por trás. “Alguns médicos dizem sempre a verdade”, rezava o cartão. Por baixo, estava escrito um número de telefone.

ABBY ESTAVA SOZINHA em casa quando Nina Vôss telefonou às 5 da tarde.

- E a Dra. Abby DiMatteo? - perguntou uma voz suave. -

Aquela que diz sempre a verdade?

- Mrs. Voss? Recebeu as minhas flores.

- Recebi, obrigada. E também recebi o seu estranho bilhete.

- Tentei todas as formas possíveis de a contactar. Cartas, telefonemas.

Houve uma pausa e depois um calmo:

- Compreendo.

- Tenho de falar consigo, Mrs. Vôss. E tem de ser sem o conhecimento do seu marido. Pode providenciar nesse sentido?

- Primeiro, diga-me porquê. Abby hesitou.

- E por causa do seu coração que recebeu em Bayside. Parece que ninguém sabe de onde veio.

O silêncio que se seguiu foi interrompido apenas pelo barulho da respiração rápida e irregular de Nina.

- Mrs. Voss?

- Tenho de desligar.

- Espere. Quando posso estar consigo?

- Amanhã.

- Como? Onde? Houve outra pausa. Mesmo antes de desligar, Nina respondeu:

Hei-de arranjar uma maneira.

TESS GERRITSEN

A CHUVA CAíA COM um tamborilar contínuo sobre o toldo às riscas por cima da cabeça de Abby. Há quarenta minutos que ela estava de pé, a tiritar, em frente da Mercearia Cellucci's. Estremeceu quando um camião de Alimentos Progresso rugiu subitamente, afastando-se da borda do passeio, vomitando gás de escape. Quando Abby voltou a erguer o olhar, viu que uma limusina preta parara do outro lado da rua. A janela do condutor desceu uns centímetros e um homem chamou:

- Dra. Abby DiMatteo? Entre no carro. Abby hesitou e depois atravessou a rua e abriu a porta de trás. Na penumbra interior, Nina Voss parecia pálida e mirrada. A sua pele estava branca como a cal.

- Entre, por favor, doutora - pediu ela. Abby entrou para o lado de Nina e fechou a porta. A limusina afastou-se da borda do passeio e deslizou silenciosamente para o meio do fluxo de trânsito.

Nina estava tão embrulhada num casaco preto e num lenço de pescoço que o seu rosto parecia não ter corpo na sombra do automóvel. Não era a imagem normal de um doente de transplante

em recuperação, Abby lembrou-se do rosto rosado de Josh O'Day, da sua vivacidade, do seu riso. Nina Voss parecia um cadáver falante.

- Desculpe o nosso atraso - pediu Nina. - Tivemos um problema à saída.

- O seu marido sabe que veio ter comigo?

- Não - respondeu Nina. - Agora, preciso de saber. Que fez Victor?

- Eu esperava que a senhora soubesse dizer-me.

- Disseme que tinha a ver com o meu coração. - Nina levou a mão ao peito. - Que sabe sobre ele?

- O seu coração não foi enviado através das vias normais. Quase todos os órgãos para transplante são compatibilizados com os receptores através de um registo central. O seu não foi. Segundo o Banco de Orgãos, a senhora não recebeu qualquer coração.

O rosto cadavérico fitou-a em silêncio.

- Creio que o seu marido o comprou - explicou Abby.

- Não se podem comprar corações assim.

- Com dinheiro suficiente, é possível comprar tudo o que se quer. Nina não disse nada. Através do seu silêncio, admitiu a aceitação daquela verdade fundamental: o dinheiro consegue comprar tudo.

A limusina virou para a Embankment Road e rumou para oeste ao longo do rio Charles. A superfície do rio estava pontilhada pela chuva.

Finalmente, Nina perguntou:

- Como soube disso?

- Ultimamente, tenho tido muito tempo livre por minha conta. É surpreendente o que conseguimos fazer quando damos connosco subitamente desempregados. E quanto mais fico a saber, Mrs. Voss, mais assustada me sinto.

Porquê consultar-me acerca disto? Porque não vai ter com as autoridades? - Não tem ouvido nada? De há uns dias para cá até tenho uma alcunha: Dra. Cicuta. Dizem que mato os meus doentes com bondade. -

ABby fitou o rio com um olhar cansado. - Não tenho trabalho, nem credibilidade, nem provas.

Que tem então? Abby olhou para Nina.

Eu conheço a verdade. - E explicou como Nina Vôss recebera o coração, na noite do transplante.

E a senhora não foi a primeira - prosseguiu Abby.

O rosto lívido voltou a fitá-la, inexpressivo.

- Já houve outros?

- Pelo menos quatro. Estamos a falar de quatro corações, quatro pessoas mortas. - Abby fez uma pausa. - Não tenho provas - repetiu ela. - Não consigo contactar o Banco de órgãos de Nova Inglaterra nem mais ninguém. Todos eles sabem que eu estou sob investigação. Foi por isso que a procurei. Naquela noite em que nos encontrámos na UCI, pensei para comigo: “Aqui está uma mulher que eu gostaria de ter por amiga.” - Fez outra pausa. - Preciso da sua ajuda, Mrs. Voss.

Durante muito tempo, Nina não proferiu palavra. Finalmente, parecia ter tomado uma decisão. Soltou um profundo suspiro e disse:

- Agora, vou deixá-la. Nesta esquina, está bem?

- Mrs. Voss, o seu marido comprou o seu coração. Se ele o fez, outros podem fazê-lo. Não sabemos quem são os dadores. Não sabemos …

- Aqui - ordenou Nina ao motorista. A limusina aproximou-se do passeio. Abby não se mexeu. Ficou sentada por um momento, sem falar. A chuva batia no tejadilho.

- Saia, por favor - sussurrou Nina.

- Pensei que podia confiar em si. Pensei que… - Abby abanou a cabeça lentamente. - Adeus, Mrs. Vôss.

Saiu da limusina e fechou a porta. Enquanto via o automóvel desaparecer no lusco-fusco, pensou: “Nunca mais vou voltar a vê-la.”

Depois, de ombros descaídos, voltou costas e seguiu o seu caminho.

NiNA Voss aconchegou-se mais no seu casulo de lã preta e olhou fixamente para a chuva que escorria pela janela. Pensou no que diria a Victor e naquilo que não diria, que não podia dizer. “Foi nisto que se ,,.transformou o nosso amor”, pensou ela. “Segredos sobre segredos. E

continua a guardar o segredo mais terrível de todos.”

Baixou a cabeça e começou a chorar - por Victor e pelo que tinha acontecido ao seu casamento. Também chorava por si própria, pois sabia o que tinha de ser feito e tinha medo.

A chuva escorria como lágrimas pela janela abaixo. E a limusina levava-a de regresso a casa, de regresso a Victor.

DOZE

HU-SHU PREcisAvA de um banho. Os rapazes mais velhos diziam-no há vários dias, ameaçando que atiravam Shu-Shu ao mar se Aleksei não lhe desse uma boa lavadela. Mas Aleksei gostava do cheiro do seu cão de peluche. Nunca fora lavado, e cada cheiro que nele se entranhava era como uma recordação diferente. O cheiro do seu tempo de bebé, o cheiro de quando era acariciado, de quando o embalavam com canções, de quando o amavam.

Abraçando Shu-Shu, Aleksei enfiou-se mais por baixo do cobertor. “Nunca vou deixar que te dêem banho”, pensou ele.

De qualquer forma, já não havia assim tantos rapazes para o atormentarem. Cinco dias antes, tinha aparecido um barco no meio do nevoeiro, deixando-se levar pelas ondas a par do navio. Enquanto todos os rapazes observavam, Nadiya e Gregor tinham andado para trás e para diante, chamando nome após nome:

- Nikolai Alekseyenko!

- Pavel Prebrazhensky! Houve gritos de triunfo a cada nome chamado.

- Yupiii! Fui escolhido! Mais tarde, os que não tinham sido escolhidos, os que haviam ficado para trás, mantiveram-se comprimidos contra a amurada, observando em silêncio enquanto a lancha transportava os rapazes seleccionados para o outro navio.

- Para onde vão eles? - perguntou Aleksei.

- Para famílias no Ocidente - respondeu Nadiya. - Agora, afastem-se da amurada. Está a ficar frio aqui em cima.

Os rapazes não se mexeram. Passado pouco tempo, Nadiya parecia indiferente ao facto de eles ficarem ou não no convés e deixou-os, descendo.

- As famílias do Ocidente devem ser estúpidas - comentou Yàkov.

Aleksei voltou-se para o fitar. Yakov tinha o olhar teimosamente fixo no mar, com o queixo protuberante. Segurava-se na amurada com a sua única mão, ao mesmo tempo que observava o outro navio enquanto este desaparecia no nevoeiro. Em seguida, afastou-se.

Durante os dias seguintes, Aleksei mal lhe pôs a vista em cima. Esta noite, como habitual, Yakov desaparecera logo a seguir ao jan "Talvez esteja no seu estúpido País das Maravilhas, escondido de naquele caixote", pensou Aleksei. Tapou a cabeça com o cobertor e adormeceu enrolado no beliche, com o encardido Shu-Shu aninhado contra o seu rosto.

UMA MÃO ABANOU-0. Uma voz chamou baixinho no meio da noite:

- Aleksei.

- Mamã - disse ele.

- Aleksei, são horas de acordar. Tenho uma surpresa para ti. Aleksei flutuou lentamente por entre camadas de sono, chegando à superfície da escuridão. Reconheceu o perfume de Nadiya.

- São horas de partir - sussurrou ela. - Eu vou levar~te a ela, Aleksei. De entre todos os rapazes, foste tu o escolhido. Tens muita sorte. Agora, anda, mas não faças barulho.

Aleksei sentou-se. Nadiya deu-lhe a mão e ajudou-o a sair do beliche.

- Shu-Shu - disse ele. Nadiya colocou o cão entre os seus braços.

- Claro que tens de levar o teu Shu-Shu. A mulher pegou-lhe na mão, coisa que nunca fizera. A súbita onda de felicidade sacudiu-o, deixando-o completamente acordado. Ele seguia de mão dada com Nadíya, e caminhavam os dois juntos ao encontro da mãe dele. Aleksei sentiu uma vaga lembrança: "E assim que nos sentimos quando damos a mão à nossa mãe."

Saíram da cabina e percorreram um corredor tenuemente iluminado. Aleksei tropeçava no meio de uma alegre confusão, sem prestar atenção para onde se dirigiam, pois Nadiya encarregava-se de tudo. Passaram uma porta.

E entraram no País das Maravilhas. O passadiço de aço estendia-se à sua frente. Ao fundo deste, erguia-se a porta azul.

Aleksei estacou.

- Que foi? - perguntou Nadiya.

- Não quero entrar aí dentro. Moram lá pessoas.

- Tens de entrar, Aleksei. Não sejas teimoso. - Nadiya apertou-lhe a mão com mais força. - É por aqui que tens de entrar.

- Porquê? De súbito, a mulher pareceu entender que devia seguir uma táctica diferente. Acocorou-se e segurou-o firmemente pelos ombros:

- Queres estragar tudo? A tua mãe está à espera de um rapazinho obediente, e agora estás a ser muito desagradável.

Os lábios do miúdo tremiam. Esforçou-se imenso por não chorar, pois sabia como os adultos detestam as lágrimas das crianças. Mas as grimas tinham começado a cair, e agora, se calhar, ele já tinha estragado tudo.

- Ainda não está nada decidido - disse Nadiya. - Ela pode escolher outro rapaz. É isso que queres?

- Não - soluçou Aleksei. Nadiya endireitou-se.

- Então, anda. Despacha-te ou chegamos atrasados. - Colocou-lhe o braço à volta do ombro.

Aleksei começou a andar só porque ela estava ao lado dele, apertando-o contra si. Tal como ele também apertava Shu-Shu contra o peito. Desde que se mantivessem assim agarrados todos três, nada de mal lhes poderia acontecer.

Nadiya bateu à porta azul. Esta escancarou-se.

YAKOV ouviu-os passar no passadiço lá em cima. O choro de Aleksei, Nadiya a tentar persuadi-lo, impaciente. Rastejou até à borda do caixote e espreitou lá para cima, observando-os com precaução. Estavam agora a entrar pela porta azul. Passado um momento, desapareceram através da mesma.

Porque há-de Aleksei entrar ali dentro e eu não? Yakov esgueirou-se para fora do caixote e subiu as escadas até à porta azul. Tentou abri-la, mas, como sempre, estava fechada à chave. Derrotado, refugiou-se de novo no seu esconderijo. Esperou que voltassem a sair, mas estava a levar muito tempo. Que estariam a fazer lá dentro? Daí a pouco, sentiu sono e começou a dormitar.

Passado algum tempo, foi acordado por um barulho ronronante. De início, pensou serem os motores do navio. Depois, percebeu que o barulho aumentava de intensidade e provinha do convés, lá de cima.

Era um helicóptero.

GREGOR enrolou os atilhos e meteu o saco de plástico no saco térmico. Entregou este a Nadiya.

- Toma. Precisa de gelo. Vá, faz lá isso. Ela pareceu recuar, horrorizada. Depois, respirando fundo, pegou no saco térmico, colocou-o sobre o tampo da bancada e começou a deitar gelo lá para dentro. Gregor notou que as pernas dela estavam pouco firmes. A primeira vez que se assistia era sempre um choque para o sistema. Até mesmo Gregor tinha passado por momentos de repugnância. Nadiya havia de ultrapassar a situação.

Gregor voltou-se para a mesa de operações. O anestesista já tinha puxado o fecho da mortalha e recolhia agora os panos ensanguentados.

O cirurgião estava dobrado sobre a bancada. Gregor olhou-o com desprezo. Havia qualquer coisa de repugnante num médico que se deixava engordar de forma tão grotesca. Esta noite o cirurgião não parecia bem. As mãos tinham-lhe tremido durante todo o procedimento.

- Dói-me a cabeça - gemeu o cirurgião.

7 76

COLHEITA MACABRA

Tens andado a beber demais. Provavelmente, estás de ressaca. Gregor agarrou numa das pontas da mortalha. Ele e o anestesista ergueram o fardo e fizeram-no deslizar para cima da maca. Em seguida, kegor pegou na pilha de roupa suja e no cão de peluche, que jazia no

ão com o seu pêlo de rato empapado em sangue, e colocou-os em cima da mortalha. Empurraram a maca até ao canal de descarga do lixo,

1@@de deitaram tudo. Depois, Gregor descalçou as luvas e dirigiu-se ao lavatório para lavar as mãos.

Em seguida, ouviu-se um grande estrondo, o tilintar de instrumentos metálicos a caírem. Gregor voltou-se. o cirurgião estava deitado no chão, com o rosto muito encarnado e

4.1 @, membros a estrebucharem. Nadiya e o anestesista estavam paralisa-_@ks de horror.

- Que tem ele? - perguntou Gregor.

- Não sei! - exclamou o anestesista. Ajoelhou-se ao lado do homem agitado por convulsões e fez umas tentativas desesperadas para o reanimar, mas, passados momentos, o cirurgião morria.

Que fazemos agora? - perguntou o anestesista. Precisamos de outro cirurgião - respondeu Gregor. Temos de aportar mais cedo do que o planeado.

De súbito, olhou para cima. Nadiya e o anestesista fizeram o mesmo. Todos o ouviram agora: o “uap-uap” do helicóptero. Gregor olhou para o saco térmico.

Está pronto? Eu enchi-o de gelo - retorquiu Nadiya. Então, vai. Entrega-lhes isso. - Gregor voltou a olhar para o cadáver e deu-lhe um pontapé de desprezo. - Nós tratamos da baleia.

Do SEU ESCONDERIJO, situado por baixo da escada da ponte, Yàkov observou o helicóptero a descer da escuridão e a aterrar em seguida. A porta abriu-se e uma figura apareceu na borda do convés. Era Nadiya. Ela atravessou o convés com o corpo inclinado

para a frente … Inclinou-se para dentro do helicóptero através da porta e entregou qualquer coisa ao piloto. Uma caixa. Em seguida, retrocedeu e retirou-se de novo para a extremidade do convés.

Passado um momento, o helicóptero levantou. Yakov contornou a escada para o ver a ribombar ao longe, enquanto desaparecia na noite.

Uma mão agarrou o braço de Yakov. Ele deu um grito enquanto era

4, puxado para trás e obrigado a girar sobre si próprio.

Que diabo estás a fazer aqui em cima? - perguntou Gregor. Nada!

O que é que tu viste? í-Yakov só o olhava fixamente, demasiado aterrado para lhe resPonder.

Nadiya tinha ouvido as vozes de ambos. Atravessava agora o convés na direcção deles.

- Que é isto?

- O rapaz anda outra vez à espreita. Pensei que tivesses trancado a cabina.

- E foi isso que fiz. Ele deve ter-se escapulido mais cedo.

- De qualquer forma, já estou farto deste. - Gregor deu um sacão ao braço de Yakov, puxando-o em direcção ao alçapão das escadas.

- Ele não pode voltar para junto dos outros. Gregor voltou-se para abrir o alçapão e Yâkov deu-lhe um pontapé na parte de trás do joelho. Gregor gritou, soltou-o e Yakov fugiu. Ouviu os gritos de Nadiya e passos estrondosos no seu encalço. Percebeu, demasiado tarde, que correra directamente para o convés de aterragem.

Ouviu-se um forte estrondo e as luzes do convés acenderam-se. Yakov foi apanhado mesmo no centro do seu brilho. Protegendo os olhos, cambaleou às cegas, afastando-se dos sons da perseguição. Mas eles já se aproximavam, agarrando-lhe a camisa. Yâkov debateu-se.

Alguém o atingiu no rosto. A pancada atirou Yakov por terra. Tentou afastar-se, rastejando, mas foi puxado para cima pelo cabelo. Gregor empurrou-o para a frente pelo convés em direcção ao alçapão das escadas. Yakov caminhava vacilante. Não

conseguia ver para onde se dirigiam enquanto desciam alguns degraus e atravessavam um corredor. Urna porta abriu-se, e Yakov foi atirado pelo patamar.

- Podes apodrecer para aí durante algum tempo - disse Gregor, batendo com a porta.

Yakov ouviu o ferrolho a correr e passos a afastarem-se. Ficou sozinho na escuridão. Apertou os joelhos contra o peito e ali ficou abraçado a eles. Um estranho tremor apoderou-se do seu corpo. Conseguia ouvir os seus próprios dentes a baterem, não de frio, mas como eco de um estremecimento vindo do fundo da sua alma, Choramingando, meteu o polegar na boca e começou a chuchar.

TREZE

ARA ABBY, AS MANHÃs eram o pior. Ela acordava sentindo aquele primeiro surto de expectativa ensonada pelo dia que tinha pela frente. Depois, lembrava-se subitamente: “Não tenho para onde ir.” Ficava deitada na cama enquanto ouvia Mark a vestir-se, e sentia-se de tal modo dominada pela depressão que não conseguia dizer-lhe uma palavra, Há dias que mal falavam. “Assim morre o amor”, pensou Abby, ouvindo-o sair pela porta da frente. Não com palavras de ira, mas envolto em silêncio.

Esta manhã, fugiu de casa. Percorreu quarteirões e quarteirões, sem se preocupar absolutamente nada com o seu destino. O tempo arrefecera, e quando finalmente parou, no perímetro da Universidade de Harvard, doíam-lhe os ouvidos. Percebeu que já passava muito da hora do almoço. Não sabia aonde ir em seguida. Toda a gente à sua volta parecia ter um destino … menos ela.

Ela e Vivian tinham esgotado todas as possibilidades de orientação. Na véspera, Vivian fora de avião até Burlington. Quando telefonara a Abby, na noite passada, fora para lhe dar más notícias: o consultório de Tim Nicholls fechara e ninguém conhecia o seu paradeiro. Um beco sem saída. Além disso, o Wilcox Memorial não tinha registos de colheitas nas quatro datas em questão. Outro beco sem saída. Finalmente,

consultara a Polícia local e não encontrara registos de pessoas perdidas ou corpos por identificar. Beco sem saída final.

Abby dirigiu-se a pé para casa, pensativa. “Cobriram todos os rastos, Nunca os venceremos.”

Mal voltou a entrar pela porta da frente, viu uma mensagem no atendedor de chamadas. Era de Vivian, pedindo a Abby que lhe telefonasse. Tinha deixado um número de Burlíngton. Abby ligou, mas ninguém atendeu. Ao desligar, olhou de relance pela janela. Estacionado do outro lado da rua, encontrava-se um camião castanho-avermelhado.

Pegou no telefone e ligou para Katzka.

- Inspector Katzka - disse ele na sua habitual voz monocórdica de executivo.

- Daqui Abby DiMatteo. O camião que me tem seguido … está estacionado mesmo à entrada de minha casa.

Fez-se uma pausa.

- Você vive na Rua Brewster, certo?

- Certo. Por favor, mande-me imediatamente alguém.

- Sente-se sossegada e mantenha as portas fechadas. Entendido?

- Está bem. - Abby soltou um suspiro nervoso. - Está bem. Passados quinze minutos, um Volvo familiar de cor verde estacionou em frente ao camião. Abby não esperava que o próprio Katzka aparecesse, mas lá estava ele saindo do seu automóvel. Mal o avistou, Abby sentiu uma extraordinária sensação de alívio. “Ele sabe o que há-de fazer”, pensou ela. Katzka era suficientemente inteligente para resolver qualquer assunto.

O polícia atravessou a rua e aproximou-se lentamente do camião. Abby aproximou-se mais da janela, e o seu coração começou subitamente a bater com força. Quando Katzka se virou ligeiramente na direcção dela, Abby notou que ele sacara da arma, e nem o vira deitar-lhe

4 mão.

Avançou um pouco mais e espreitou pela janela. Parecia não ter vis- !o nada de suspeito. Deu a volta até à retaguarda do camião e espreitou

através da parte de trás. Em seguida, guardou a pistola no coldre e percorreu a rua com o olhar numa e noutra direcção.

Numa casa próxima, abriu-se subitamente a porta da frente e um homem de fato-macaco cinzento precipitou-se pelos degraus abaixo

gritando e acenando. Katzka reagiu com a sua característica impassibilidade e mostrou-lhe o distintivo. O outro homem puxou da carteira e mostrou-lhe o BI.

Os dois homens conversaram durante breves instantes. Finalmente, o homem de fato-macaco voltou para dentro. Katzka dirigiu-se para casa de Abby. > Ela abriu-lhe a porta.

- Que aconteceu?

- Nada.

- Quem é o condutor? Porque me anda a seguir?

- Ele diz que não faz ideia do que você está a falar.

- Eu não sou cega! Já vi aquele camião por aqui.

- O condutor diz que nunca esteve aqui.

- Quem é o condutor, afinal? Katzka puxou do seu bloco de notas.

- John Doherty, residente no Massachusetts. Canalizador qualificado. O camião está registado como pertencente a Canalizações Back Bay. Além disso, está cheio de ferramentas.

Fechou o bloco e fitou-a com a sua indiferença habitual.

- Eu tinha a certeza de que era o mesmo - sussurrou Abby.

- Continua a insistir na existência de um camião?

- Claro, bolas! Havia mesmo um camião! - exclamou, irada. Katzka reagiu àquela explosão com uma sobrancelha ligeiramente soerguida. Ela viu-se obrigada a respirar fundo. Um ataque de cólera era a última coisa a que este homem reagiria. Todo ele era lógico, todo ele era razão. O Mr. Spock com uma insígnia de polícia.

- Vou verificar a identificação de Doherty. Contudo, acredito que ele seja realmente apenas um canalizador.

Katzka olhou para a sala de estar. O telefone estava a tocar.

- Não vai atender?

- Por favor, não se vá embora. Por enquanto … Tenho umas coisas para lhe contar.

Katzka já estendera a mão para o puxador. Agora, parara, observando Abby enquanto esta pegava no telefone.

- Está? - disse ela. Uma voz de mulher atendeu baixinho:

- Dra. Abby DiMatteo?

O olhar de Abby fixou-se em Katzka. Ele pareceu entender só pelo olhar dela que a chamada era importante.

- Mrs. Voss? - perguntou Abby.

Consegui saber uma coisa - retorquiu Nina. - Não sei o que ,significa, se é que significa alguma coisa.

1 Katzka aproximou-se de Abby. Inclinou a cabeça para o auscultador para escutar.

Que descobriu? - perguntou Abby. Fiz uns telefonemas. Para o banco e para o nosso contabilista. A

3 de Setembro, Victor transferiu fundos para uma empresa chamada Arnity Corporation, em Boston.

“23 de Setembro”, pensou Abby, véspera do transplante de Nina Mo s S.

- Que sabe acerca da Amity? - perguntou Abby.

- Nada. Victor nunca mencionou esse nome. Fez-se silêncio. Abby ouviu vozes do outro lado da linha. Depois, a voz de Nina voltou a ouvir-se: mais tensa, mais baixa.

- Tenho de desligar.

- Qual foi o montante da transacção? Por um momento, não houve resposta. Abby pensou que talvez Nina já tivesse desligado. Depois, ouviu a resposta sussurrada:

- Cinco milhões - disse Nina. - Ele transferiu cinco milhões de dólares.

- NÃo PODE ser neste sítio - disse Abby. Ela e Katzka estavam em Roxbury, estacionados numa rua degradada cheia de fachadas de lojas entaipadas e de empresas à beira da ruína.

O edifício da Amity era de pedra castanha e quatro andares. Sobre a entrada, estava suspensa a tabuleta AMITY - PRODUTOS MÉDICOS, VENDAS E SERVIÇOS.

Abby olhou para o outro lado da rua, fixando-se no desordenado arranjo da montra, cheia de muletas e bengalas, bilhas de oxigénio e arrastadeiras, e perguntou:

- Porque havia ele de transferir cinco milhões de dólares para esta empresa?

Katzka abriu a porta do seu lado.

- Vou ver o que consigo descobrir. Dou uma vista de olhos e faço umas perguntas.

- Eu vou consigo.

- Não, você fica no carro. Ele ia a sair, mas Abby puxou-o para trás. Ele fitou-a com aquele seu ar calmo.

Olhe - retorquiu ela -, foi da minha vida que eles deram cabo. Esta pode ser a minha oportunidade de ripostar.

- Então, não vamos forçar as coisas, está bem? Alguém lá dentro poderia reconhecê-la. Quer arriscar-se a isso?

Ela deixou-se cair de novo no banco. Katzka tinha razão. Abby sentou-se, abanando a cabeça, zangada com a sua própria impotência, Zangada com Katzka por lha ter apontado.

Observou-o a atravessar a rua e passar por aquela entrada de mau aspecto. Passaram cinco minutos e depois dez.

Katzka, Katzka, que estás tu afazer aí dentro? Passaram vinte minutos. Agora, eram 5 horas, e o sol anémico já se tinha transformado num lúgubre lusco-fusco. Hora de ponta. O trânsito começava a engrossar até mesmo naquela rua. Através do fluxo de automóveis, ela só conseguia vislumbrar a entrada a intervalos intermitentes. Depois, subitamente, houve uma interrupção no trânsito, e Abby viu um homem surgir da porta lateral do edifício da Amity. Sentiu o coração começar a bater a galope. Ela reconheceu aquele rosto: o sobrolho grotescamente grosso, o nariz de falcão. Era o Dr. Mapes, o estafeta que entregara o coração do dador de Nina Vôss na sala de operações.

Mapes começou a andar. A meio da rua, parou junto a um carro desportivo azul estacionado junto ao passeio. Retirou do bolso um conjunto de chaves de automóvel.

Abby voltou a olhar para o edifício da Amity, esperando e rezando para que Katzka aparecesse. Voltou a olhar para o carro azul. Mapes já tinha entrado nele e estava a pô-lo a trabalhar. Afastando-se gradualmente do passeio, esperava por uma aberta no trânsito.

Abby olhou nervosamente para a ignição e viu as chaves de Katzka. Podia ser a única oportunidade. Passou para o assento do condutor e rodou a chave. Guinou subitamente para o meio do trânsito, provocando um chiar de pneus e uma apitadela colérica de um automóvel atrás.

Um quarteirão adiante, Mapes atravessou o cruzamento no preciso momento em que o semáforo mudou para vermelho. Abby foi obrigada a parar, Havia quatro automóveis entre ela e o cruzamento e não tinha forma de se desviar. Ficou sentada a contar os segundos. O carro já mal se avistava agora, sendo apenas um clarão azul no meio de um rio de automóveis. Que diabo tinha acontecido ao semáforo?

Finalmente, abriu o verde, mas ninguém se mexeu. Abby inclinou-se para a buzina, apitando de forma ensurdecedora. Os carros à sua frente começaram finalmente a andar. Ela carregou no acelerador e depois abrandou. Alguém batia do lado do carro.

Olhando para a direita, Abby viu Katzka a correr a par da porta do passageiro. Travou.

Katzka escancarou a porta:

- Que está a fazer?

- Entre.

- Não. Primeiro encoste …

- Entre mas é no carro! Ele piscou os olhos, surpreendido, e depois entrou. Abby carregou logo no acelerador. Dois quarteirões à frente, um

clarão de azul virou a toda a velocidade para a direita. O carro azul estava a virar para a Cottage Street. Se não conseguisse manter-se logo atrás dele, podia perdê-lo. Guinou para a esquerda, ultrapassou três automóveis por cima de um duplo traço contínuo e guinou de novo para a sua faixa mesmo a tempo. Abby ouviu Katzka dar um estalido com o

2 seu cinto de segurança enquanto viravam para a Cottage. l@

Vai dizer-me agora? - perguntou ele. i@ - O tipo do carro azul saiu do edifício da Amíty.

- Quem é ele?

O estafeta que levou o órgão. Ele disse que se chamava Mapes.

O carro azul contornou a rotunda e virou para leste.

Vai a caminho da via rápida - comentou Katzka. Abby entrou na rotunda e precipitou-se atrás do carro azul. Com o coração a rebentar no peito, embrenhou-se no trânsito e localizou Mapes um pouco à frente, já na via rápida, a passar para a faixa da esquerda.

Ela tentou passar para a mesma faixa, mas deparou-se-lhe um camião a tentar enfiar-se à força, recusando-se a deixá-la passar. Abby fez sinal e aproximou-se mais da sua faixa. O camião limitou-se a deixar-lhe uma entrada mais apertada. Aquilo começava a transformar-se num perigoso jogo do gato e do rato, mas Abby estava demasiado cheia de adrenalina para ter medo. Carregou a fundo no acelerador e atirou-se para a esquerda, mesmo à frente do camião.

- Que diabo! - gritou Katzka. - Está a tentar matar-nos?

- Não me importo. Eu quero apanhar aquele tipo. Mais à frente, o carro azul voltara a mudar de faixa. Passara para a direita, para a saída que conduzia ao Túnel Callahan.

Bolas! - exclamou Abby, virando também para a direita. Atravessou duas faixas e entraram na escuridão do túnel, que fazia lembrar a escuridão de uma gruta. Graffiti corriam a seu lado. Paredes de cimento ecoavam o “uuch-uuch” dos automóveis a cortarem o ar. Quando voltaram a emergir para o lusco-fusco cinzento, o carro azul saiu da via rápida. Abby seguiu-o.

Estavam agora em East Boston, a porta de entrada para o Aeroporto Logan International. Devia ser para lá que Mapes se dirigia.

Abby ficou surpreendida ao ver que, em vez disso, ele atravessou com estrépito uma linha de caminho de ferro e rumou a oeste, penetrando num labirinto de ruas. Abby abrandou, dando-lhe algum espaço. Agora, o desafio com que se confrontava era evitar ser notada. Avançavam ao longo dos molhes do porto interior de Boston. Atrás de uma vedação de rede metálica, havia filas e filas de contentores de navio fora de uso empilhados a três e três, quais peças de Lego gigantes. Depois, para lá do terreiro dos contentores, estendia-se a marginal industrial. O carro azul virou para a esquerda e seguiu para o terreiro dos X, contentores.

Abby estacionou ao lado da vedação e espreitou através dela. Viu o carro azul seguir até junto ao quebra-mar e parar.

Mapes saiu do carro. Caminhou em grandes passadas pelo cais, onde estava ancorado um pequeno navio de carga, e deu um grito. Passado um momento, apareceu um homem no convés e acenou-

lhe para que entrasse a bordo. Mapes subiu pela prancha de embarque e desapareceu na embarcação.

- Porque terá vindo aqui? Porquê um barco? - perguntou Abby

- Tem a certeza de que é o mesmo homem? - inquiriu Katzka.

- Se não é, então Mapes tem um duplo a trabalhar na Amity. -

Fez uma pausa. - O que é que você descobriu sobre aquele lugar?

- Quer dizer, antes de ter reparado que alguém me estava a roubar o carro? - Encolheu os ombros. - Parecia tal e qual o que devia parecer: uma empresa de fornecimento de material médico. Eu disselhes que precisava de uma cama articulada para a minha mulher, e eles mostraram-me alguns dos modelos mais recentes.

- Quantas pessoas havia no edifício?

- Eu vi três. Uma na sala de exposições e duas no segundo piso, recebendo encomendas pelo telefone.

- E quanto aos dois pisos superiores?

- Espaço de armazém, suponho eu. Não há nada naquele edifício que valha a pena investigar.

- Você podia intímá-los a mostrar os registos financeiros para descobrir para onde foram os cinco milhões de dólares de Voss.

- Não temos qualquer base sobre a qual possamos intimá-los a mostrar quaisquer registos.

- De quantas provas precisamos? Eu sei que aquele era o estafeta. Eu sei o que estas pessoas andam a fazer.

- O seu testemunho não vai convencer nenhum juiz. - A resposta dele foi honesta … brutalmente honesta. - Desculpe, doutora Abby, mas a senhora sabe tão bem como eu que tem um enorme problema de credibilidade.

Abby sentiu-se quase a atirar-se a ele, afastando-se em seguida, furiosa.

- Você tem toda a razão - atirou-lhe ela como resposta. - Quem acreditaria em mim? É apenas a psicótica Dra. Abby DiMatteo a dizer disparates outra vez.

Não proferiram mais palavra durante alguns momentos.

- Não é que eu não acredite em si - disse Katzka finalmente. Abby fitou-o:

- Mais ninguém acredita. Porque havia o senhor de acreditar?

- Porque o Dr. Levi não se enforcou - retorquiu Katzka. Abby franziu o sobrolho, fitando-o.

- Julguei que a autópsia tivesse confirmado.

- Nós só recebemos os resultados toxicológicos na semana passada. Descobriram-lhe vestígios de Succinilcolína no tecido muscular.

Abby fitou~o. Succinilcolina. Era utilizada todos os dias pelos anestesistas para induzir relaxamento muscular durante as operações. No bloco, era uma droga de utilidade vital. Fora do bloco, a sua administração provocava o tipo de morte mais horrível. Paralisia total num indivíduo totalmente consciente. Embora desperto e consciente, ficava incapaz de se mexer ou respirar. Era como se se afogasse num mar de ar.

Abby engoliu em seco. Durante um momento, ficou demasiado horrorizada para falar. Nem sequer se atreveu a pensar como teria sido a morte de Aaron.

- Eu quero saber o que há naquele barco - disse ela. - Quero saber por que razão ele entrou ali.

Fez menção de abrir a porta, mas Katzka impediu-a.

- Ainda não, vamos esperar. - Olhou para o céu crepuscular e depois para o nevoeiro que aumentava à superfície da água. - Daqui a pouco está escuro.

- QUANTO tempo já passou?

- Apenas cerca de uma hora - respondeu Katzka. Abby abraçou-se a si própria a tiritar de frio.

- É interessante que você ponha isso dessa maneira: apenas uma hora. Parece que já passou a noite inteira.

- É uma questão de perspectiva. Eu gastei muito tempo em missões de vigilância. No início da minha carreira.

Katzka como um recruta de cara fresca - ela não conseguia imaginá-lo assim.

- Que o fez tornar-se polícia? - perguntou ela. Katzka encolheu os ombros.

- Convinha-me. Que a fez tornar-se médica? Ela limpou uma tira do vidro do pára-brisas embaciado.

- Não sei bem como responder a isso.

- É uma pergunta assim tão difícil?

- A resposta é complicada. Se eu tivesse de apresentar uma razão, creio que seria o meu irmão. Aos dez anos, teve de ser hospitalizado. Passei muito tempo a observar os médicos, a ver como eles trabalhavam.

Katzka esperou que ela prosseguisse. Como não o fez, perguntou em voz baixa: _ O seu irmão não sobreviveu?

Abby abanou a cabeça.

- Foi há muito tempo. Ficou contente por Katzka ter ficado em silêncio; não lhe apetecia responder a mais perguntas, que a fariam reviver as imagens de Pete

725

TESS GERRITSEN

deitado numa maca nas urgências, com os ténis novos salpicados de sangue. Depois, tinham sido aqueles meses a observá-lo em coma, com a carne a definhar, os membros a contraírem-se num auto-abraço permanente.

Não contou nada disto a Katzka, embora sentisse que ele compreendera tudo o que precisava de saber. Comunicação por empatia. Não era um talento de Katzka de cuja existência ela suspeitasse, mas havia tantas coisas em Katzka que ela achava surpreendentes. E fascinantes.

O polícia olhou lá para fora e comentou:

- Acho que já está suficientemente escuro. Saíram do carro e transpuseram o portão aberto que conduzia ao terreiro dos contentores. O pequeno cargueiro agigantava-se no nevoeiro. Caminharam até ao cais, passando por uma torre de grades vazias.

Estacaram junto à rampa de embarque, escutando o chapinhar da água contra o casco e os milhares de rangidos de aço e cabos. Katzka tocou no braço de Abby, que sentiu o seu contacto quente e sólido.

- Vou dar uma vista de olhos a bordo. Subiu pela rampa. Só tinha dado alguns passos quando um par de faróis balançaram através do portão. Era um camião que vinha na direcção deles pelo terreno dos contentores.

Os feixes dos faróis apanharam Abby, encurralada na extremidade do cais. O camião derrapou ao travar. Protegendo os olhos do clarão, Abby não via quase nada, mas ouviu portas a baterem. Ouviu passos no cascalho enquanto os homens se aproximavam para lhe impedir a fuga.

Katzka apareceu mesmo a seu lado.

- Pronto, retrocedam - disse ele aos homens. - Não estamos aqui para causar problemas.

Os dois homens, agora com as silhuetas desenhadas pelos faróis, hesitaram apenas um segundo. Depois, começaram a

avançar. Abby não viu o que aconteceu em seguida. Só percebeu que Katzka se acocorou de repente, que se ouviram tiros e o zumbido de qualquer coisa que ricocheteava ao bater no pontão de cimento atrás dela.

Abby e Katzka precipitaram-se ao mesmo tempo para a cobertura das grades. Ele empurrou a cabeça dela contra o chão e depois ripostou aos tiros. Ouviram-se passos em retirada, uma breve troca de palavras. Depois, o barulho do camião a arrancar, com o motor a acelerar.

Abby ergueu a cabeça. Para seu horror, viu que o camião rolava na direcção deles, avançando para as grades como um verdadeiro aríete.

Katzka apontou e atirou, estilhaçando o pára-brisas. O veículo avançou à louca na direcção do cais, guinou para a direita, para a esquerda e depois continuou na direcção de ambos. Abby notou um brilho de faróis que a deixou cega. Depois, atirou-se do pontão e mergulhou numa escuridão total.

O mergulho na água gelada deixou-a atordoada. Debateu-se até à

superfície, asfixiada com o sal e gasóleo derramado. Ouviu homens a gritarem no pontão lá em cima e depois uma pancada estrondosa na água. A água fervilhou, passando por cima da sua cabeça. Voltou de novo à superfície, tossindo. Na extremidade do pontão, a água parecia ter um brilho verde -fosforescente. O camião descia lentamente para o fundo, com os faróis deixando atrás de si dois feixes de luz aquosa que se iam tornando negros.

Katzka. Onde estava Katzka? Revolteou dentro de água, esquadrinhando o escuro, com o sal a picar~lhe os olhos. Ouviu uma pancada ligeira na água, e emergiu uma cabeça a alguns metros de distância. Boiando na água, Katzka olhou na direcção de Abby e viu que ela estava a aguentar-se sozinha. Depois, olhou para cima. Havia dois homens, talvez três, cujos passos percorriam o pontão de um lado para o outro. Gritavam uns para os outros, mas os gritos soavam truncados e ininteligíveis. “Não são ingleses”, pensou Abby, mas não sabia identificar a língua.

Acima deles apareceu uma luz, um feixe que perscrutava a água. Katzka mergulhou, Abby fez o mesmo. Ela nadou em direcção ao negrume da água mais ao largo. Veio ao de cima uma e outra vez para respirar, voltando depois a mergulhar. Quando voltou à superfície pela quinta vez, estava no meio da escuridão.

Agora, moviam-se duas luzes sobre o pontão, com os seus feixes a perscrutarem o nevoeiro, como um par de olhos implacáveis. Ouviu um chapinhar na água bastante perto de si e percebeu que Katzka tinha vindo à superfície nas proximidades.

- Perdi a pistola - disse ele, ofegante. - Continue a nadar até ao próximo pontão.

A noite foi subitamente iluminada por um brilho ofuscante. O navio de carga tinha ligado os holofotes do convés, iluminando cada pormenor do pontão. Havia um homem na rampa de embarque com a espingarda apontada para a água.

- Vá - disse Katzka. Abby mergulhou, abrindo caminho por entre a escuridão líquida. A água profunda assustava-a. Veio ao de cima para respirar de novo, mas o ar parecia não ser suficiente por muito fundo que ela respirasse.

- Abby, não pare! - instou Katzka. - Vá para o próximo pontão. Abby olhou para trás na direcção do barco de carga. Viu que os holofotes de busca traçavam um círculo cada vez maior na água e que o feixe se dirigia para eles. Voltou a mergulhar.

Quando finalmente ela e Katzka treparam para terra, Abby mal conseguia mexer-se. Rastejou por cima de rochas escorregadias devido à ,presença de óleo e algas. Acocorada na escuridão, vomitou.

Katzka pegou-lhe no braço, ajudando-a a estabilizar. Ela ergueu a cabeça, quase sem forças.

- Está melhor? - sussurrou ele.

- Estou gelada.

- Então, vamos para um sítio mais quente. - Katzka fitou o pontão sobranceiro a eles. - Acho que conseguimos subir aquelas pedras. Venha.

Treparam pelas rochas, tropeçando e escorregando sobre os limos. Katzka chegou primeiro ao pontão e depois içou-a para junto dele.

O holofote de busca cortou o nevoeiro, apanhando-os na sua luz. Uma bala ricocheteou ao bater no cimento mesmo por detrás de Abby.

- Mexa-se! - gritou Katzka. Fugiram a correr. O holofote perseguiu-os, com o seu feixe ziguezagueando através da escuridão enquanto corriam em direcção ao terreiro dos contentores. As balas faziam saltar cascalho em redor deles. Acima, erguiam-se os contentores, empilhados num labirinto gigante de sombras. Baixaram-se junto à fila mais próxima, ouvindo balas a golpearem o metal. Depois, os tiros cessaram. Aproximavam-se vozes que pareciam provir de duas direcções.

Katzka agarrou na mão de Abby e puxou-a por entre o labirinto de contentores. Correram até ao fim da fila, voltaram à esquerda e continuaram a correr. Depois, pararam os dois.

Na outra extremidade da fila, uma luz piscava. Estão à nossa frente! Katzka guinou para a direita, contornando outra fila. Contentores empilhados erguiam-se como torres de ambos os lados, como paredes de um abismo. Ouviram vozes e voltaram a mudar de direcção. Agora, tinham dado tantas voltas que Abby não sabia ao certo se estavam a andar em círculo.

Uma luz dançava acima deles. Estacaram e viraram-se para mudarem de direcção. Viram outro feixe de luz movendo-se na sua direcção.

Abby retrocedeu em pânico. Estendendo a mão para se equilibrar, sentiu uma fenda entre dois contentores. A fenda mal dava para entrarem nela.

Agarrando no braço de Katzka, enfiou-se pela abertura, puxando-o atrás. Rastejou até mais e mais fundo, até chocar com a parede de um contentor adjacente. Não havia possibilidades de avançarem. Estavam presos, metidos à força num espaço mais estreito do que um caixão.

O rangido de passos sobre o cascalho aproximou-se. A mão de Katzka estendeu-se para pegar na de Abby. O coração dela batia-lhe com força contra o peito. Então, ouviram-se vozes.

Uma luz dançou através da abertura da fenda. Dois homens estavam de pé ali perto, conversando num tom que denotava

confusão numa língua irreconhecível. Bastar-lhes-ia apontar as suas lanternas para a fenda para localizarem a presa.

Abby fechou os olhos, demasiado aterrada. Não queria estar a olhar

quando aquele feixe de luz lhes inundasse o esconderijo. Os seus membros estavam rígidos de tensão, e a sua respiração era curta e ofegante. ouviu um raspar de sapatos no solo. Depois, os passos afastaram~se.

Abby e Katzka sentiam-se congelar, de mãos apertadas. Ouviram por duas vezes os perseguidores a passar; de ambas as vezes, os homens afastaram-se.

Ouviu-se um ribombar distante, como o barulho de trovoada algures no horizonte. Depois, durante muito tempo não ouviram nada.

Só horas depois emergiram finalmente do esconderijo. Percorreram a fila de contentores e pararam para esquadrinhar a margem mergulhada num silêncio total. O nevoeiro dissipara-se e, acima deles, brilhavam tenuemente estrelas no céu inundado pelas luzes da cidade.

O pontão seguinte estava escuro. Não viram homens, nem luzes, nem mesmo o brilho de uma vigia. O navio de carga largara.

Era QUASE MEIA-NOITE quando o inspector Lundquist deixou uma Abby exausta à porta de sua casa. Ela viu que o automóvel de Mark não estava no caminho de acesso. “Teve alguma urgência no hospital”, pensou. Não era raro ele ser chamado a Bayside à noite, já tarde, para tratar de uma ferida provocada por um tiro ou uma punhalada.

Dirigiu-se ao atendedor de chamadas na esperança de ele ter deixado algum recado no gravador. Só encontrou duas mensagens telefónicas, ambas de Vivian, que ainda se encontrava em Burlington. Era tarde demais para lhe telefonar agora. Tentaria de manhã.

No primeiro andar, despiu as roupas molhadas e entrou no duche. Enquanto a água quente caía sobre ela, manteve-se de pé, de olhos fechados, reflectindo. Temia o que tinha de dizer a Mark. Chegara a altura de o confrontar. A incerteza tornara-se insuportável.

Depois de ter saído do duche, mandou um recado para o pager de Mark. Ficou assombrada quando o telefone tocou quase logo a seguir.

- Abby? - Não era Mark, mas Katzka. - Queria apenas saber se você está bem. Telefonei há pouco e ninguém atendeu.

- Estava no duche. Estou óptima, Katzka. Estou só à espera de que Mark chegue a casa.

- Está sozinha? - perguntou após uma pausa.

O tom de preocupação fez aflorar um pálido sorriso aos lábios de Abby. Raspando aquela armadura do polícia, havia por baixo um verdadeiro homem, afinal.

- Tranquei todas as portas e janelas - disse ela. - Tal como você me disse.

Pelo telefone, Abby ouvia o som estridente de um rádio de polícia e conseguia imaginá~lo de pé, naquele cais, com as luzes de urgência a varrerem-lhe o rosto.

- Que está a acontecer aí?

- Estamos à espera dos mergulhadores. O equipamento já aqui está.

- Acha mesmo que o condutor ainda está preso no camião?

- Receio bem que sim. - Katzka deu um suspiro, que revelava um cansaço tão profundo que Abby soltou um sussurro de preocupação.

- Você devia ir para casa, Katzka. Precisa de um duche quente e de uma canja de galinha. E a receita que eu lhe dou.

Katzka riu-se. Era um som surpreendente que ela nunca lhe ouvira.

- Bom, se eu conseguisse encontrar uma farmácia que ma aviasse.

- Alguém lhe disse qualquer coisa. Katzka voltou-se para responder. Depois, a sua voz reapareceu na linha. - Tenho de desligar. Tem a certeza de que está bem aí? Não seria preferível ficar num hotel?

- Estou óptima.

- Certo. - Fez-se um breve silêncio. O polícia parecia relutante em desligar. Finalmente, disse: - Volto a saber de si de manhã. _

Obrigada, Katzka. - Abby desligou.

Voltou a mandar uma mensagem para o pager de Mark. Depois, deitou-se na cama, esperando que ele lhe telefonasse. Ele não o fez.

Com o passar das horas, Abby tentou acalmar os seus medos crescentes, tentando adivinhar todas as razões possíveis para ele não responder. Podia estar a dormir num dos quartos dos médicos de serviço do hospital. O pager podia ter-se avariado. Podia estar no bloco. Ou então podia estar morto. Como Aaron Levi, como Kuristler e Hennessy.

As 3 da manhã, o telefone tocou finalmente. Abby ficou imediatamente desperta e estendeu a mão para o auscultador.

- Abby, sou eu. A voz de Mark crepitava no fio, como se ele estivesse a falar de uma grande distância.

- Há horas que te liguei - respondeu ela. - Onde estás?

- Estou no carro, a caminho do hospital. - Fez uma pausa. -

Abby, precisamos de falar. As coisas … mudaram.

Ela disse em voz baixa:

- Entre nós, queres tu dizer?

- Não, não, isto não tem nada a ver contigo. Nunca teve. Tu só foste absorvida por tudo, Abby. Eu tentei fazê-los retroceder, mas agora já levaram isto longe demais.

- Quem?

- A equipa. Ela tinha medo de fazer a pergunta seguinte, mas agora já não havia hipótese de escolha.

730

COLHEITA MACABRA

- Todos vocês? Estão todos envolvidos?

- Agora, já não. Mohandas e eu tomámos uma decisão esta noite. Foi onde eu estive … em casa dele. Abby, decidimos que está na hora de acabar com isto. Vamos desmascarar toda a situação. - Fez uma pausa, com a voz subitamente embargada. - Fui um cobarde, desculpa.

Abby fechou os olhos.

- Tu sabias. Tu sabias tudo durante todo este tempo.

- Sabia em parte, tudo não. Eu não queria saber. Depois, tu começaste a fazer aquelas perguntas todas, e eu já não pude esconder-me da verdade por mais tempo. - Soltou um profundo suspiro. - Isto vai arruinar-me, Abby.

Ela continuava de olhos fechados. Imaginava-o na escuridão do automóvel. Imaginava a tristeza da expressão dele. E a coragem.

- Vem para casa, Mark, por favor.

- Ainda não. Vou encontrar-me com Mohandas no hospital. Vamos buscar aqueles registos de dadores.

- Sabes onde estão guardados?

- Fazemos uma ideia. Só nós dois podemos levar um certo tempo. Se tu nos ajudasses, talvez conseguíssemos terminar até de manhã.

Abby sentou-se na cama.

- Onde vais encontrar-te com Mohandas?

- Nos registos médicos. Ele tem a chave. - Mark hesitou. - Tens a certeza de que queres meter-te nisto, Abby?

- Eu quero estar onde tu estiveres. Vamos fazer isto juntos. Certo?

- Certo - disse ele baixinho. - Até já. Cinco minutos depois, Abby entrava no seu automóvel. As ruas de West Cambridge estavam desertas. Eram 3.15 da manhã, mas há muito que ela não se lembrava de se sentir tão desperta. Tão viva.

Finalmente, vamos vencê-los!", pensou ela. "E vamos fazê-lo juntos. Da maneira como devíamos ter feito desde o princípio."

Atravessou a ponte da River Street e avançou até à rampa da auto- ~estrada. Havia poucos carros a viajarem àquela hora, e ela avançava facilmente, com pouco trânsito para leste.

Passados cinco quilómetros, a auto-estrada chegou ao seu fim Quando Abby virou para a rampa da Via Rápida Sudeste, reparou subitamente em dois faróis que incidiam de trás sobre ela. Acelerou, mergulhando na via rápida que se dirigia para sul.

Os faróis aproximaram-se mais, no máximo, ofuscando-a pelo espelho retrovisor. De súbito, o carro guinou para a esquerda, mudando para a faixa ao lado. Avançou na faixa imediatamente paralela à sua até ficarem quase lado a lado.

Abby olhou para o lado. Viu a janela do outro automóvel descer. Entreviu a silhueta de um homem no banco do passageiro.

Tomada de pânico, carregou a fundo no acelerador. Demasiado tarde, avistou o automóvel atravessado à sua frente. Travou bruscamente.

O carro rodopiou e deu uma cambalhota por cima da barreira de cimento. De súbito, o mundo ficou inclinado de lado. Depois, foram cambalhotas e mais cambalhotas. Abby via escuridão e luz. Escuridão e luz.

Escuridão.

Luz. E dor. Explosões curtas e agudas de dor dentro da sua cabeça. Tentou gritar, mas não emitiu qualquer som. Tentou voltar-se, evitando aquela luz penetrante, mas o seu pescoço parecia preso num aperto asfixiante.

- Abby, Abby, não se mexa! - ordenou uma voz. - Tenho de observar os seus olhos.

Ela contorceu-se, sentindo os pulsos e os tornozelos apertados por correias.

- Abby, sou o Dr. Wettig. Olhe para mim. Vamos, abra os olhos. Ela abriu os olhos, esforçando-se por mantê-los abertos, embora o feixe da sua pequena lanterna parecesse uma lâmina a perfurar-lhe o crânio.

- Siga a luz. Pronto, Abby, as duas pupilas estão reactivas. - A luzinha apagou-se, cheia de misericórdia. - Ainda quero a tomografia.

Abby via a sombra da cabeça do Dr. Wettig contra o brilho difuso das luzes do tecto. Havia outras cabeças na periferia da sua visão, e uma cortina branca de protecção ondeava à distância. Sentiu uma picada de dor no braço esquerdo; deu um sacão com o braço.

- Calma, Abby. - Era uma voz de mulher. - Tenho de tirar sangue. Não se mexa. Tenho que recolher muitos frascos.

Agora, uma terceira voz.

- Dr. Wettig, os raios X estão a postos. De súbito, Abby percebeu exactamente onde se encontrava. Estava na urgência de Bayside. Acontecera qualquer coisa terrível.

- Mark - disse ela, tentando sentar-se. - Onde está Mark?

- Abby, escute. - Wettig falava em voz baixa e impaciente. -

Estamos a tentar contactar Mark. Estou certo de que em breve ele estará aqui. Agora, tem de colaborar, caso contrário não podemos ajudá-la. Compreende?

Abby ergueu o olhar para o rosto dele e ficou completamente imóvel. Como interna, sentira-se tantas vezes intimidada por aqueles olhos azuis inexpressivos. Agora, presa à maca e indefesa sob o seu olhar, sentia-se mais do que intimidada. Sentia-se verdadeira e profundamente assustada.

Ouviu a cortina a ser aberta e sentiu um solavanco quando a maca começou a deslocar-se. Agora, o tecto corria numa sucessão ofuscante de luzes, e Abby sabia que estava a ser levada para as profundezas do

hospital, para o coração do inimigo. Nem sequer tentava debater-se; as correias impossibilitavam-lhe qualquer luta.

Pensar Tenho de pensar Viraram a esquina para dar entrada nos raios X. Passaram-na para a mesa e prenderam-lhe correias sobre o peito e as ancas. _ Mantenha-se imóvel - ordenou o técnico de radiologia.

Enquanto o scanner deslizava sobre a sua cabeça, Abby fechou os olhos. Tentava pensar, lembrar-se do acidente.

Lembrava-se de ter entrado no automóvel e ido até à auto-estrada. Depois, a fita da memória tinha uma falha. O próprio

acidente era um espaço completamente em branco, mas a sequência de acontecimentos que a ele tinham conduzido começava a assomar-lhe ao espírito.

Quando o exame terminou, Abby conseguira reunir suficientes fragmentos de recordação para compreender o que tinha de fazer em seguida. Se queria manter-se viva.

Colaborou em silêncio enquanto era novamente transferida para a maca - colaborou tanto, de facto, que o técnico soltou as correias que lhe prendiam os pulsos e os tornozelos, prendendo apenas a tira do peito. Em seguida, empurrou a maca para a antecâmara dos raios X.

- Já vêm da urgência buscá-la - disse ele. - Se precisar de mim, basta chamar. Estou mesmo aqui ao lado.

Depois de ele sair, Abby estendeu o braço e desapertou a correia do peito. Quando se sentou, sentiu o quarto rodopiar. Comprimiu as têmporas com as mãos e tudo pareceu recuperar a nitidez.

O tubo de administração intravenosa. Abby arrancou o ‘adesivo do braço, estremecendo com a picada, e retirou o cateter, concentrando-se na tarefa de parar o fluxo de sangue que escorria da veia. Desceu da maca, retirou uma bata do cabide da porta e vestiu-a por cima da sua camisa de noite do hospital. Esforçava-se por pensar, por ver através de uma névoa branca de dor, enquanto se dirigia para a porta. As pernas pareciam-lhe pesadas ao sair para o corredor.

Estava vazio. Na extremidade oposta, havia uma saída de emergência. Tentou alcançá-la, pensando: “Se eu conseguir chegar àquela porta, fico em segurança.”

Encostou-se com força à barra da saída de emergência e empurrou-a para fora, saindo para a noite. Campainhas de alarme começaram a tocar. Abby começou imediatamente a correr. Cambaleou, descendo o passeio para se dirigir ao parque de estacionamento. Não tinha nenhum plano de fuga; só sabia que tinha de sair de Bayside.

Ouviu vozes atrás de si. Um grito. Ao olhar para trás, viu três elementos da segurança saírem da urgência a correr. Escondeu-se

atrás de um automóvel - tarde demais. Tinham-na localizado.

Pôs-se de pé, cambaleando, e recomeçou a correr. Os passos dos seus perseguidores aproximavam-se mais, provenientes simultaneamente de duas direcções. Cercaram-na. Um dos guardas pegou-lhe no braço esquerdo, o outro, no direito. Ela debatia-se, dando pontapés e murros. Tentou morder-lhes. Mas agora eram três e já a arrastavam de volta para a urgência, de volta para o Dr. Wettig.

- Eles vão matar-me! - gritou Abby. - Deixem-me ir embora!

- Ninguém lhe vai fazer mal, minha senhora.

- Vocês não compreendem. Vocês não compreendem! As portas da urgência abriram-se rapidamente. Ela foi empurrada lá para dentro e atada a uma maca enquanto dava pontapés e se debatia.

O rosto do Dr. Wettig apareceu, branco e tenso, acima do dela.

- Cinco miligramas de Haldol intramuscular - ordenou.

- Não! - gritou Abby. - Não! Apareceu uma enfermeira de seringa na mão. Retirou a tampa da a -se das correias.

gulha. Abby estrebuchou, tentando libertar

Segurem-na, caramba! - exclamou Wettig. Várias mãos seguraram-lhe os pulsos com força. Foi virada de lado, com a nádega direita à mostra.

Por favor - pediu ela, olhando para a enfermeira -, não o deixe fazer-me mal. Não o deixe …

Abby sentiu o frio gélido do álcool e depois a picada da agulha.

- Por favor - sussurrou. Mas sabia que já era tarde demais.

- Vai tudo correr bem - disse a enfermeira, sorrindo a Abby. -

Vai tudo correr bem.

QUINZE

@ÃO HÁ MARCAs de derrapagem no cais - disse o inspector Carrier. - O pára-brisas está estilhaçado. E o condutor tinha o que me parecia ser um buraco de bala por cima do olho direito. Sabes como é, Lesma. Lamento, mas vamos precisar da tua arma.

Katzka assentiu com a cabeça e olhou para a água.

- Diz ao mergulhador que ele deve encontrar a minha arma mesmo ali em baixo. A menos que a corrente a tenha levado.

Carrier deu uma palmadinha no ombro a Katzka.

- Vai para casa. Parece que viste o Diabo. Katzka percorreu de novo o cais em sentido contrário por entre o grupo de pessoal do laboratório criminal. O camião fora retirado da água há várias horas e já tinham detectado a origem do seu registo: Bayside Hospital, operações e instalações. O corpo do condutor tinha sido retirado meia hora antes. A sua carta de condução identificara-o como Oleg Boravoy, de trinta e nove anos, residente em Newark, Nova Jérsia. Esperavam ainda mais informações.

Katzka atravessou o terreiro dos contentores até ao local onde o seu próprio automóvel estava estacionado e esgueirou-se lá para dentro. Resmungando, deixou cair o rosto entre as mãos. Às 2 da manhã, fora para casa, tomara um duche e dormira umas horas. Pouco depois do nascer do Sol, regressara ao pontão. “Sou velho demais para isto”, pensou ele. “Tenho pelo menos dez anos a mais. Todas estas correrias e tiros no escuro são bons para os jovens leões.”

Alguém bateu na sua janela. Ergueu o olhar e viu que era Lundquist. Katzka abriu a janela.

- Olá, Lesma, estás bem?

- Vou para casa para dormir um pouco.

- Está bem, mas antes acho que deves gostar de saber quem era o condutor. Obtiveram o nome de Oleg Boravoy através do computador. Está metido no bingo. Imigrante russo, chegado cá em 89. Três prisões, nenhuma condenação.

- Acusado de quê?

- Rapto e extorsão. As acusações nunca pegaram porque as testemunhas desapareciam sempre. - Lundquist inclinou-se para a frente.

- Os polícias de Newark dizem que Boravoy pertence à Mafia russa.

Katzka franziu o sobrolho.

- Qual é a ligação de Boravoy ao Bayside?

- Não sabemos.

- E quanto ao tal navio de carga? Falaram com o capitão do porto?

- O navio está registado como pertencendo a uma firma de Nova Jérsia chamada Companhia Sigayev. O último porto de escala foi

Riga.

- Onde é que isso fica?

- Na Letónia. Acho que é uma república russa que se tornou independente.

“Outra vez aqueles russos”, pensou Katzka. Pensou em Abby DiMatteo e a sua ansiedade tornou-se subitamente mais aguda. Não falava com ela desde o telefonema da 1 da manhã. Há apenas uma hora estivera prestes a telefonar-lhe de novo. Porém, enquanto ligava o número dela, percebeu que as suas pulsações tinham aumentado. Reconhecera aquela aceleração como sinal do que era realmente: expectativa. Um desejo intenso, alegre, doloroso e completamente irracional de ouvir a voz dela. Eram sensações que ele não experimentava há anos, e compreendeu, para seu grande desgosto, o que significavam. Desligara rapidamente e passara a última hora a sentir uma depressão cada vez mais profunda.

Agora, olhava pela janela em direcção ao pontão e disse a Lundquist:

- Quero saber tudo o que haja sobre a Companhia Sigayev. Quero saber de quaisquer ligações com a Amity e com o Hospital de Bayside.

- Registado, Lesma.

Quando Katzka ligou o motor, o inspector Carrier vinha a caminhar

na sua direcção, acenando com a mão.

- Olá, Lesma - cumprimentou Carrier. - Recebeste a mensagem sobre a Dra. Abby DiMatteo?

Katzka desligou imediatamente o motor, mas não conseguiu desligar o súbito rugido do seu próprio pulso. Olhou fixamente para Carrier.

- Houve um acidente.

UM CARRINHO COM o almoço chocalhava pelo corredor fora. Abby acordou em sobressalto e descobriu que estava deitada entre lençóis húmidos de transpiração. Tentou voltar-se na cama, mas percebeu que não conseguia; tinha as mãos atadas e os pulsos doridos devido à fricção. Com um soluço de frustração, mergulhou

de novo contra a almofada e fitou o tecto. Ouviu o estalido de uma cadeira. Virou a cabeça.

Katzka estava sentado perto da janela. À luz do meio-dia, o seu rosto por barbear parecia mais velho e mais cansado do que nunca.

- Pedi-lhes que retirassem as correias - disse ele. - Mas eles disseram-me que você já arrancara demasiados tubos. - Ergueu-se e aproximou-se da cama. - Bem-vinda à vida, Abby. Você é uma senhora com muita sorte.

- Não me lembro do que aconteceu.

- O seu carro capotou na Via Rápida Sul-Este.

- Havia mais alguém … Ele abanou a cabeça.

- Ninguém mais ficou ferido, mas o seu automóvel ficou em muito mau estado.

Fez-se silêncio. Abby percebeu que ele já não a fitava. Tinha agora o olhar fixo algures na sua almofada.

- Katzka, a culpa foi minha? - perguntou ela baixinho. Ele assentiu com relutância.

- Parece que você seguia a alta velocidade. Deve ter travado para evitar um veículo parado na sua faixa. Guinou contra uma barreira e atravessou duas faixas aos rebolões.

Abby fechou os olhos.

- Oh, meu Deus! Mais uma pausa.

- Lamento dizer que foi encontrada no seu carro uma garrafa de vodka em estilhaços.

Abby abriu os olhos, fitando-o, estupefacta.

- Isso é impossível.

- Abby, você não consegue lembrar-se do que aconteceu. A experiência de ontem no cais foi traumatizante. Talvez você tenha sentido necessidade de se descontrair. Pode ter tomado umas bebidas em casa.

- Eu lembrava-me disso! Havia de me lembrar se tivesse bebido.

- Olhe, o que é importante agora …

- Isto é importante. Não está a ver? Andam outra vez a tentar dar cabo de mim!

Esfregou os olhos com a mão.

- Desculpe, Abby - sussurrou ele. - O Dr. Wettig mostrou-me o seu nível de alcoolemia, que lhe mediram ontem na urgência. Era

0,21.

Agora, Katzka desviara os olhos dela e olhava pela janela, como se o simples acto de a fitar lhe exigisse demasiado. Abby fechou os olhos ,,C concentrou-se na forma de canalizar a raiva. Era tudo o que lhe restava, a única arma com que podia responder aos ataques. Eles tinham-lhe tirado tudo o resto. Até tinham conseguido tirar-lhe Katzka.

Abby disse pausadamente:

- Eu não bebi. Você tem de acreditar em mim.

- Pode dizer-me para onde ia às três da manhã?

- Vinha para aqui, para Bayside. Mark chamou-me, e eu vinha para … - Fez uma pausa. - Ele esteve cá? Porque não está ele aqui?

O silêncio do polícia deixou-a enregelada. Abby voltou a cabeça para o fitar, mas não conseguia ver-lhe o rosto.

- Katzka?

- Mark Hodell não tem respondido às mensagens para o pager. Parece que ninguém sabe do paradeiro dele.

Abby tentou falar, mas parecia que a sua garganta tinha inchado tanto que se fechara, e o único som que ela conseguiu emitir foi um “não” sussurrado. Não percebeu que estava a chorar, nem sequer sentia as lágrimas correrem-lhe pelo rosto, até que Katzka lho limpou suavemente com um lenço de papel.

- Tenho pena. - Katzka afastou-lhe o cabelo da cara, e durante um momento a sua mão permaneceu aí, com os dedos pousados, de forma protectora, sobre a testa dela. Depois, voltou a sussurrar: - Tenho muita pena.

- Procure-o por mim - pediu ela em voz baixa. - Por favor, pro~ cure-o por mim.

- Vou procurar. Passado um momento, Abby ouviu-o sair do quarto. Só então percebeu que ele lhe desapertara as correias. Estava livre para sair da cama e do quarto, mas não o fez. Virou o rosto para a almofada e chorou.

As 2 horas, entrou o Dr. Wettig. Ficou de pé junto à cama dela, folheando as páginas do processo.

- Dra. Abby DiMatteo? Ela não lhe respondeu.

- O inspector Katzka disseme que a senhora nega ter bebido álcool ontem à noite - continuou ele.

Abby continuou sem responder. Wettig suspirou.

- O primeiro passo para a recuperação consiste em reconhecer que

se tem um problema. Eu devia ter estado mais atento, mas agora ficou tudo claro. Está na altura de tratar do problema.

- Qual seria o objectivo? - perguntou ela em voz neutra.

- O objectivo é que você tem um certo futuro que vale a pena recuperar. Haverá outras carreiras à sua disposição além da medicina.

A reacção dela foi o silêncio. Naquele momento, a perda da sua carreira parecia quase insignificante comparada com o sofrimento maior que sentia pelo desaparecimento de Mark. _ Eu pedi ao Dr. O'Connor que a avaliasse - disse Wettig. - Ele há-de vir aí esta noite a qualquer hora.

- Eu não preciso de um psiquiatra.

- Creio que precisa, Abby. Você tem de ultrapassar essas manias da perseguição. Eu não lhe dou alta enquanto O'Connor não esclarecer a situação. Nós estamos todos muito preocupados consigo, Abby. Eu estou preocupado consigo. Foi por isso que pedi uma avaliação psiquiátrica. E para seu próprio bem, acredite.

Ela fitou-o directamente nos olhos.

- Vá para o diabo, General. Para sua enorme satisfação, ele estremeceu e afastou-se da cama. Fechou o processo com força.

- Mais logo, venho observá-la, Dra. Abby DiMatteo - disse ele, e saiu do quarto.

Poucos momentos antes, antes de Wettig ter entrado, Abby sentia-se demasiado cansada para lutar. Agora, todos os músculos se haviam contraído, e o estômago estava num turbilhão. Ela sentou-se. As tonturas duraram apenas uns segundos. Era altura de sair dali, de recuperar o controle sobre a sua vida. Atravessou o quarto e entreabriu a porta.

Uma enfermeira ergueu o olhar da secretária e fixou Abby de frente.

- Precisa de alguma coisa?

- Hum, não - retorquiu, retrocedendo rapidamente. Mantinham-na prisioneira. Dirigiu-se à mesinha-de-cabeceira e pegou no telefone. Ligou para casa, marcou o código de acesso e escutou as mensagens do atendedor. Tinha havido outra chamada de Vivian e, pelo tom da voz, a chamada era urgente. Deixara um número de Burlington. Abby ligou.

Desta vez, Vivian atendeu.

- Por pouco não me apanhavas, estava mesmo para sair.

- Vens para casa?

- Tenho avião às seis horas para Logan. Ouve, esta viagem foi um empreendimento inútil. Não foram feitas nenhumas colheitas em Burlington. É apenas uma cobertura. E Tim Nicholls forneceu os documentos oficiais.

- E agora Nicholis desapareceu.

- Ou eles livraram-se dele.

Ficaram em silêncio. Depois, Abby disse baixinho:

- Mark desapareceu.

- O quê?

- Ninguém sabe o paradeiro dele. O inspector Katzka diz que ele não responde às mensagens para o pager. - Fez uma pausa, sentindo a garganta apertada.

- Oh, Abby. Abby… - A voz de Vivian falhou. No breve silêncio que se seguiu, Abby ouviu um clique. Depois, a ligação foi cortada. Abby desligou e tentou fazer nova chamada, mas o telefone não dava sinal. Tentou a telefonista. Continuava a não ter sinal.

O hospital tinha-lhe desligado o telefone.

Às 5.30 DA TARDE, a vampira estava de regresso, trazendo o seu tabuleiro de tubos de sangue, lamelas e agulhas.

- Desculpe, Dra. Abby DiMatteo, mas preciso de a picar outra Vez. Abby estava de pé junto à janela, fitando a paisagem desoladora.

- Este hospital já me sugou todo o sangue que eu tenho para dar. Atrás dela ouvia-se o tilintar de tubos de vidro. _ Doutora, eu tenho mesmo de lhe tirar este sangue. Foi o Dr. Wettig quem mandou. - Depois, a flebotomista acrescentou com uma calma nota de desespero: - Por favor, não me dificulte as coisas.

Abby voltou-se e fitou a mulher. Parecia muito nova, lembrava-lhe ela própria há muito, muito tempo. Numa altura em que também ela se sentia aterrada com Wettig, temendo fazer qualquer coisa de errado.

Suspirando, Abby dirigiu-se para a cama e sentou-se. Estendeu o braço esquerdo e observou, impassível, o torniquete de borracha a ser colocado no lugar com uma mola. Fechou o punho. Quando a agulha lhe perfurou a pele, Abby olhou para o tabuleiro da flebotomista e para todos os tubos de sangue claramente rotulados.

De súbito, a sua atenção centrou-se num espécime em particular, um tubo de tampa púrpura com o rótulo virado para ela. Fitou o nome, surpresa: VOSS, NINA. UCIC CAMA S.

- Já está - disse a vampira, retirando a agulha. - Pode manter essa gaze no sítio?

Abby premiu automaticamente a gaze contra o braço. “Nina Vôss está de novo no hospital”, pensou ela. Qualquer coisa correu mal com o coração novo. Lembrou-se do aspecto de Nina na penumbra do automóvel. O rosto pálido, a tonalidade azulada dos lábios. Já naquela altura o transplante estava a falhar. Rejeição do órgão.

A flebotomista saiu. Abby dirigiu-se ao armário e encontrou aí um saco de plástico volumoso. Tinha os sapatos, as calças ensanguentadas e a carteira. Faltava-lhe o porta-moedas, mas uma busca aturada à carteira revelou umas moedinhas no fundo. Ia precisar delas até à última.

Puxou o fecho das calças, aconchegou mais a si o casaco do pijama

do hospital e calçou os sapatos. Depois, foi até à porta e espreitou lá para fora.

A enfermeira de serviço não estava à secretária. Contudo, havia outras duas na sala, uma a falar ao telefone, a outra inclinada sobre uns documentos. Nenhuma delas estava a olhar na direcção de Abby.

Abby observou o corredor e viu o carro das refeições, que tilintava ao entrar na enfermaria, empurrado por uma voluntária de cor-de-rosa.

O carro parou em frente à secretária das enfermeiras. A voluntária retirou dois tabuleiros com a refeição e levou-os para dentro do quarto de um doente. O carro tapou a vista às enfermeiras enquanto Abby passava pela secretária e se dirigia para as escadas.

Seis lanços acima, deu consigo no décimo segundo piso. Mesmo em frente encontrava-se a ala do bloco. De um carro de roupa situado no corredor, retirou uma bata cirúrgica, uma touca e protecções para os sapatos. Completamente vestida de azul, como todos os outros, podia perfeitamente passar despercebida. Dobrou a esquina e entrou na UCIC.

Lá dentro era o caos. O doente da cama 2 entrara em código, e todo o pessoal se comprimia freneticamente, tentando entrar no cubículo, Ninguém olhou sequer na direcção de Abby quando passou pela bancada de monitores e entrou no cubículo, A porta fechou-se atrás dela.

Nina Voss estava a dormir. Parecia ter encolhido desde que a vira pela última vez. O corpo parecia tão pequeno como o de uma criança.

Abby pegou no gráfico das enfermeiras suspenso aos pés da cama. Viu de relance todos os parâmetros aí registados. O aumento da pressão pulmonar. O funcionamento cardíaco em lenta decadência. Abby voltou a pendurar o gráfico no gancho. Quando se endireitou, viu que os olhos de Nina estavam abertos e a fitavam com surpresa.

- Ç)lá, Mrs. Voss - disse Abby.

- E a médica que diz sempre a verdade - murmurou Nina a sorrir.

- Como se sente?

- Satisfeita. Satisfeita por estar quase no fim. - Fechou os olhos. Abby aproximou-se da cama e pegou na mão da outra mulher.

- Nunca tive oportunidade de lhe agradecer ter tentado ajudar-me.

- Foi a Victor que eu tentei ajudar.

- Não compreendo.

- Ele é como aquele homem do mito grego … Orfeu. Aquele que foi até ao Hades para trazer a mulher de volta. Ele quer trazer-me

de volta; não lhe interessam os meios nem o preço. - Voltou a abrir os olhos. - No fim - sussurrou ela -, vai custar-lhe demasiado.

Não estavam a falar de dinheiro. Abby compreendeu isso imediatamente. Estavam a falar de almas.

A porta do cubículo abriu-se de súbito. Abby voltou-se e deparou com uma enfermeira que a fitava, surpresa.

- Oh! Dra. Abby DiMatteo, que está a senhora aqui Avaliou

rapidamente todos os monitores e tubos de administração intravenosa.

Tentando detectar sinais de sabotagem

- Eu não toquei em nada - disse Abby.

- Mrs. Voss precisa de descansar. - A enfermeira instou Abby a sair. - Tem operação marcada para esta noite, não pode ser perturbada.

- Que operação?

- O retransplante. Encontraram um dador. Abby olhou fixamente para a porta fechada do cubículo e perguntou:

- Mrs. Voss sabe?

- O quê?

- Ela assinou a autorização para a cirurgia?

- O marido assinou. Agora, saia imediatamente, por favor. Sem uma palavra, Abby voltou-se e saiu da unidade. Continuou a andar até chegar aos elevadores. A porta abriu-se. Ela entrou e voltou-se rapidamente, de frente para a porta. “Arranjaram um dador”, pensou enquanto o elevador descia. “De uma forma ou de outra, arranjaram um dador. Esta noite, Nina Voss vai receber um coração novo.” Quando o elevador chegou ao átrio de entrada, ela já traçara a sequência dos acontecimentos. Tinha lido os registos de outros transplantes feitos em Bayside; sabia o que ia acontecer.

A porta do elevador abriu-se. Ela saiu de olhos postos no chão. Transpôs as portas de entrada até ao vento que levava tudo à sua frente.

A dois quarteirões de distância, cheia de frio e a tiritar, refugiou-se numa cabina telefónica. Utilizando o seu precioso achado de moedinhas, ligou o número de Katzka. Ele não estava. O polícia que atendeu a chamada ofereceu-se para ficar com o recado.

- Eu tenho de falar já com ele! Ele não tem um pager?

- Deixe-me passá-la para a telefonista. Passado um momento, ouviu-se a telefonista.

- Desculpe. Ainda estamos à espera de que o inspector Katzka responda. Ele consegue apanhá-la no seu número habitual?

- Sim, quer dizer, não sei. Eu tento mais tarde. - Abby desligou. Não tinha mais moedas, mas havia outra pessoa a quem podia falar.

Metade da Lista Telefónica estava rasgada. Com uma sensação de inutilidade, folheou mesmo assim as páginas brancas. Ficou estupefacta por conseguir encontrar de facto o registo: 1. Tarasoff.

As mãos tremiam-lhe enquanto ela ligava o número. Por favor, fale comigo. Por favor, aceite a minha chamada. Depois de o telefone tocar quatro vezes, Abby ouviu o simpático “Está lá?” de Ivan Tarasoff. Depois: “Sim, aceito pagar a chamada.”

Sentiu um tal alívio que as suas palavras lhe saíram de rompante.

- Eu não sabia a quem mais podia falar. Não consigo apanhar Vivian, e mais ninguém me dará ouvidos. O senhor tem de ir à Polícia. Obrigue-os a escutarem-me!

747

TESS GERRITSEN

- Mais devagar, Abby. Diga-me o que está a acontecer. Ela respirou fundo.

- Nina Voss vai receber um segundo transplante esta noite - disse ela. - Dr. Tarasoff, creio que já sei como isto funciona. Eles não trazem os corações de avião de outros lugares. As colheitas são feitas mesmo aqui, em Boston!

- Ora, Abby, eu soube por Mr. Parr que a senhora ultimamente tem andado debaixo de uma grande tensão. Não é possível que seja …

- Escute. Por favor, escute-me! - Abby fechou os olhos, obrigando-se a manter a calma, a parecer racional. - Vivian telefonou-me hoje de Burlington. Descobriu que os órgãos não vinham do Vermont.

- Então, onde são feitas as colheitas?

- Não tenho bem a certeza. Mas creio que são feitas num edifício em Roxbury. Produtos Médicos Amity. A Polícia tem de ir lá esta noite antes que a colheita seja feita.

- Não sei se consigo convencê-los.

- Tem de conseguir! Dr. Tarasoff, isto não é apenas um serviço de compatibilização de órgãos. Eles estão a gerar dadores. Eles andam a

matar pessoas.

Abby ouviu uma mulher gritar ao fundo:

- Ivan, não vens? O jantar está a arrefecer.

- Tenho de passar sem ele, querida. Surgiu uma emergência. - A voz dele fez-se ouvir de novo para o telefone, baixa e pesarosa: -

Penso não ter de lhe dizer que tudo isto me assusta, Abby.

- Eu própria estou assustada de morte.

- Então, vamos já directos à Polícia, deixar o problema nos braços deles. É demasiado perigoso para sermos nós a resolvê-lo.

- De acordo. Cem por cento. Pode vir buscar-me? Estou enregelada. E cheia de medo.

- Onde está?
- Numa cabina telefónica alguns quarteirões a leste de Bayside.
- Eu dou consigo.
- Dr. Tarasoff?
- Sim?
- Por favor, despache-se - sussurrou Abby.

DEZASSEIS

MERCEDES ESCURo arrastou-se ao longo da estrada e parou ao “lado da cabina telefónica. Abby só pôde supor que era Tarasoff. Correu para a porta do passageiro e entrou lá para dentro.

- Graças a Deus que chegou. Vamos embora daqui.

Enquanto Tarasoff se afastava do passeio, Abby olhou para trás para ver se alguém os seguia. A estrada atrás deles estava escura.

- Vê alguns carros? - perguntou ele.

- Não, penso que está tudo bem. Tarasoff soltou um suspiro tremido.

Eu não sou muito bom a fazer isto. Nem sequer gosto de ver filmes policiais. Está a portar-se muito bem. Vamos já para a esquadra. Tarasoff olhou com nervosismo para o retrovisor.

Acho que acabei de ver um automóvel. Vou virar aqui. Vamos lY ver o que acontece.

Abby olhou para trás, mas não viu nada. Enquanto dobravam a esquina, manteve o olhar fixo na estrada atrás deles. Não viu faróis nem mais carro nenhum. Só quando abrandaram, acabando por parar, é que ela se voltou para a frente.

- Que se passa?
- Não se passa nada. - Tarasoff desligou os faróis.
- Porque é que o senhor … - As palavras de Abby ficaram silenciadas na sua garganta enquanto a sua porta era escancarada. De súbito, várias mãos se estenderam na sua direcção e ela foi arrastada para o meio da noite. Lutou às cegas contra os seus captores, mas não conseguiu libertar-se das garras deles. As suas mãos foram puxadas para trás das costas e os pulsos atados juntos. Taparam-lhe a boca com adesivo. Em seguida, foi erguida no ar e atirada para o porta-bagagem de um automóvel próximo. O porta-bagagem foi fechado com estrondo, deixando-a presa na escuridão.

Começaram a andar. Ela virou-se de costas e bateu com os pés para cima, uma e outra vez, até mal conseguir levantar as pernas. Era inútil; ninguém conseguia ouvi-la. Exausta, deitou-se de lado, toda encolhida, e obrigou-se a reflectir.

Tarasoff. Como está ele envolvido nisto? Lentamente, enquanto ali se encontrava na escuridão apertada, o puzzle concluiu-se peça por peça. Tarasoff era chefe de uma das equipas de transplantes cardíacos mais respeitadas da Costa Leste. A sua reputação atraía doentes desesperados de todo o Mundo, doentes com dinheiro suficiente para recorrerem a qualquer cirurgião que escolhessem. O que eles não podiam comprar era aquilo de que precisavam para se manter vivos: corações. Corações humanos.

Era isso que a equipa de transplantes de Bayside podia fornecer. Abby lembrou-se daquilo que Tarasoff dissera uma vez: “Eu próprio já tenho enviado doentes para Bayside.” Ele era o intermediário de Bayside. O agente de compatibilização.

Sentiu o automóvel travar e virar. Os pneus rolaram em cima de cascalho e depois pararam. Ouviu-se um ribombar distante, um som que

ela reconheceu como o de um jacto a descolar. Ela sabia exactamente onde se encontravam.

O porta-bagagem foi aberto. Ela foi retirada para o meio de um vento que soprava de forma irregular e cheirava a gasóleo e a mar. Foi semitransportada, semiarrastada pelo pontão e depois pela rampa de embarque. Abby só conseguiu avistar de relance o convés do sombrio navio de carga, e depois foi arrastada para baixo por uma escada que chocalhava e tilintava.

Uma porta chiou ao abrir, e Abby foi atirada lá para dentro, para o meio da escuridão. Continuava com as mãos atadas atrás das costas. Ela não conseguiu proteger-se da queda, e o seu queixo bateu com força contra o chão. A dor perpassou-lhe o crânio.

Ela rolou sobre si própria, ficando de costas, e tentou focar o olhar. Conseguiu vislumbrar a silhueta de Tarasoff, de pé, na passagem tenuemente iluminada. Estremeceu quando um dos homens se baixou e lhe arrancou a fita adesiva da boca.

- Porquê? - sussurrou ela. - É por dinheiro?

- O dinheiro não significa nada se não se consegue comprar aquilo de que se precisa - respondeu Tarasoff.

- Como um coração?

- Como a vida da nossa própria filha ou da nossa mulher, ou do nosso irmão. Você, mais do que ninguém, devia compreender isso, Dra. Abby DiMatteo. Sabemos tudo sobre o acidente do pequeno Pete. Pense bem no que a senhora teria dado para salvar a vida do seu irmão.

Abby não disse nada. Pelo silêncio, Tarasoff ficou a saber a resposta.

- Imagine o que é - continuou ele - ver a sua própria filha morrer. Ter todo o dinheiro do Mundo e saber que ela ainda tem de esperar pela sua vez. Depois dos alcoólicos, dos toxicodependentes. Dos vigaristas da assistência social, que nunca trabalharam um só dia durante toda a sua vida. - Fez uma pausa. - Imagine.

A porta fechou-se. O ferrolho chiou ao ser colocado no seu lugar. Abby jazia na mais absoluta escuridão. Ouviu o chocalhar das escadas enquanto os três homens voltavam a subir para o convés. Depois, só ouviu o vento e o gemido do navio com os cabos em tensão.

Imagine. Abby fechou os olhos e tentou afastar Pete. Mas lá estava ele à sua frente, orgulhosamente vestido com o uniforme de lobito.

Que teria eu feito para te salvar? Tudo, Algo se mexeu na escuridão. Abby ficou paralisada. Ouviu novamente o ruído, um levíssimo sinal de movimento. Ratazanas. Enroscou-se mais, tentando evitar o barulho, e debateu-se, querendo pôr-se de pé.

Ouviu depois um leve clique. Um súbito clarão de luz inundou-lhe as retinas. Deu um puxão para trás. Uma lâmpada sem quebra-luz balançava lá no alto, tilintando contra a corrente de puxar.

Não era uma ratazana que ela ouvira na escuridão. Era um rapaz.

Fitaram-se mutuamente sem qualquer deles dizer uma palavra. Embora ele estivesse de pé, imóvel, ela percebeu o cansaço nos seus olhos, as pernas magras e nuas por baixo de calções, tensas para a fuga. Parecia ter cerca de dez anos, era muito pálido e muito

louro. Abby notou-lhe uma mancha azulada no rosto e percebeu, com um súbito acesso de ira, que não era sujidade, mas uma nódoa negra.

Avançou um passo na direcção dele, que retrocedeu imediatamente.

- Eu não te faço mal - disse ela. - Só quero falar contigo. Esboçou-se uma ruga ao longo da testa. O miúdo abanou a cabeça e disse qualquer coisa, mas a resposta pareceu-lhe incompreensível. Agora, era a vez dela de franzir o sobrolho e abanar a cabeça. Olharam um para o outro, partilhando o mesmo espanto.

De súbito, olharam os dois para cima. Os motores do navio tinham acabado de ser ligados. Momentos depois, Abby sentiu o balanço do casco. Tinham largado do cais e já estavam a andar.

Mesmo que eu me livre destas ataduras, deste quarto, não tenho para onde fugir

Desesperada, voltou a fitar o rapaz. Ele deixara de prestar atenção ao barulho dos motores. Em vez disso, afastara-se para o lado e olhava fixamente os pulsos atados, presos atrás das costas. Olhou para baixo, para o seu próprio braço. Só então Abby reparou que ele não tinha a mão esquerda, pois o antebraço terminava num coto. O rapaz voltou a olhar para ela e falou de novo.

- Não percebo o que estás a dizer - disse ela. Fitaram-se mutuamente, ambos frustrados. Depois, o rapaz ergueu o queixo. Ela percebeu que ele tomara alguma decisão. Deu uma volta até às suas costas e puxou-lhe os pulsos, tentando soltar os atilhos com a sua única mão. A-corda estava demasiado apertada. Então, ajoelhou-se no chão atrás de Abby. Ela sentiu os dentes dele a mordiscarem a corda, o calor do hálito dele contra a sua pele, enquanto começava a roer as ataduras, qual rato pequeno mas determinado.

- DESCULPE, mas a hora da visita acabou - disse uma enfermeira.

- Esperem, os senhores não podem entrar aí. Pare!

Katzka e Vivian passaram mesmo em frente da secretária das enfermeiras e empurraram a porta do quarto de Abby.

- Onde está ela? - perguntou Katzka. O Dr. Colin Wettig voltou-se e fitou-os.

- Desapareceu.

- O senhor disseme que ela aqui estaria vigiada - estranhou Katzka, - Que lhe aconteceu?

- E uma pergunta que vai ter de fazer à Dra. Abby. Era a voz neutra de Wettig que encolerizava Katzka. Isso e o seu olhar impassível.

- Ela estava a seu cargo, doutor. O que é que o senhor fez com ela?

- Não estou a gostar das suas insinuações. Katzka atravessou o quarto, agarrou na lapela da bata de Wettig e empurrou-o contra a parede.

Caramba - disse ele. - Para onde a levou? Os olhos azuis de Wettig revelaram finalmente uma centelha de medo.

Já lhe disse que não sei o paradeiro dela! As enfermeiras chamaram-me às seis e meia para me dizer que ela tinha desaparecido. Nós alertámos a segurança. Já procuraram por todo o hospital, mas não conseguem encontrá-la.

Vivian deu um passo em frente e tentou separá-los. Katzka libertou Wettig com brusquidão. O homem mais velho balouçou para trás de encontro à parede.

Eu pensava que, dado o seu estado alucinado, ela estaria mais segura no hospital - disse ele. - Eu não me apercebi de que ela pudesse estar a dizer a verdade. - Wettig retirou um pedaço de papel do bolso e entregou-o a Vivian. - As enfermeiras acabaram de me dar isto.

- Que é isso? - perguntou Katzka. Vivian franziu o sobrolho.

Esta é a análise do grau de alcoolemia do sangue de Abby. Está em zero.

- Eu mandei fazer outra esta tarde e enviei-a para um laboratório independente - explicou Wettig. - Ela não parava de insistir que não tinha tido intoxicação nenhuma. Pensei que, se conseguisse confrontá-la com provas inegáveis, podia obrigá-la a desdizer-se.

- O senhor disseme que o grau de alcoolemia dela era 0,21.

- Na análise feita às quatro da manhã no laboratório de Bayside.

- Mas agora não há álcool nenhum no organismo dela - disse Katzka.

O que me diz que ou o fígado dela metaboliza o álcool a uma velocidade surpreendente - disse Wettig - ou o laboratório de Bayside cometeu um erro.

É isso que o senhor lhe chama? - disse Katzka. - Um erro? Wettig parecia esgotado. E muito velho.

Eu não me tinha apercebido … eu não quis considerar a possibilidade …

De que Abby estivesse a falar verdade? - perguntou Vivian. Wettig abanou a cabeça.

Meu Deus - murmurou ele. - Este hospital devia ser fechado se o que ela diz é verdade.

Katzka sentiu o olhar de Vivian e retribuiu-lho. Ela perguntou-lhe baixinho:

E agora, ainda tem dúvidas?

746

COLHEITA MACABRA

DURANTE VÁRIAS HORAS, o rapaz dormira no colo de Abby, o hálito quente dele contra o seu pescoço. Jazia inerte, de braços e pernas abertos, como acontece com as crianças quando estão profunda e confiantemente adormecidas. Ele tiritava quando ela o abraçara pela primeira vez. Abby massajara-lhe as pernas nuas, e era como quem friccionava paus frios e secos. A certa altura, os tremores tinham parado, e ela sentira aquela libertação de calor que as crianças emitem quando finalmente adormecem. Então, também ela dormiu um bocado.

Quando acordou, o vento soprava com mais força. Ela ouvia-o por ,entre os gemidos do navio. Acima deles, a lâmpada despida balouçava. @,O rapaz choramingou e mexeu-se. Soltou um leve gemido e estremeceu ao acordar. Quando olhou para ela, um brilho de reconhecimento apareceu pela primeira vez nos seus olhos.

- Ah-bii - sussurrou ele. Abby assentiu com a cabeça. _ Muito bem, Abby. Ainda te lembras. Sorrindo, afagou-lhe o rosto, e os seus dedos percorreram-lhe a contusão azulada.

- E tu és … Yàkov. Ele assentiu com a cabeça. Sorriram os dois, e Abby roçou a boca por uma sobrancelha loura e sedosa. Quando ergueu a cabeça, sentiu os lábios molhados. Não das lágrimas do rapaz, mas das suas. Voltou o rosto de encontro ao seu próprio ombro para limpar as lágrimas. Quando voltou a olhar para ele, viu que a observava com aquele silêncio fascinado que lhe era peculiar.

- Estou aqui - murmurou ela, sorrindo. Passado algum tempo, as pálpebras dele fecharam-se, e o seu corpo relaxou-se mais uma vez no torpor confiante do sono.

- POR FALAR CM mandado de busca - disse Lundquist, dando um pontapé na porta, que se escancarou e bateu contra a parede. Entrou cuidadosamente na sala enquanto Katzka ligava o interruptor da luz

Os dois homens piscaram os olhos quando a luz intensa os atingiu directamente. Brilhava com uma intensidade que cegava, proveniente de três lâmpadas suspensas do tecto. Para todos os lados para onde olhavam, viam superfícies brilhantes. Armários de aço inoxidável. Tabuleiros de instrumentos e suportes de balões de soro. Monitores cheios de botões e interruptores.

No centro da divisão, havia uma mesa de operações. Katzka aproxiMou-se dela e olhou fixamente as correias suspensas dos lados - duas para os pulsos, duas para os tornozelos, duas mais compridas para a cintura e o peito.

- Que estranho! - exclamou Lundquist. - Que tipo de cirurgia praticavam eles aqui?

Katzka voltou a olhar para a mesa, para as correias. De súbito, pensou em Abby, com os pulsos atados à mesa e as lágrimas a correrem-lhe pela cara abaixo. A recordação era tão dolorosa que ele abanou a cabeça para fazer desaparecer a imagem. O medo estava a dificultar-lhe os pensamentos. Se não conseguisse pensar, não podia ajudá-la, não podia salvá-la. Voltou-se bruscamente e saiu porta fora.

De novo no exterior, no passeio, ele e Lundquist, de pé, ergueram o olhar para o edifício da Amity. Quando entrara lá dentro na véspera, Katzka vira apenas o que era suposto ver. Não tinha visto o andar superior, aquela mesa com as correias. Há menos de uma hora, Lundquist descobrira que o edifício era propriedade da Companhia Sigaycv - a mesma companhia de Nova Jérsia em nome da qual o navio de carga estava registado. De novo a tal ligação com a Mafia russa. Até que profundidade chegava dentro da organização de Bayside?

O telemóvel de Lundquist tocou. Ele estendeu o braço para dentro do automóvel.

Katzka manteve-se diante do edifício; com os pensamentos centrados de novo em Abby, interrogando-se onde devia procurar em seguida.

- Lesma! Katzka voltou-se e viu Lundquist a acenar com o telefone.

- É o polícia marítimo. Têm um helicóptero à nossa espera.

OUVIRAM-SE PAssos a ressoar nas escadas. A cabeça de Abby levantou-se de repente. Yakov continuava a dormir nos braços dela, sem dar por nada.

A porta escancarou-se. Tarasoff, ladeado por dois homens, estava ali de pé. _ São horas de ir. - Olhou para Yakov. - Acorde-o também a ele.

Abby apertou mais Yàkov contra si.

- O rapaz não - disse ela.

- Especialmente o rapaz. Abby abanou a cabeça.

- Porquê?

- Ele é AB positivo. O único AB que, por acaso, temos em stock de momento.

Ela fitou Tarasoff. Depois, olhou para baixo, para Yakov, que tinha o rosto corado do sono. Através do peito magro, Abby sentia o bater suave do coração dele. “Nina Vôss é AB positivo”, pensou para consigo.

Um dos homens agarrou-lhe no braço e içou-a no ar. O rapaz rebolou para o chão, onde ficou caído, a piscar os olhos, muito confuso. Os outros homens rosnaram uma ordem em russo. Yàkov levantou-se, cambaleante.

Tarasoff ia à frente. Ao longo de um corredor na penumbra, por uma escada acima, e através de um alçapão até um passadiço de aço. Mesmo em frente havia uma porta azul.

De súbito, o rapaz hesitou, desatou a correr. Um dos homens agarrou-o pela camisa. Yakov deu meia volta e enterrou os dentes no braço do homem. Uivando de dor, o homem esbofeteou Yakov. O impacto foi tão brutal que atirou o rapaz ao chão.

Pare com isso! - gritou Abby.

O homem puxou Yakov, obrigando-o a pôr-se de pé, e deu-lhe outra ,bofetada. Então, o rapaz cambaleou na direcção de Abby. Ela pegou-lhe

-se a ela, como se fizesse imediatamente ao colo. O homem dirigiu ,,.,menção de os separar.

Mantenha-se afastado dele - gritou Abby. Yakov agarrou-se a ela, tremendo e soluçando encostado ao ombro de Abby, que sussurrou:

Querido, eu estou contigo. Estou aqui mesmo.

O rapaz levantou a cabeça. Ao ver o olhar aterrado dele, Abby pensou: “Ele sabe o que nos vai acontecer.”

Ela e o rapaz foram empurrados para a frente através da porta azul. Entraram num mundo diferente. O corredor para lá da porta tinha as paredes cobertas de painéis de madeira branqueada; o chão era de linóleo branco. Os passos ecoavam pelo corredor enquanto eles passavam por uma escada de caracol e dobravam uma esquina. Ao fundo do corredor havia uma porta larga.

Agora, o rapaz tremia ainda mais e estava a tornar-se pesado. Ela pô-lo no chão, colocando-lhe a mão em concha à volta do rosto. Os olhares de ambos encontraram-se durante apenas um segundo, e aquilo que não podia ser comunicado por palavras foi então partilhado através daquele único olhar. Depois, Abby pegou na mão de Yàkov e apertou-lha. Caminharam juntos em direcção à porta larga. Um homem caminhava à sua frente, outro atrás. Tarasoff conduzia o cortejo. Enquanto ele abria a porta, Abby preparou-se para a jogada seguinte. Já soltara a mão de Yakov.

Tarasoff empurrou a porta e ela escancarou-se, revelando uma sala de um branco imaculado. Abby lançou-se para a frente. O seu ombro deu um encontrão no homem que a precedia, empurrando-o contra Tarasoff, que tropeçou na soleira da porta e caiu de joelhos.

O homem que seguia Abby tentou agarrar-lhe os braços. Ela arremeteu na direcção do rosto dele e o seu punho deu-lhe um murro certeiro. Ela vislumbrou um clarão em movimento. Era Yakov fugindo a toda a velocidade e desaparecendo para lá da esquina. Agora, o homem que ela empurrara estava de novo em pé, avançando vindo da outra direcÇão. Juntos, os dois homens prenderam-na entre eles e levantaram-na no ar. Ela não parava de se debater e estrebuchar enquanto eles a levavam para a sala branca através da porta.

- Vocês têm de a dominar! - exclamou Tarasoff.

- O rapaz …

- Esqueçam-no. Ele não pode ir a lado nenhum. Ponham-na em cima da mesa.

- Ela não fica quieta! Abby ouviu Tarasoff a remexer em armários. Depois, disse com brusquidão:

- Dêem-me o braço dela. Preciso de lhe agarrar no braço! Tarasoff aproximou-se de seringa na mão. Abby deu um grito quando a agulha se enterrou. Contorceu-se, mas não conseguiu libertar-se. Voltou a contorcer-se, e desta vez os seus membros mal reagiram. As pálpebras não conseguiam manter-se abertas. Ela tentou gritar, mas

nem conseguiu inspirar outra vez.

- Metam-na na sala seguinte - exclamou Tarasoff. - Temos de a entubar agora ou perdemo-la.

Os homens levaram-na e içaram-na para cima de uma mesa. Embora completamente acordada, Abby era incapaz de mover um músculo. No entanto, sentia tudo. As correias a apertarem-lhe os pulsos e os tornozelos. A pressão da mão de Tarasoff inclinando-lhe a cabeça para trás. O frio de aço do laringoscópio a deslizar para dentro da sua garganta. O seu grito de horror ecoou apenas na sua cabeça; nenhum som foi emitido. Sentiu o tubo de plástico ET a serpentear pela garganta abaixo, engasgando-a e sufocando-a. Não podia virar-se nem tentar inspirar. O tubo estava ligado a um saco de Ambu. Tarasoff espremeu o saco, e o peito de Abby ergueu-se e baixou em três exalações rápidas que lhe salvaram a vida. Então, Tarasoff retirou o saco de Ambu, ligando o tubo a um ventilador. A máquina assumiu o controle, bombeando-lhe ar para os pulmões a intervalos regulares.

- Agora, vão buscar o rapaz - ordenou secamente Tarasoff. Um dos homens saiu. O anestesista, aproximou-se mais da mesa.

- Apertem a correia do peito - disse Tarasoff. - A Succinilcolina vai deixar de fazer efeito daqui a um ou dois minutos. Não podemos tê-la a estrebuchar enquanto eu começo a administração intravenosa.

O efeito da droga já começava a desvanecer-se. Abby sentia os músculos do peito a contraírem-se em espasmos, reagindo à ofensa do tubo. Tarasoff começou a administração intravenosa. Enquanto se endireitava, viu que os olhos de Abby se tinham aberto e o fitavam. Leu a interrogação no seu olhar.

- Um fígado saudável - disse ele - não é coisa que possamos desprezar. Há um cavalheiro no Connecticut que está à espera de

um dador há mais de um ano.

Tarasoff suspendeu um segundo saco de soro no suporte.

- Ficou encantado ao saber que tínhamos finalmente encontrado alguém compatível.

“Todo aquele sangue que me tiraram nas urgências”, pensou ela, “utilizavam-no para estudar o tipo dos tecidos.”

Tarasofi` prosseguia as suas tarefas. Ligação do segundo saco ao tubo, aspirar medicamentos para dentro de seringas. Abby só conseguia olhar para ele sem dizer palavra, enquanto o ventilador bombeava ar para dentro dos seus pulmões. Um relógio na parede marcava 11. 15.

Tarasoff ouviu o barulho da porta a abrir-se e a voltar a fechar-se. Voltou-se e disse:

O rapaz anda à solta. Ainda andam à procura dele. Por isso, vamos remover o fígado primeiro. Í, Ouviram-se passos a aproximarem-se da mesa. Apareceu outro rosto, fitando Abby de cima. Ela observara tantas vezes aquele rosto do outro lado da mesa de operações. Vira aqueles olhos a sorrirem-lhe tantas vezes por cima da máscara cirúrgica. Agora, não sorriam.

Não, soluçou Abby, mas o único som que saiu foi o suave fluxo de ar através do tubo. Não …

Era Mark.

DEZASSETE

REGOR SABIA que a única forma de sair do compartimento da ré era Já através da porta azul, e esta estava trancada. O rapaz devia ter subido a escada de caracol.

Começou a trepar, com o braço ainda a latejar no ponto em que o rapaz lhe mordera. Aquele diabrete tinha-lhe causado problemas desde o início.

Chegou ao nível seguinte e passou das escadas para um espesso tapete. Estava agora nos aposentos do cirurgião e do anestesista. A ré era ocupada por duas cabinas privadas. Para a frente havia um salão bem arranjado. Gregor procurou primeiro nas cabinas e depois dirigiu-se para o salão. Antes de lá chegar, ouviu um gemido abafado.

Entrou no salão e acendeu as luzes. Onde estava o rapaz? Deu a volta à sala e depois parou.

O elevador das refeições. Correu para ele e abriu as portas. Viu apenas cabos. O rapaz já escapara para a cozinha. Gregor voltou a descer a escada. Não era uma catástrofe, a cozinha já estava garantida. O rapaz continuava encurralado.

- DESCULPA, ABBY - disse Mark. - Nunca pensei que isto chegasse tão longe.

“Por favor”, pensou ela. “Por favor, não faças isso.”

- Se tivesse havido outra forma … - Abanou a cabeça. - Tu exageraste. E depois eu já não conseguia controlar-te.

Uma lágrima escorreu do olho de Abby, penetrando-lhe no cabelo.

757

TESS GERRITSEN

Por um mero instante, Abby viu sofrimento no rosto de Mark. Ele virou-lhe as costas.

- São horas de começar - disse Tarasoff. - Quer ter a honra? -

Estendeu a seringa a Mark. - Anestésico. Queremos ser humanos neste caso, ao fim e ao cabo.

Mark hesitou. Depois, pegou na seringa e voltou-se para o tubo do soro. Tirou a tampa da agulha e enterrou-a no frasco da injecção. Voltou a hesitar. Depois, fitou Abby.

“Eu amei-te”, pensou ela. “Eu amei-te tanto.” Ele empurrou o êmbolo. As luzes começaram a enfraquecer. Ela viu o rosto de Mark vacilar e depois desaparecer num charco cada vez mais profundo de cinzento.

A PORTA DA COZINHA estava trancada. Yakov tentou girar uma e outra vez o puxador, mas a porta não mexia. Lançou um olhar frenético em redor da cozinha, pensando em todos os esconderijos possíveis. Todos lhe ofereciam apenas uma cobertura temporária. Depois, acabaria por ser encontrado.

Ele teria de lhes dificultar as buscas. Ergueu o olhar para as luzes. Havia três lâmpadas simples a brilharem lá no alto. Correu para o armário, pegou numa chávena de café de louça e atirou-a à lâmpada mais próxima. A lâmpada estilhaçou-se e apagou-se.

Estava quase a atingir a lâmpada seguinte quando o seu olhar pousou subitamente na telefonia do cozinheiro. Estava no seu local habitual, em cima do guarda-louça O olhar dele seguiu a extensão da telefonia, que ia até ao tampo da bancada onde se encontrava a torradeira.

Yákov olhou para o fogão, viu uma panela de sopa vazia, arrastou-a para fora do bico e levou-a até ao lava-louça. Depois, abriu a torneira.

UMA TELEFONIA tocava com o volume no máximo. Gregor empurrou a porta da cozinha. Tambores e guitarras eléctricas estrondeavam na escuridão. Tentou encontrar o interruptor da

parede e ligá-lo. Não havia luz. Deu um passo em frente e a sua sola de couro rangeu sobre vidro.

O diabrete partiu as luzes. Vai tentar esgueirar-se aqui mesmo ao meu lado, aproveitando-se do escuro.

Gregor fechou a porta, trancou-a e voltou-se para a escuridão.

- Vá lá, rapaz - gritou ele. - Não vai acontecer-te nada! Ouvia apenas o rádio a estrondear. Dirigiu-se para o ponto de onde vinha o barulho e depois parou para acender um fósforo. A telefonia estava pousada no tampo da bancada mesmo à sua frente. Quando Gregor desligou a música, reparou no cutelo da carne em cima da bancada. A seu lado jaziam aparas do que parecia ser borracha castanha.

Com que então ele anda a mexer nas facas do cozinheiro, não é verdade?

O fósforo apagou-se. Gregor puxou da pistola e chamou.

- Miúdo? - Só então notou que tinha os pés molhados. Acendeu outro fósforo e olhou para baixo.

Estava de pé dentro de uma poça de água que já lhe tinha penetrado nos sapatos. A luz tremeluzente da chama, Gregor esquadrinhou a zona em redor dos pés e viu que a água já chegava até meio da cozinha. Depois, viu a extensão eléctrica com a extremidade cortada, um fio a brilhar na borda do charco. Muito espantado, examinou o comprimento do fio, que serpenteava pelo chão e subia com uma laçada até ao cimo de uma cadeira.

Imediatamente antes de o fósforo se apagar, a última imagem que Gregor registou foi o brilho desmaiado de cabelo louro e a figura do rapaz, com o braço estendido para a tomada da parede.

A extremidade do fio pendia-lhe da mão.

TARASOU estendeu o bisturi.

- Faça você a primeira incisão - disse ele, e viu o olhar aflito do outro homem.

Não tens hipótese, Hode11. Foste tu que tentaste recrutá-la. Foste tu que cometeste o erro. Agora, tens de corrigi-lo.

Mark pegou no bisturi. O suor brotava-lhe da testa e fez uma pausa, com a lâmina pousada sobre o abdómen exposto. Ambos sabiam que aquilo era um teste - talvez o último.

Vamos em frente. Archer desempenhou o seu papel tratando da saúde a Mary Allen. Tal como Zwick, fez relativamente a Aaron Levi. Agora, é a tua vez. Prova que ainda fazes parte da equipa. Corta a mulher com quem em tempos fizeste amor Faz isso.

Mark respirou fundo e premiu a lâmina de encontro à pele. Vd. Mark cortou. Uma longa incisão curva. A pele abriu-se e uma linha de sangue brotou e escorreu para os panos cirúrgicos.

Tarasoff descontraiu-se. Mark, afinal, não ia constituir problema. Com efeito, tinha ultrapassado o ponto sem retorno como cirurgião efectivo já há anos. Uma noite de muita bebida, algumas sniffadelas de cocaína. Na manhã seguinte, uma cama estranha e uma bonita estudante de enfermagem estrangulada na almofada a seu lado. E Mark que não se lembrava do que realmente acontecera. Era tudo muito persuasivo.

E depois houvera o dinheiro para consolidar o contrato. Suborno e ameaças. Funcionava quase sempre. Tinha funcionado com Archer, Zwick e Mohandas. E com Aaron Levi também - durante algum tempo. A sociedade deles fora fechada, meticulosa relativamente à guarda dos respectivos segredos. E os lucros que tinham eram suficientes para comprar os melhores dos médicos, a melhor de todas as equipas - uma equipa criada por Tarasoff. Os Russos limitavam-se a

fornecer as peças e a força bruta. No bloco era a equipa que fazia os milagres.

Tarasoff ajudou Mark, posicionando retractores, colocando os clamps para contenção hemorrágica. Estavam agora na cavidade abdominal.

As luzes tremeluziram e quase se apagaram de vez.

- Que se passa? - perguntou Mark. Ambos olharam para as luzes. As luzes ficaram de novo mais brilhantes, voltando à sua intensidade máxima.

- Foi apenas uma falha. Ainda ouço o gerador - disse Tarasoff.

- Não é o cenário ideal: um navio a balouçar, a energia a falhar …

- É uma solução temporária até arranjarmos uma substituição para o edifício da Amity. - Acenou com a cabeça para o local da cirurgia.

- Prossiga.

Mark ergueu o bisturi e parou. Talvez a realidade do que estava a fazer começasse a pesar-lhe.

- Há algum problema? - perguntou Tarasoff.

- Não. - Mark engoliu em seco. Começou de novo a cortar, mas a sua mão tremia. Ergueu o bisturi e respirou fundo por várias vezes.

- Não temos muito tempo, Dr. Hode11. Há outro dador para operar.

- Só que … Não está calor aqui dentro?

- Não noto. Continue. Mark assentiu com a cabeça. Pegando com força no bisturi, estava prestes a fazer outra incisão quando ficou subitamente paralisado.

Tarasoff ouviu um barulho atrás de si: a porta a fechar-se. Mark, de olhar em frente, ergueu o bisturi. A explosão pareceu atingi-lo em cheio no rosto. A cabeça de Mark foi atirada para trás; e depois o seu corpo caiu por terra, inerte. Tarasoff deu meia volta para olhar para a porta, avistando um pouco de cabelo louro e o rosto lívido do rapaz.

A pistola disparou uma segunda vez. O tiro perdeu-se, e a bala estilhaçou uma porta de vidro do armário de provisões. Choveram cacos para o chão. O anestesista procurou cobertura atrás do ventilador.

Tarasoff retrocedeu, com o olhar sempre fixo na pistola. A mão que a segurava tremia demasiado para atirar a direito. “É apenas um rapaz”, pensou Tarasoff. Um rapaz assustado cujo braço não parava de vacilar indefinidamente entre o anestesista e Tarasoff.

Tarasoff olhou para o tabuleiro dos instrumentos e avistou a seringa de Succinilcolina. Ainda continha uma quantidade mais do que suficiente para neutralizar a criança. Deslocou-se lentamente para o lado, passando por cima do corpo de Mark. Depois, a arma balançou na sua direcção e ele ficou paralisado.

Agora, o rapaz começara a chorar, com a sua respiração entrecortada à mistura com lágrimas.

- Pronto - acalmou-o Tarasoff. Depois, sorriu. - Não tenhas medo. Eu só estou a ajudar a tua amiga. Ela está muito doente.

O olhar do rapaz centrou-se na mesa. Na mulher. Deu um passo em frente, depois outro. Deixou subitamente escapar um gemido forte e intenso. Ele não ouviu o anestesista a fugir da sala. Nem pareceu ouvir o ronronar fraco do helicóptero.

Tarasoff retirou a seringa do tabuleiro. Aproximou-se mais em silêncio. O rapaz ergueu a cabeça e o seu gemido transformou-se num grito desesperado. Tarasoff ergueu a seringa.

Nesse instante, o rapaz levantou os olhos para ele. Já não era medo, mas raiva, aquilo que brilhava no olhar do rapaz quando apontou a arma de Gregor.

Depois, disparou uma última vez.

O RAPAz não deixava a cabeceira de Abby. A partir do momento em .J.@ que as enfermeiras tinham empurrado a maca de Abby para fora do recobro, passando para a UCI, tinha ficado sempre a seu lado - um pálido e pequeno fantasma que assombrava a sua cama. Agora, estava de pé, agarrado às grades laterais, com o olhar suplicando em silêncio que ela acordasse. Finalmente, já não estava histérico, como estivera quando Katzka chegara ao pé dele no navio. Tinha encontrado o rapaz debruçado sobre o corpo esquartejado de Abby, a soluçar, implorando-lhe que vivesse. Katzka não tinha compreendido uma palavra do que o rapaz dizia, mas compreendera perfeitamente o seu pânico, o seu desespero.

Ouviram-se umas pancadinhas na janela do cubículo. Quando se voltou, Katzka viu Vivian Chão, que se dirigia para ele. Foi ter com ela no lado de fora do cubículo.

- Esse miúdo não pode ficar aqui. Está a tornar-se um estorvo - disse ela.

- Deixe o rapaz estar algum tempo com ela, está bem? - Katzka virou-se e olhou para a cama através da janela. Depois, deu consigo a lutar para sacudir a imagem sobreposta que o assombraria até ao fim da sua vida: Abby deitada na mesa com o abdómen aberto. O rapaz a chorar, fazendo-lhe festas na cara. E no chão, deitados num lago formado pelo seu próprio sangue, os dois homens - Hodell já morto, Tarasoff inconsciente e a sangrar, mas ainda vivo. Como todos os outros a bordo daquele navio de carga, Tarasoff ficara sob prisão preventiva.

Em breve, haveria mais prisões. Naquele preciso momento, as autoridades estavam a fazer a aproximação à Companhia Sigayev. Com base no que a tripulação do navio dissera, o âmbito da operação era mais vasto, e muito mais horrendo, do que Katzka poderia ter imaginado.

Piscou os olhos e voltou ao momento e local presentes: Abby, deita da do outro lado da janela, com o abdómen envolvido em ligaduras, o m

itor traçando o ritmo constante do seu coração. Durante apenas um instante, sentiu o mesmo ataque de pânico que sentira no navio quando as pulsações de Abby tinham começado a saltar à louca pelo monitor

fora. Quando pensava que estivera prestes a perdê-la e que o helicóptero que trazia Vivian e Wettig ainda estava a quilómetros de distância. Tocou no vidro e deu consigo a pestanejar repetidamente.

Atrás dele, Vivian disse baixinho:

- Katzka, ela vai ficar bem. O General e eu trabalhamos bem. Katzka assentiu com a cabeça. Sem dizer palavra, voltou a entrar no cubículo. O rapaz fitou-o com uns olhos tão húmidos como os dele.

Ah-bii - sussurrou ele. Sim, garoto. E esse o nome dela. - Katzka sorriu. Fitaram ambos a cama. Pareceu passar muito tempo enquanto se mantiveram de pé partilhando uma vigília pela mulher que nenhum deles conhecia bem, mas de quem já gostavam tão profundamente.

Finalmente, Katzka estendeu a mão.

- Vamos lá. Precisas de dormir, filho. E ela também.

O rapaz hesitou, estudando Katzka por um momento. Depois, com relutância, pegou na mão que se lhe oferecia. Atravessaram juntos a UCIC. De súbito, inesperadamente, o rapaz abrandou o passo.

- Que foi? - perguntou Katzka.

O rapaz estacou junto de outro cubículo. Katzka também olhou através do vidro. Para lá da janela, um homem de cabelo prateado estava sentado numa cadeira junto à cama do doente. Tinha a cabeça inclinada entre as mãos e todo o seu corpo era sacudido por soluços silenciosos. “Há coisas que nem Victor Voss pode comprar”,

pensou Katzka. “Agora, está prestes a perder tudo. A mulher, a liberdade.”

Katzka olhou para a mulher deitada na cama. O rosto era branco e frágil. Os olhos, entreabertos, tinham o brilho baço da morte iminente.

O rapaz aproximou-se mais do vidro. Nesse instante, enquanto se inclinava para a frente, os olhos da mulher pareceram registar um último clarão de vida. Ela fitou o rapaz. Lentamente, os seus lábios esboçaram um sorriso silencioso. Depois, ela fechou os olhos.

Katzka murmurou:

- São horas de irmos.

O rapaz olhou para cima. Abanou a cabeça com firmeza. Enquanto Katzka o observava em silêncio, sem saber o que fazer, o rapaz virou-se e dirigiu-se de novo ao cubículo de Abby.

Katzka sentiu subitamente um cansaço inacreditável. Olhou para Victor Voss, um homem destroçado, com o corpo todo dobrado para a frente de desespero. Olhou para a mulher deitada na cama, cuja alma se esgueirava no preciso momento em que ele a observava. Depois, pensou: “Tão pouco tempo. Temos tão pouco tempo na Terra para estarmos com as pessoas que amamos.”

Suspirou. Depois, também ele voltou atrás e regressou ao cubículo de Abby.

E tomou o seu lugar ao lado do rapaz.

NUNCA SE SABE onde a autora Tess Gerritsen vai aparecer. Alguns leitores podem reconhecer o seu nome através dos seus nove .policiais publicados. Navegantes da Internet podem encontrá-la conquanto exploram fóruns em linha, tais como Mulheres em Perigo e térios Médicos, além de outro sobre jardinagem.

E engraçado como recebo imensas mensagens em linha sobre Colheita Macabra - diz ela.

Os seus vizinhos, entretanto, conhecem—

como uma bonita e excelente violinista, que oca num conjunto de danças tradicionais irA

algumas pessoas podem mesmo recordar os tempos em que Tess Gerritsen exerceu medicina. Teve uma carreira de êxito como

médica no início dos anos 80 e depois reformou-se para se dedicar à família. Foi durante a sua primeira licença de parto que começou a escrever romances policiais. Recentemente, porém, Tess Gerritsen percebeu que podia combinar o toque humano dos seus romances com os seus anos de experiência médica. Colheita Macabra assinala a sua primeira incursão no reino do suspense médico, mas não será a última.

A autora vive no Maine com o marido e dois filhos em idade escolar, que lhe inspiraram os personagens Yakov e Josh de Colheita Macabra.

fim.